

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

MARIE RENEE TALOUTE

**ANÁLISE DA VULNERABILIDADE SOCIOAMBIENTAL DO HAITI FRENTE A
EPIDEMIA DA CÓLERA: O CASO DO DEPARTAMENTO DE ARTIBONITE**

MANAUS

2021

MARIE RENEE TALOUTE

**ANÁLISE DA VULNERABILIDADE SOCIOAMBIENTAL DO HAITI FRENTE A
EPIDEMIA DA CÓLERA: O CASO DO DEPARTAMENTO DE ARTIBONITE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Linha de pesquisa: Domínio da natureza.

Orientadora: Prof^{ta}. Dra. Adoréa Rebello da Cunha Albuquerque

MANAUS

2021

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

T152a Taloute, Marie Renée
Análise da vulnerabilidade do Haiti frente a epidemia do Cólera : o
Caso do Departamento de Artibonite / Marie Renée Taloute . 2021
120 f. : il. color; 31 cm.

Orientadora: Adorea Rebello da Cunha Albuquerque
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Haiti. 2. Vulnerabilidade socioambiental. 3. Epidemia. 4. Cólera.
I. Albuquerque, Adorea Rebello da Cunha. II. Universidade Federal
do Amazonas III. Título

MARIE RENEE TALOUTE

**ANÁLISE DA VULNERABILIDADE SOCIOAMBIENTAL DO HAITI FRENTE A
EPIDEMIA DA CÓLERA: O CASO DO DEPARTAMENTO DE ARTIBONITE**

Aprovado em 06 de dezembro de 2021

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Adoréa Rebello da Cunha Albuquerque, Presidente (PPGEOG/UFAM)

Prof Dr. José Camilo Ramos de Souza, Membro titular (CESP/UEA/PARINTINS)

Prof^a. Dra. Mircia Ribeiro Fortes, Membro titular (PPGEOG/UFAM)

MANAUS

2021

Dedico este trabalho ao meu pai, gratidão eterna por tudo que o senhor fez por mim. Dedico também às milhares de pessoas que morreram por causa da epidemia de cólera.

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço a Deus pela vida, a oportunidade e a persistência que me foram dadas.

Eu agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Adoréa Rebello da Cunha Albuquerque, pela acolhida, paciência, confiança, disponibilidade e orientações durante esses dois anos de estudo.

Eu agradeço aos membros da minha banca, Professora Doutora Mircia Ribeiro Fortes e Professor Doutor José Camilo Ramos de Souza pelas contribuições na qualificação.

Agradeço a minha mãe, minha inspiração. Eu não posso deixar de agradecer ao Louicenson, meu melhor amigo e namorado. Obrigada pelos incentivos e por sempre estar comigo mesmo nos momentos difíceis.

Agradeço à UFAM, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia e à CAPES pelo apoio financeiro durante esses dois anos de estudos.

Muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo analisar a situação de vulnerabilidade socioambiental do Haiti diante da epidemia de cólera. Essa grave enfermidade introduziu-se no país por meio das forças armadas nepalesas, enviadas ao território haitiano pela ONU, durante a Missão para a Estabilidade do Haiti. As primeiras notificações da doença foram registradas após a tragédia do terremoto, que devastou o país em janeiro de 2010, ao causar 220 mil óbitos e deixar 1,5 milhão de pessoas desabrigadas. Neste contexto, torna-se necessário avaliar o papel desempenhado pela ONU, no decorrer de uma crise sanitária, que provocou a mais grave epidemia de cólera. Concomitante, analisou-se a situação de fracasso dos sistemas socioeconômico e ambiental do país, responsáveis por transformá-lo em um dos mais vulneráveis do mundo. O elevado nível de degradação ambiental no Haiti, resultou em uma condição de alta vulnerabilidade socioambiental e baixa capacidade política de mitigar a redução do risco. A metodologia utilizada neste trabalho é do tipo qualitativa e a técnica de coleta dos dados é a pesquisa documental/bibliográfica, e a realização de grupo focal, auxiliar na recolha de dados. Resultados indicam que o terremoto atingiu o centro econômico, político e populacional do país, a cidade de Port-au-Prince, onde se concentravam 66% do PIB e 39% da população. As desastrosas consequências incluem: a destruição de boa parte da economia, reiteram a condição de país historicamente vulnerável aos desastres e os impactos da epidemia sobre a saúde da população haitiana. Como efeito, essa enfermidade matou mais de 10 mil haitianos e contaminou mais de 800 mil.

Palavras-chaves: Haiti, Vulnerabilidade socioambiental, Epidemia, Cólera.

ABSTRACT

This study aimed to analyze Haiti's socio-environmental vulnerability to the cholera epidemic. This serious illness was introduced to the country, through the Nepalese armed forces, sent to Haiti by the UN during the Mission for Stability in Haiti. The first reports of the disease were recorded after the earthquake tragedy, which devastated the country in January 2010, causing 220,000 deaths and leaving 1.5 million people homeless. In this context, it is necessary to assess the role played by the UN in the course of a health crisis which has caused the most serious cholera epidemic in Haiti. At the same time, we analyzed the failure of the country's socioeconomic and environmental systems, which are responsible for transforming it into one of the most vulnerable in the world. The high level of environmental degradation in Haiti has resulted in a condition of high socio-environmental vulnerability and low political capacity to mitigate risk reduction. The methodology used in this study is of the qualitative type and the data collection technique is the documental/bibliographic research, and the realization of a focal group assists in data collection. Results indicate that the earthquake hit the economic, political and population center of the country, the city of Port-au-Prince, where 66% of GDP (Gross domestic product) and 39% of the population were concentrated. The disastrous consequences include: the destruction of a large part of the economy, reaffirm the condition of a country historically vulnerable to disasters and the impacts of the epidemic on the health of the Haitian population. In effect, this disease killed more than 10,000 Haitians and contaminated more than 800,000.

Keywords: Haiti, Socio-environmental vulnerability, Epidemic, Colerae

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- VIBRIO COLERAE	15
FIGURA 2- MAPA DO DEPARTAMENTO DE ARTIBONITE	20
FIGURA 3-DINÂMICA DA PROBLEMÁTICA AMBIENTAL. IN: MENDONÇA (2016)	22
FIGURA 4- FASES QUE ENVOLVERAM A TRAGÉDIA SOCIOAMBIENTAL DO HAITI, DESDE A DEFLAGRAÇÃO DO TERREMOTO.	22
FIGURA 5- LOCALIZAÇÃO DO HAITI ENTRE AS PLACAS NORTE AMERICANA E CARIBENHA E REPRESENTAÇÃO DAS FALHAS SETENTRIONAL E ENRIQUILLO	32
FIGURA 6- MAPA SISMOTECTÔNICO DA FALHA ENRIQUILLO	41
FIGURA 7- O HAITI NO ESPAÇO CARIBENHO. PAÍS CUJA A CAPITAL É PORTO PRÍNCIPE, SITUADA A OESTE DA REPÚBLICA DOMINICANA	43
FIGURA 8- MAPA NA ESCALA DE 1:500.00 APRESENTANDO A COMUNA DE MIREBALAIS, ÀS MARGENS DO RIO ARTBONITE, ONDE SE REGISTROU OS PRIMEIROS CASOS DE CÓLERA NO HAITI, APÓS 100 ANOS QUE ESSA DOENÇA NÃO SE MANIFESTAVA	67
FIGURA 9- - LOCAL DE CENTROS DE SAÚDE QUE RELATAM CASOS DE CÓLERA EM MUNICÍPIOS AO LONGO DO RIO ARTIBONITE EM OUTUBRO DE 2010.....	68
FIGURA 10- MANIFESTO CONTRA A ONU NO HAITI E A PRECARIEDADE DAS AÇÕES DE PREVENÇÃO À CÓLERA.....	70
FIGURA 11- MANIFESTO CONTRA A ONU NO HAITI E A PRECARIEDADE DAS AÇÕES DE PREVENÇÃO À CÓLERA.....	70
FIGURA 12- CAMINHÃO DAS TROPAS DA ONU DESPEJANDO ÁGUAS RESIDUAIS NOS RIOS DO HAITI.	71
FIGURA 13-VÍTIMA DO FURACÃO EM CONTATO COM A ÁGUA.	71
FIGURA 14- CAMPANHA DE VACINAÇÃO PARA PREVENIR A CÓLERA NO HAITI.	72
FIGURA 15- PRESIDENTE JOVENEL MOISE. ELEITO EM 2016 E ASSASINADO NO PODER EM 07 DE JULHO DE 2021	73
FIGURA 16-CULTIVOS NA ÁREA DE ARTBONITE.....	81
FIGURA 17- VALE DO RIO ARTBONITE. FONTE:IT STOK PICTURES	82
FIGURA 18- TERRE NEUVE UMA DAS MAIS BONITAS COMUNAS DO HAITI	83
FIGURA 19- UNIDADES LITOLÓGICAS DO HAITI. - EXTRAÍDOS DO MAPA GEOLÓGICO – HAITI. FORMATO ARQUIVO: SHAPEFILE – BME NA ESCALA 1:250000. - HTTP://HAITIDATA.ORG	84
FIGURA 20- UNIDADES GEOMORFOLÓGICAS NA ÁREA ESTUDADA. - EXTRAÍDOS DO MAPA GEOMORFOLÓGICO – HAITI. FORMATO ARQUIVO: SHAPEFILE – BME NA ESCALA 1:250000. - HTTP://HAITIDATA.ORG	85
FIGURA 21- MAPEAMENTO DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO ARTIBONITE.....	87
FIGURA 22- SUB BACIA DA ALTA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO ARTIBONITE	88
FIGURA 23- SEÇÃO DO BAIXO SETOR DA BACIA DO RIO ARTBONITE.....	90
FIGURA 24- MAPA HIPSOMÉTRICO DA BACIA HIDROGRÁFICA DO ARTIBONITE.....	91
FIGURA 25- MIREBALAIS LOCAL DE PARTIDA DA EPIDEMIA DE CÓLERA NO HAITI	94
FIGURA 26- LOCALIZAÇÃO DO CAMPO D’ANNAPURNA – MINUSTAH EM MEILLE.....	97
FIGURA 27- INTRODUÇÃO E PROPAGAÇÃO DA CÓLERA NO HAITI.....	99
FIGURA 28- PROTESTOS POPULARES NAS RUAS EXIGINDO A ONU RETRIBUIÇÃO PARA AS VÍTIMAS DA CÓLERA	104

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. EVENTOS CICLÔNICOS CATASTRÓFICOS NO HAITI	42
TABELA 2. MISSÕES DAS NAÇÕES UNIDAS NO HAITI (1993-2014).....	55

SIGLAS E ABREVIATURAS

- ACF**- Action contre la faim
- ACTED**- Agency for technical cooperation and development
- AG** - Assemblée Générale
- BM**- Banco Mundial
- BRH**- Banco da República do Haiti
- CIAT**- Comité Interministériel de l'Aménagement du Territoire
- CARICOM** - Marché commun de la Caraïbe
- CS**- Conselho de Segurança
- DINEPA**- Direction Nationale de l'Eau Potable et de l'Assainissement
- FMI**- Fundo monetário internacional
- IDH**- Índice de desenvolvimento humano
- IHSI**- Instituto haitiano de estatístico e de informática
- MANUH** - Mission d'Appui des Nations Unies en Haïti
- MEF**- Ministério da economia
- MICIVIH** - Mission Civile Internationale en Haïti
- MINUHA** - Mission des Nations Unies en Haïti
- MINUJUSTH** - Mission des Nations Unies pour l'Appui à la Justice en Haïti
- MINUSTAH**- Mission des Nations Unies pour la Stabilisation en Haïti
- MIPONUH** - Mission de Police Civile des Nations Unies en Haïti
- MITNUH** - Mission de Transition des Nations Unies en Haïti
- MSPP** - Ministère de la Santé Publique et de la Population
- OEA** - Organisation des États Américains
- OCHA**- Gabinete para a Coordenação dos Assuntos Humanitários
- OIM**- Organização internacional de migração
- OMC**- Organização mundial do comércio
- OMS**- Organização mundial da saúde

ONU- Organização das nações unidas

OPAS- Organização Pan-americana de Saúde

PIB- Produto interior brut

PMA- País menos avançado

PNEC- Plan national d'elimination du cholera

PNUD- Programa das nações unidas para o desenvolvimento

SGNU- Sistema de segurança das Nações Unidas

SNGRS- Sistema nacional de gestão de riscos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
METODOLOGIA.....	19
Procedimentos e Técnicas.....	20
CAPÍTULO 1	23
OS DESASTRES NATURAIS E A VULNERABILIDADE SOCIOAMBIENTAL DO HAITI .	23
1.1.Fundamentação teórico-conceitual da vulnerabilidade socioambiental	23
1.2. Haiti: Um estado de vulnerabilidade crônica.....	30
1.2.1. Fatores de vulnerabilidade do Haiti	31
1.2.1.1. Fator geográfico	31
1.2.1.2.- Fatores de caráter sociodemográfico, econômico e político	34
1.3.- Histórico dos desastres naturais no Haiti.....	40
1.4.- A migração do povo haitiano: resultado da vulnerabilidade socioambiental do Haiti.....	43
CAPÍTULO II.....	49
A CÓLERA NO HAITI: FRUTO DAS MISSÕES MILITARES DA ONU NO HAITI.....	49
2.1.- A organização das nações unidas: histórico e estrutura geral.....	49
2.2.- Histórico das operações da ONU no Haiti.....	52
2.3.- As implicações da ONU no contexto político, social e econômico do Haiti.....	57
2.4.- A MINUSTAH e a liderança do Brasil	59
2.5.- A cólera no Haiti no contexto pós terremoto: resultado da missão de estabilização no Haiti (MINUSTAH) e da precariedade do sistema sanitário.....	64
2.5.1- A chegada da epidemia de cólera no departamento do centro e a progressão do vírus no Haiti	64
2.5.2.- Os fatores do desenvolvimento do vírus e sua propagação no país.....	68
2.5.2.1.- Falhas no sistema de saneamento básico.....	74
2.6.- Impactos da epidemia de cólera sobre Haiti	79
CAPÍTULO III	81
UM OLHAR SOBRE O DEPARTAMENTO DE ARTIBONITE: EPICENTRO DA EPIDEMIA	81
3.1.- Caracterização do departamento de Artibonite.....	82
3.2. Caracterização da bacia hidrográfica do rio de Artibonite.	86
3.3. Artibonite: Afluente importante da rede hidrográfica do Haiti.....	92
3.3.1.- Sua representação para o departamento	92
3.3.1.1.- Motor agrícola e econômico.....	93
3.4. Os processos de contaminação do rio e vetor de difusão da doença na região	93
3.5. Os impactos do surto de cólera na escala do departamento.....	99
3.6.- As políticas de gestão da epidemia no país e atenuação dos efeitos causada pela a doença	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
O Haiti foi abalado por vários episódios de crises desde seu estabelecimento como Estado. Essas crises são relevantes tanto na esfera político-econômica como social e ambiental. A instabilidade política, o domínio estrangeiro, dados sociais trágicos e economia e incipiente, são fatores que comprovam e podem explicar o atual contexto de pobreza, de vulnerabilidade e fragilidade do Estado.....	109
REFERÊNCIAS	112
HAMANN, E. P. A participação da América Latina e do Caribe nas operações de paz da ONU. Instituto Igarapé, Revista Dialogo, de 2018.....	115

INTRODUÇÃO

Em 01 de janeiro de 1804, o Haiti se estabeleceu como uma nação, todavia, sempre tem enfrentado graves problemas, tanto no plano político e econômico, como no plano socioambiental. As instabilidades derivadas desse enfrentamento atingiram a vanguarda do cenário atual, transformando-o em um dos países mais instáveis do mundo. Os fatos decorrentes desse agravo enquadram o Haiti como o único país do Hemisfério Norte Americano com baixo Índice de Desenvolvimento Humano. Com efeito, o seu IDH é de 0,503, fazendo-o ocupar o 169º lugar no ranking mundial (PNUD, 2019), seu PIB por habitante era US \$756 em 2019 segundo dados e informações do Banco Mundial. Neste cenário, o Haiti transforma-se no único país norte americano a fazer parte do grupo dos países menos avançados, onde três quartos (3/4) da população vive na pobreza e 78% lutam para viver com menos de US \$2 por dia. Dados recentes informam que a metade dos haitianos sobrevive sob um estado de indigência com menos de US \$1/dia, (Banco mundial, 2019).

Nas duas últimas décadas, o país foi atingido por fenômenos naturais que repercutiram efeitos negativos sobre a situação econômica e social. As consequências dramáticas do terremoto em 12 de janeiro de 2010 e as do furacão Matthew, que atingiu o Haiti em 04 de outubro de 2016, demonstraram até que ponto o Haiti é vulnerável às catástrofes naturais. Além da incapacidade administrativa e financeira para prevenir riscos, existem fatores de ordem natural, como as condições topográficas, que favorecem à existência de uma grande e intrincada rede de bacias hidrográficas e à formação de zonas inundáveis principalmente, no ambiente degradado. Neste mesmo ambiente, que foi alterado pelos desastres naturais, registou-se menos de 2% de cobertura florestal (CIAT, 2010).

As contingências ciclônicas e geológicas, associadas à fragilidade política do país no plano econômico e estrutural, traduzem a situação de vulnerabilidade e o problema humanitário. À instabilidade político-econômica, aos problemas ambientais e às insalubridades públicas, acrescentou-se o aparecimento do *Vibrio cholerae* no mês de outubro de 2010. Essa circunstância acentuou a crise sanitária, constituindo-se dessa forma, os trágicos pilares que nos permitem compreender e estudar a vulnerabilidade do país.

Neste contexto, o presente estudo procura analisar sob a égide da pesquisa qualitativa o quadro de vulnerabilidade socioambiental do Haiti frente à epidemia de cólera. Uma

epidemia que se abateu sobre Meille, uma localidade do Departamento¹ do centro que partilha um afluente do rio Artibonite, e que gradualmente disseminou-se em todo o país alguns meses depois do sismo de janeiro 2010 e, devastou particularmente a Zona Metropolitana de Port-au-Prince ao destruir 80% da cidade de Leogane. Este sismo de magnitude 7.3 na Escala Richter matou mais de 220.000 pessoas, feriu mais de 300.000 e deixou mais de 1.5 milhão desabrigadas. Mais de 3 milhões de pessoas foram atingidas durante o tremor de terra. Estima-se que as perdas causadas por este sismo ascendam a 7.804 milhões de dólares, ou seja, um valor superior ao PIB do país em 2009. Aquele terremoto afetou todos os setores do Haiti, tanto na natureza como na economia local, com efeito, do ponto de vista socioeconômico e ambiental, o país estava praticamente devastado.

Ao descrever esse cenário, informa-se que mais da metade da população haitiana não tinha acesso aos serviços de saúde nem à água potável, 30% das crianças sofriam de má nutrição crônica e mais de 500.000 crianças entre os 6 e os 12 anos não estavam escolarizadas. A deflagração do abalo sísmico agravou o quadro de precarização sanitária do Haiti e teve particularmente um impacto no setor da saúde, pois, mais de 50 hospitais e centros de saúde foram devastados nas áreas da capital, fragilizando assim a capacidade do país em responder às necessidades de cuidar da população sinistrada. Essa situação agravou-se efetivamente com a chegada da epidemia de cólera.

A cólera é uma doença infecciosa causada por uma bactéria chamada *Vibrio cholerae*. É transmitida geralmente através da água contaminada pelas fezes, em que o micróbio de cólera, quando se encontra nos nossos intestinos, é capaz de se fixar e desencadear a desidratação que ocasionam a diarreia e os vômitos. A principal complicação da cólera é a desidratação, e em alguns casos, pode levar a um estado de choque e à morte do paciente em poucas horas, conforme explicou Renaud Piarroux, especialista da cólera mandatado pela França no Haiti. Desde a sua aparição em solo haitiano, essa doença foi objeto de diversas especulações. De um lado, há aqueles que apoiam a teoria do paradigma ambiental da cólera, como vários cientistas, incluindo a microbiologista ambiental americana Rita Colwell e o David Sacks que opinou que a explicação mais provável para o surto de cólera no Haiti foi o

¹ O Haiti é um estado unitário e a Constituição de 1987 divide o território em 10 Departamentos.

aumento da temperatura e da salinidade nos estuários do rio em torno da baía de Saint-Marc². De acordo com essa teoria, o contágio pelo cólera no Haiti é devido ao aquecimento global. Esta hipótese explica que, devido ao aquecimento global, o vibrião patogênico que ataca o intestino ter-se-ia fixado nos plânctons, passando a sobreviver por longos períodos em zonas costeiras. Assim como as bactérias, o *Vibrio cholerae*, portador da toxina da cólera, é hospedeiro natural do meio marinho (Figura 1). A teoria do paradigma ambiental relaciona, então, um grande problema de saúde com as alterações climáticas.



Figura 1- Vibrio cholerae

Fonte: Drauzio varella,2020.

A cólera é uma doença infectocontagiosa que se instala no intestino delgado. A principal causa é uma enterotoxina produzida pela bactéria vibrião colérico (*Vibrio cholerae*). A formas de transmissão é fecal-oral ocorrendo através da água e de alimentos contaminados pelas fezes ou pela manipulação de alimentos por pessoas infectadas, sejam elas sintomáticas ou não. Já foram registrados casos em que peixes, frutos do mar, como ostras e mexilhões, crus ou mal- cozidos, e gelo fabricado com água não tratada foram veículos de transmissão da doença. A enfermidade é de notificação compulsória às autoridades de saúde (Extraído do site Dr. DRAUZIO VARELLA, em 04/10/2020).

O conhecimento sobre essa enfermidade é compreendido como o resultado do desequilíbrio ecológico, desenvolvido sob a Teoria do Complexo Patogênico de Max Sorre (COSTA,1999). As condições climáticas e a qualidade do meio ambiente constituem os pilares do entendimento desta Teoria, sendo que, a discussão científica associada ao

² Saint-Marc é uma cidade costeira que fica no sul do departamento de Artibonite. É a segunda maior cidade do departamento. De acordo com os dados de IHSI, em 2015, a cidade tinha uma população estimada de 266.642 habitantes, tornando-se a sétima cidade mais populosa do Haiti.

surgimento dessa doença no Haiti chega à constatação de que somente a presença do agente não era suficiente para a reprodução da enfermidade e do aparecimento de determinadas nosologias. Neste cenário, um estudo de campo realizado em 2012 não encontrou esta estirpe de bactéria patogênica nos meios aquáticos haitianos, conforme menciona a pesquisadora Daniele Lantagne:

“Agora sabemos que o vírus da cólera no Haiti é uma cópia exata do vírus da cólera do Nepal”, afirmou a investigação da americana Daniele Lantagne, encarregada pela ONU de descobrir a origem da doença. A cientista fundamentou sua afirmação através da análise da sequência completa do genoma do vírus da cólera presente no país caribenho. A fonte mais provável da introdução da cólera é de uma pessoa infectada pelo vírus do Nepal, associada à Missão da ONU em Mirebalais”, explicou.

Fonte: Daniele Lantagne – Entrevista ao Jornal Sul 21 em 23 de outubro de 2012.

A esta informação adiciona-se a evidência de um estudo divulgado em junho de 2011 pelo cientista francês Renaud Piarroux, no qual o pesquisador enfatiza que a enfermidade foi reintroduzida no Haiti por membros da missão das Nações Unidas. Assim, confirma-se que a explicação do aparecimento desta epidemia no Haiti, associa-se à permanência da missão da ONU naquele país. Na sequência, os diferentes períodos de instabilidade política que levaram à demissão do antigo presidente Jean Bertrand Aristide podem ter contribuído para a ausência da implantação de políticas eficazes no controle da doença.

Com efeito, a tropa de soldados nepaleses que chegou no Haiti, em outubro de 2010 no âmbito da Missão das Nações Unidas para a Estabilidade do Haiti (MINUSTAH), introduziu o vírus dessa enfermidade nas bacias hidrográficas locais. Entende-se que foi nas margens do setor da bacia — situada nas proximidades da base de acampamento dos soldados nepaleses — que foram construídas fossas com derramamento direto, sobre as águas do rio Artibonite, contaminando também o rio de Meille, afluente do primeiro.

Sobre a origem da cólera pode-se identificar a Índia como o berço dessa patogenia — sendo considerada uma doença de veiculação hídrica, o rio Ganges em decorrência de sua importância religiosa assume papel importante na propagação dessa enfermidade³ — constantemente atingido por uma série de rituais que o transformam em um espaço propício à disseminação da bactéria.

³ Trata-se de corpos jogados ao rio, assim como cinzas de adultos e vacas (animal dito como sagrado), simbolizando a concretização de mais um ciclo. Logo, o Ganges com sua poluição passou a ser um grande fornecedor da Cólera para o mundo. Para além das rotas comerciais que representaram o início de uma modesta

Assim como o Ganges, o rio Artibonite constituiu o principal vetor da propagação da *Vibrio cholerae* no Haiti, relacionado à mobilidade intensa da população, que o utiliza para circulação e abastecimento. Esse tipo de propagação em escala global da doença apresenta uma relação direta com a vulnerabilidade socioambiental do Haiti. A fragilidade do país em termos de infraestrutura básica de saneamento e da falta de distribuição de água potável expressa esses fatores como razões que explicam a contaminação e a propagação da cólera.

Na atualidade, a incidência ou a reincidência de várias doenças, como é o caso das doenças chamadas emergentes e reemergentes, como a cólera, a dengue, a malária e a meningite, se estabelecem como desafios — não somente para a Epidemiologia e a Medicina, que são os campos de conhecimentos classicamente destinados ao estudo dessas patologias — como às demandas que incluem a participação de inúmeros outros campos de saber, onde se mencionam o saber geográfico e os saberes que atuam no campo socioambiental.

De acordo com o Mendonça (2002), a Geografia Socioambiental como corrente de pensamento geográfico possibilita uma análise, na qual a natureza e as sociedades interagem numa relação dialética. Com base nessa premissa, a relação ambiente-doença, quando associada à falta de políticas públicas integradas aos fatores socioculturais, político-econômico e biológicos, intensifica o surgimento da doença por falta de ações voltadas à prevenção e controle do problema com eficiência. Portanto, com base nessa problemática, este trabalho possuiu o objetivo geral de analisar a situação de vulnerabilidade socioambiental do Haiti frente à epidemia de cólera e, de modo específico, procurou-se:

- ✓ Avaliar o departamento de Artibonite frente a epidemia de cólera.
- ✓ Identificar os fatores que condicionam a vulnerabilidade do Haiti associando-os às causas que conduzam a maior vulnerabilidade desse departamento.
- ✓ Subsidiar propostas e discussões que possam providenciar políticas de mitigação do problema.

globalização bacteriana, sua expansão ocorreu com outros fatores, como disputas territoriais entre as tropas russas de Nicolau I e império Turco de 1828. Outro fator que auxiliou a Cólera foi o alto índice de peregrinação à cidade de Meca. Em 1831 a doença atingiu as mediações daquele espaço contaminando os peregrinos mulçumanos de vários lugares, que ao retornarem às suas cidades transportavam junto das mercadorias que se expandiria nas mais diversas localidades. A doença chegou na Polônia, Alemanha e Hungria em 1831 (GUIMARÃES, 2020).

O Departamento de Artibonite tem sido um dos mais afetados pelo surto de cólera, para se ter uma ideia desse problema, de 20 de outubro de 2010 a 18 de março de 2012, registraram-se 107.760 doentes; 39.744 hospitalizações; 676 óbitos institucionais e 536 mortes comunitárias.

A estirpe do vírus **El TOR 01**, o mesmo vírus encontrado no Nepal, circulou pelas águas do rio Artibonite, transformando o principal rio do país no principal vetor patológico da doença. Esta situação prejudicou os municípios ribeirinhos, uma vez que os habitantes retiram água para satisfazer às suas necessidades cotidianas. Tal epidemia foi objeto de manipulação científica e de falsificação, com vista a desresponsabilizar a missão da ONU no Haiti, possibilitando assim, crédito à Teoria Ambiental. As formas de manipulação atrasaram as diligências sanitárias na luta para a erradicação da epidemia, deflagrando-se a morte de mais de 10.000 pessoas. Entre os anos de 2010 e 2018, foram notificados 813.261 casos suspeitos de cólera no Haiti. Isto deve-se à propagação violenta e rápida da epidemia desde o seu ambiente de origem até as outras partes do país. Em relação à problemática dessa epidemia que afetou o país e aos objetivos já apresentados, este trabalho estrutura-se em três capítulos, nos quais serão descritos a vulnerabilidade crônica que o Haiti está enfrentando, em especial o departamento de Artibonite, que foi o epicentro da epidemia de cólera, em outubro de 2010.

Neste contexto, o primeiro capítulo apresenta os desastres naturais e a vulnerabilidade socioambiental que o Haiti enfrenta mediante aos fatores adversários de controle dessa epidemia. O conteúdo deste capítulo remete-se à base teórica do presente estudo. O segundo capítulo é destinado à caracterização da epidemia de cólera no Haiti, como resultado das Missões das Nações Unidas em solo haitiano juntamente com a Missão das Nações Unidas para a Estabilidade do Haiti, conhecida sob a sigla da MINUSTAH. O terceiro e último capítulo destaca o departamento de Artibonite, epicentro da epidemia, que desempenhou um papel importante na contaminação e propagação da doença, assim como explana sobre essa terrível enfermidade. Concomitante, descreve as particularidades desse departamento e seu papel econômico para o país.

METODOLOGIA

Área de estudo

A Constituição⁴ do Haiti dividiu-o em dez (10) Departamentos Territoriais. O Departamento de Artibonite é a área que consiste no local deste estudo e, em termos territoriais, ocupa uma superfície de 4.887 km² sobre um total de 27.750 km², sendo sua capital Gonaïves, a quarta maior cidade do país. Artibonite, um dos dez departamentos constituintes da Divisão Territorial e Administrativa da República do Haiti (Figura 2), limita-se com os departamentos do Norte e do Noroeste, ao sul pelo departamento de Oeste, ao leste pelo departamento do Centro e a oeste pelo Golfo da Gonâve. O relevo é bastante declivoso com os maciços e as montanhas negras, uma parte do maciço dos Matheux e a cadeia das Terres Neuves. Consiste em um vasto departamento, com planícies cujo uso é destinado principalmente à agricultura. Sua rede hidrográfica é grande e essencial para o desenvolvimento agrícola, com os principais rios do Artibonite, do Quinte, do Ennery, do Estère e do Montrouis. Com efeito, o vale de Artibonite constitui o maior potencial de terras irrigadas da República do Haiti. O que possibilita a configuração de um espaço ideal para a cultura do arroz no país. Segundo estimativas referentes ao ano de 2015, elaboradas pelo Instituto Haitiano de Estatística e de Informática (IHSI), esse departamento abriga 1.727.524 habitantes. A composição territorial política de tal departamento compreende 15 municípios, praticamente todos, expostos a riscos hidrometeorológicos. Com isso, torna-se um departamento extremamente vulnerável às catástrofes naturais. Em termos numéricos cerca de 65% dos municípios do departamento estão expostos aos riscos de inundação e desabamento de terras (OCHA, 2012).

⁴ A Constituição de 29 de março de 1987 é a Lei Mãe do Haiti.

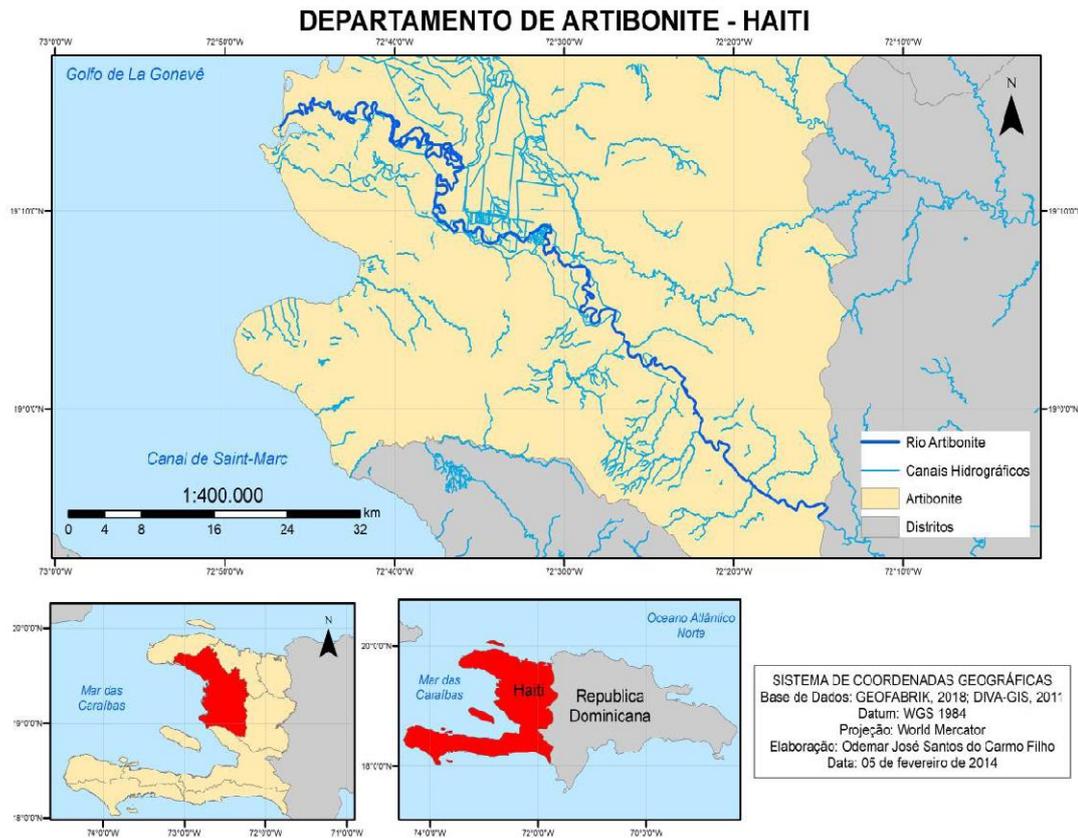


Figura 2- Mapa do departamento de Artibonite

Fonte: Org. Odemar Filho (2020) Base Cartográfica (2014)

Procedimentos e Técnicas

A abordagem metodológica seguida neste trabalho foi do tipo Qualitativa, contextualizando um estudo de caso. Considerando-se que estudos de caso se classificam dentre os tipos comuns de pesquisas qualitativas, procurou-se estudar a disseminação da cólera de forma detalhada na bacia do rio Artibonite. A coleta de dados foi efetuada por revisão de literatura acadêmica e análise documental fornecida por instituições nacionais e internacionais. Além disso, a realização de entrevistas com grupo focal constituiu um método de coletar dados para entender as ideias, atitudes, crenças, práticas e comportamento sobre o cólera na bacia do Rio Artibonite. O grupo focal constitui um meio eficaz dentro de uma comunidade para obter informações e fornecer uma estimativa válida da opinião da população sobre determinado problema, possibilitando identificar as evidências do objeto de estudo. As pessoas entrevistadas foram selecionadas com base nas suas histórias de vida, experimentadas

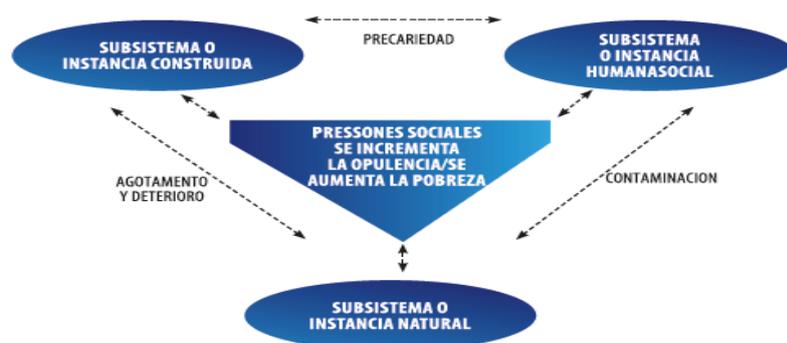
no território da bacia hidrográfica do rio Artibonite quando do contexto da pandemia de cólera que durou cerca de uma década. Essas pessoas, escolhidas de maneira heterogêneo, são vítimas e residentes na bacia expressaram a sua compreensão sobre a contaminação ambiental gerada por essa bactéria.

Sobre a abordagem qualitativa Freitas, Charbel e Jabbour (2011) ao mencionam o seguinte:

“O enfoque qualitativo apresenta as seguintes características: o pesquisador é o instrumento-chave, o ambiente é a fonte direta dos dados, não requer o uso de técnicas e métodos estatísticos, têm caráter descritivo, o resultado não é o foco da abordagem, mas sim o processo e seu significado, ou seja, o principal objetivo é a interpretação do fenômeno objeto de estudo pág.09 [...]”

A sistematização e a interpretação das fontes consultadas podem providenciar a composição da análise. Neste sentido, os sites selecionados para as consultas abrigam resultados de pesquisas desenvolvidas pelas seguintes instituições: Ministério da Saúde Pública, Organização Mundial de Saúde, Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários e a Pan American Health Organization. Além dos relatos pessoais sobre a catástrofe, a consulta de livros, teses, dissertações, reportagem de jornais e documentos oficiais podem auxiliar este estudo.

Ao considerar o caráter da situação existente no cenário da pesquisa, utilizou-se a proposta metodológica estabelecida por Mendonça (2016), na qual o autor destaca a dinâmica da problemática ambiental demonstrada na Figura 3. No quadro destaca-se que as formas de contaminação em um subsistema, por meio do processo de retroalimentação pode causar problemas no subsistema de instância humana/social.



Fonte: PNDU/UNOPS, 1997 (pg. 65)

Figure 3-Dinâmica da problemática ambiental.

Fonte: Mendonça (2016)

No que diz respeito à análise do risco trabalhou-se o conceito de risco, previsto em Souza e Lourenço (2015), que segundo esses autores, se manifesta sob as seguintes condições preexistentes: o risco consiste num objeto social definido como a percepção de um determinado perigo por um indivíduo ou grupo social. A manifestação do risco pode ser percebida pela população, sob uma condição de ameaça, quando o ser social seja capaz de perceber que pode sofrer seus efeitos.

Para estes autores existem 4 tipologias de risco, os naturais ou ambientais onde a natureza pode ou não ser controlada, os financeiros/econômicos derivados de aplicações bancárias, negócios, os riscos industriais-tecnológicos e por fim, as políticas/econômicas as quais podem gerar riscos econômicos e financeiros para os estados e países sob um contexto geopolítico de escala variada. Neste último tipo de risco, as decisões político/econômicas estão na origem dos riscos. No caso do Haiti, pode-se classificar a situação econômica entre um risco ambiental, acentuado por uma decisão política. Para Veyret (2007), as tipologias de riscos interagem umas com as outras, e um tipo de risco pode simultaneamente pertencer às diversas categorias, constituindo riscos híbridos, como o deste estudo (Figura 4).

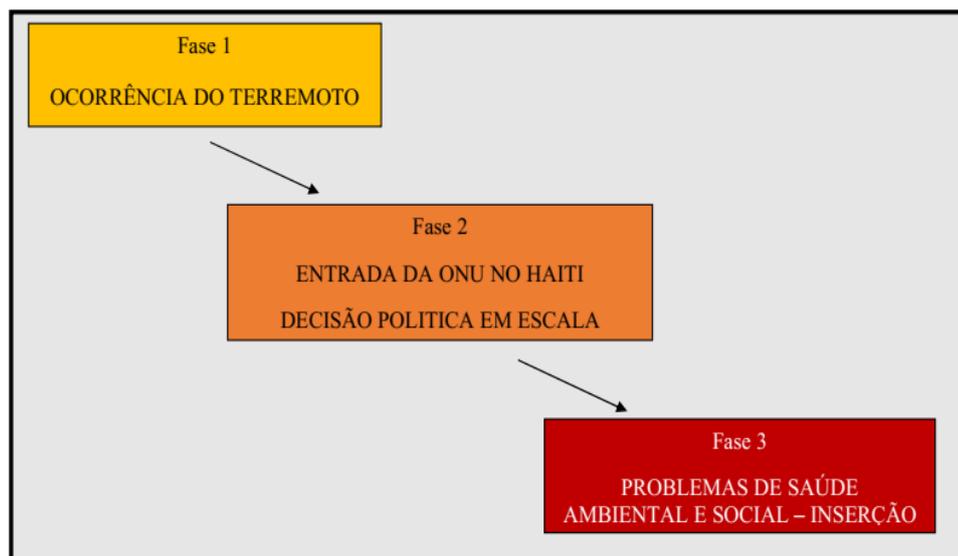


Figure 4- Fases que envolveram a tragédia socioambiental do Haiti, desde a deflagração do terremoto.

Fonte: Autoria propia

CAPÍTULO 1

OS DESASTRES NATURAIS E A VULNERABILIDADE SOCIOAMBIENTAL DO HAITI

No que concerne à revisão de literatura, apresentaremos o conceito da vulnerabilidade socioambiental como o termo central deste trabalho. Nesta visão teórico/conceitual, a configuração territorial, socioeconômica, ambiental e política do Haiti será apresentada, assim como, os fatores de vulnerabilidade enfrentados pelo país há mais de dois séculos. Uma histórica série de desastres naturais pelos quais passou o Haiti — do mais distante ao mais recente — será construída neste item. A análise da migração internacional do povo haitiano durante a última década como uma das consequências da vulnerabilidade crônica do país, também será considerada.

1.1.Fundamentação teórico-conceitual da vulnerabilidade socioambiental

O conceito da vulnerabilidade socioambiental é muito importante nos debates atuais. Neste século XXI, mais da metade da população mundial vive em espaços urbanos (VERON, 2007), e em 2050 serão 68%, segundo as estimativas da ONU (2018). Este crescimento urbano global associa-se ao desenvolvimento econômico das metrópoles e, às repercussões tornam-se consideráveis no contexto territorial e econômico, pois além de modificar a organização e a estrutura das cidades, torna-as vulneráveis aos diversos riscos de desastres naturais.

A vulnerabilidade socioambiental é estudada no campo da Geografia para analisar as implicações das atividades humanas estabelecidas entre a sociedade e a natureza; as sociedades atuam no ambiente, as implicações e o reflexo dessa ação, com efeito, causam danos à natureza. Para Roggero (2018) são as estruturas econômicas do capitalismo ocidental — que condicionam a vulnerabilidade socioambiental, ao reproduzir condições de vida precárias em ambientes deteriorados — expressando-se também como a baixa capacidade de reduzir riscos e a baixa resiliência. Desse modo, os desastres estão compreendidos como condições latentes à vulnerabilidade socioambiental, relacionadas às desigualdades sociais, econômicas e ambientais, que se materializam na exposição das populações sujeitas a estes eventos, que geram problemas sobre a saúde e a qualidade de vida, adicionando a esse quadro a baixa capacidade de governança para estratégia de redução do risco.

Na linguagem corrente, a noção da vulnerabilidade significa “qualidade do que é vulnerável”, ou seja, o lado fraco de um assunto ou questão ou o ponto pelo qual uma pessoa pode ser atacada, ferida ou lesionada, física ou moralmente. Blaikie et al (1994) sublinham a conotação social da vulnerabilidade e denotam que estar vulnerável significa compreender as características de uma pessoa ou grupo no que concerne à sua capacidade para antecipar, sobreviver, resistir e recuperar-se do impacto de uma ameaça ou perigo natural. Dessa forma, vulnerabilidade implica risco, fragilidade ou danos. Para ter um dano, é necessário um evento potencialmente adverso, ou seja, um risco, que pode ser exógeno ou endógeno, incapacidade de responder positivamente diante de tal contingência, e impossibilidade para adaptar-se ao novo cenário gerado pela materialização do risco. A vulnerabilidade é um conceito multidimensional e pode traduzir um desequilíbrio entre o ser humano e a natureza — considerar-se o ser humano como agente principal na modelagem dos sistemas terrestres, na visão antropocêntrica abordada pelo Riter e Vidal de la Blache — remete-se a problemática socioambiental cuja origem advém da ação humana (RODRIGUEZ; SILVA, 2002; MENDOÇA, 1993 apud TEIXEIRA et al, 2017).

Para compreender o termo vulnerabilidade, vale ressaltar os conceitos de riscos e de desastres como conceitos latentes. Estes conceitos são interdependentes, pois o potencial de vulnerabilidade aumenta, há medida que, maiores são os riscos de catástrofes.

O risco é entendido como a relação entre uma ameaça (*aléa* na linguagem francófona ou *hazard* em inglês), que é o processo potencialmente perigoso, e da vulnerabilidade (DAUPHINE, 2001). Pode ser ilustrado assim: *Risco = Ameaça X Vulnerabilidade*.

Quanto a ameaça, diz respeito ao fenômeno, enquanto estudado em termos de probabilidade estatística de ocorrência e magnitude ou grandeza das perdas previsíveis (CASTRO, 2007). É a probabilidade de ocorrência de um processo (ou ação) perigoso e a estimativa das suas consequências sobre pessoas, bens ou ambiente, expressas em danos corporais e/ou em prejuízos materiais e funcionais, diretos ou indiretos.

Os fenômenos de que se receia a ocorrência constituem uma ameaça às populações expostas. Por assim dizer, a ameaça não é uma probabilidade. Um fenômeno ocorrerá onde todas as condições de predisposição à sua manifestação estão reunidas e irá ativar-se, reativar-se ou agravar-se com a circunstâncias especiais (desencadeantes ou agravantes). Distinguem-se então as ameaças naturais e as ameaças antropogênicas. As ameaças naturais são *fenômenos naturais* decorrentes de processos geodinâmicos ou hidro climáticos que fazem

parte da vida do planeta. As *ameaças antropogênicas* resultam de contaminações diversas ou da realização, sem controle ou inadequada de atividades que geram riscos importantes.

Na contemporaneidade, a temática do desastre é bastante discutida. Essa temática é importante na compreensão do conceito da vulnerabilidade. Neste sentido, define-se desastre ou catástrofe como o resultado de eventos adversos, naturais ou provocados pelo homem, sobre um ecossistema vulnerável, causando danos humanos, materiais e ambientais e consequentes prejuízos econômicos e sociais (SOBRAL et al, 2010). O desastre pode ser entendido como a combinação de um evento e de um sistema receptor vulnerável. Outras definições compreendem o desastre como uma “interrupção séria do funcionamento de uma comunidade ou sociedade que causa perdas humanas e/ou importantes perdas materiais, econômicas e ambientais. Excede a capacidade de uma comunidade ou sociedade afetada de fazer frente à situação utilizando seus próprios recursos”. O desastre é o resultado da combinação de ameaças, condições de vulnerabilidade e influencia na capacidade ou medidas para reduzir as consequências negativas e potenciais do risco.

Os desastres socioambientais evidenciam-se a partir da relação entre o ser humano e a natureza. São fenômenos recorrentes, que fazem numerosas vítimas no mundo. Durante o período pós-guerra mundial, cerca de 1.200 desastres naturais afetaram a vida de 2,3 milhões de pessoas em todo mundo (SOBRAL et al, 2010). As epidemias como doenças que se transmite geralmente de zoonoses ao homem, matam inúmeras pessoas, como a epidemia da gripe espanhola que afetou o mundo e matou mais de 50 milhões de pessoas (1918-1919), as pandemias de cólera, os furacões, os terremotos desastrosos como o do Haiti no ano 2010, que matou mais de 220.000 pessoas, entre outras. Os desastres naturais além de provocar perda em termo de vida humana, afetam também economicamente os países. Na ausência das medidas para reduzir os efeitos dos desastres, a tendência é aumentar a intensidade, a magnitude e a frequência dos impactos (KOBİYAMA et al., 2006). Com efeito, os desastres podem ser classificados quanto à intensidade, a evolução e a origem (CASTRO, 1998) e a duração (KOBİYAMA et al., 2006).

O desastre não é o evento adverso, como por exemplo, chuva forte, ventos intensos, tremores de terra, etc., mas é a consequência do evento em um ambiente vulnerável (CASTRO, 1999). Os debates atuais apontam, inclusivamente, que a intensificação das ameaças e da vulnerabilidade, que podem provocar grandes desastres, decorre da relação insustentável que o ser humano vem estabelecendo com o meio ambiente nos últimos séculos.

Os desastres devem ser vistos como o resultado das interações complexas entre um acontecimento físico potencialmente perigoso e as vulnerabilidades de uma sociedade, a sua infraestrutura, a sua economia e o seu ambiente, determinadas pelos comportamentos e pelas escolhas humanas (QUENAULT, 2011). Nesta perspectiva, as catástrofes naturais devem ser entendidas como catástrofes «não naturais» (CARDONA, 1993; VAN GINKEL, 2005 apud QUENAULT, 2011).

Com efeito, a influência humana tem repercussão sobre as frequências de desastres — seja pela ocupação de áreas críticas de risco ambiental, seja pelo efeito das mudanças globais — e trouxe, no entanto, um novo componente à discussão que é o carácter social dos desastres naturais. Essa nova perspectiva salienta que, os desastres naturais são também uma expressão das relações sociais estabelecidas numa determinada sociedade, necessitando de novos posicionamentos do poder público, assim como a redefinição do nível de risco culturalmente aceite pela sociedade. De acordo com Mattedi (apud LAYFTARGUES, 2000, p.111), "caracterizar a sociedade moderna como sendo de risco implica a superação da clássica imagem de que a sociedade seria uma entidade que se reproduz de forma independente da natureza". Nessa última década, o aspecto humano dos desastres é muito discutido no mundo. Ulrich Beck (2010), em seu livro *Sociedade de Risco*, apontou o carácter social dos desastres e salientou que o progresso tecnológico em um modelo de desenvolvimento econômico culminou na sociedade atual, onde a produção de riquezas traz consigo o aumento de riscos sociais, políticos, ambientais, econômicos e individuais, os quais tendem a escapar do controle das instituições. O advento dessa nova modernidade opera na fabricação de incertezas, na produção social de riscos, provocando instabilidade no mercado e desastres socioambientais. O desastre é definido como o evento prejudicial que excede as capacidades de resposta da população afetada (International Decade for Natural Disasters Reduction, 1990-2000).

Esta definição de desastre estende-se naturalmente aos danos de origem não natural. Assim, podemos ligar esta definição à catástrofe ocorrida no Haiti, em janeiro de 2010, onde um sismo de magnitude 7.3 na escala de Richter abalou a região metropolitana de Port-au-Prince, causando assim mais de 220.000 mortos. Esta catástrofe natural associa-se à condição construída pelos grupos sociais, ou seja, o condicionamento do espaço social, onde este fenômeno adquire uma amplitude tão desastrosa. Tal acontecimento infeliz coincide com a sociedade do risco descrito por Beck (2010), onde a sociedade condiciona e constrói riscos.

Note-se que um sismo da mesma magnitude no Chile ou no Japão não teria feito tantas vítimas, pois nestes países o domínio tecnológico do planejamento urbano é controlado e as construções são feitas em função deste risco sísmico. O que é totalmente diferente no Haiti, justamente onde este tipo de equilíbrio deveria ser planejado, já que o Haiti é uma terra de risco sísmico. Do ponto de vista geológico, o país é atravessado por um sistema de falhas — adicionando-se às condições de vulnerabilidade crônica que assola o país — a situação está longe de melhorar. Fatores socioeconômicos, explicam por que razão duas populações com características diferentes não sofrerão também de dois acontecimentos fisicamente idênticos.

Grandes desastres associados a terremotos, furacão, tsunamis, epidemias, vulcanismo ou ainda acidentes tecnológicos já prejudicam a vida de muitas pessoas no mundo. Os registros internacionais mostram que, a partir da segunda metade do século XX, houve um aumento significativo na frequência e na intensidade dos desastres naturais. Comprovam que a média anual de desastres saltou de 50 para 250 a partir da década 1980 em todo o mundo. Este aumento mundial da ocorrência de desastres é devido ao crescimento populacional, a segregação socioespacial, a ocupação desordenada dos espaços, ao intenso processo de urbanização e da industrialização (KOBAYAMA et al, 2006), a acumulação de capital fixo em zonas perigosas e as mudanças climáticas globais. Dentre os principais fatores que contribuem para desencadear estes desastres nas áreas urbanas, destacam-se a impermeabilização do solo, o adensamento das construções, a conservação de calor e a poluição do ar. Enquanto nas áreas rurais, destaca-se a compactação dos solos, o assoreamento dos rios, os desmatamentos e as queimadas. Ao aumento de desastres naturais podem ser associados também o avanço tecnológico das comunicações, que permitiu a melhorar a qualidade das informações e sua disseminação mais eficiente.

De modo geral, os desastres socioambientais são determinados a partir da relação entre o ser humano e a natureza. Em outras palavras, desastres naturais resultam das tentativas humanas em dominar a natureza, que, em sua maioria, acabam derrotadas. Quando não são aplicadas medidas para a redução dos efeitos dos desastres, a tendência é aumentar a intensidade, a magnitude e a frequência dos impactos. Assim, grande parte da história da humanidade foi influenciada pela ocorrência de desastres naturais, principalmente os de grande magnitude.

Além disso, o aquecimento global aumentou a frequência e a intensidade das adversidades climáticas, como precipitações extremas, vendavais, granizos, entre outros, o

que acarreta o aumento da incidência de desastres naturais. De acordo com Sorre (1984), o clima é um condicionante nas variáveis temperatura e pluviosidade que propicia à eclosão de vetores patogênicos responsáveis pela disseminação de epidemias. Por exemplo, a doença colérica no Haïti entrou em ré emergência no período ciclônico e dessa forma, aumentam-se as contaminações. Isto aconteceu no Haiti, logo após a passagem do furacão Matthew, que atingiu o país em outubro 2016, impactando especificamente a parte sul do Haiti.

O aumento da pressão populacional e o desenvolvimento econômico, forçam cada vez mais a população — em especial a de baixa renda — são forçadas a mudar para as áreas de risco, as quais são menos adequadas para agricultura e para o adensamento populacional.

É o grau da vulnerabilidade que define o desastre natural ou antropogênico. Com efeito, a vulnerabilidade de um lugar ou de uma pessoa é definida mediante a amplitude do desastre, ou seja, um desastre, é tanto possível quanto o lugar ou a pessoa é vulnerável. Basicamente, a vulnerabilidade é a lesão ou dano resultante de uma solicitação ou agressão externa e deve ser detido em dois níveis. Um nível de atingimento direto pelo fenômeno, coloca diretamente em jogo os bens, as atividades, as funções sociais e as pessoas de modo singular e individual — um segundo nível é usado em ciências sociais — que enfatiza o modo indireto que são os danos potenciais ou constatados sob o ângulo da sociedade, ou seja, o coletivo. Trata-se, então, de caracterizar todos os elementos de fraqueza de uma dada sociedade, face às agressões ou problemas externos, para os quais não está ou está mal preparada. A vulnerabilidade é definida na linguagem científica a partir de outros conceitos, tais como os de impacto, perigo, capacidade de resposta, adaptação ou resiliência (QUENAULT, 2011). No que nos diz respeito a vulnerabilidade é percebida como um risco biofísico e uma resposta social (ADGER, 1999, apud QUENAULT, 2011).

A vulnerabilidade refere-se, então, à falta de capacidade da sociedade para fazer face a uma crise ou a uma mudança, a dificuldade de uma pessoa, de um grupo de humanos, de uma organização ou de um território para antecipar um fenômeno destrutivo, enfrentá-lo, resistir-lhe e recuperar-se após a sua ocorrência (Allen, 2003, apud QUENAULT, 2011).

O conceito de resiliência faz parte do discurso acadêmico contemporâneo das ciências humanas e sociais com o objetivo de ampliar a definição de vulnerabilidade centrada na capacidade de resposta da sociedade face aos acontecimentos prejudiciais. É neste contexto que a noção de resiliência nasceu e tende a ser menos precisa no domínio das ciências humanas e sociais e, depende do modelo epistemológico de referência e do contexto em que é

estudada. A resiliência é bastante discutida na literatura sobre os riscos naturais e, especialmente na literatura sobre as alterações climáticas. É um conceito polissêmico, multidisciplinar, designado de acordo com Zimmermann citado em Quenault (2013) como a capacidade de todo ou parte do sistema para absorver e recuperar da ocorrência de um perigo. A literatura recente faz da resiliência uma condição essencial para a adaptação às alterações climáticas, tanto para os ecossistemas como para as próprias sociedades, analisadas como sistemas sócio ecológicos complexos (QUENAULT, 2013). Nesta articulação do social e da Ecologia, Walker considera a resiliência como a capacidade de um sistema absorver as perturbações e reorganizar-se ao mesmo tempo operando mudanças de modo a conservar essencialmente as mesmas funções, estrutura, identidade por outras palavras, para permanecer na mesma bacia de atração (WALKER et al, 2004).

A vulnerabilidade social pode abarcar vários aspectos e características ligados às vulnerabilidades socialmente criadas. Com as suas prolongações, esta vulnerabilidade «social» já não é unicamente constituída pela perda potencial de coisas inertes, mas torna-se uma característica dos grupos sociais que atuam, que contribuem eles próprios para produzir o risco, e depende de fatores económicos, culturais ou institucionais (METZGER e ERCOLE, 2008). Por outras palavras, a vulnerabilidade já não é ouvida «apenas como o conjunto dos danos potenciais provocados quando ocorre um risco, mas também como o conjunto de fatores que tornam uma sociedade mais ou menos frágil face a acontecimentos desastrosos (RENET, 2008). O conceito de vulnerabilidade social, segundo Cannon et al. (2003, apud, QUENAULT, 2011), remete uma série de características relacionadas com as pessoas e o seu ambiente, que incluem o bem-estar inicial (estado nutricional, saúde física e mental), os meios de subsistência e a resiliência (recursos e capitais, rendimentos e qualificações), a autoproteção (capacidade e vontade de construir uma habitação segura e de utilizar um sítio seguro), a proteção social (medida de preparação e de atenuação) as redes sociais e políticas ou ainda as instituições (capital social, ambiente institucional e familiares). Esta definição por Cannon et al. (2003) reflete o fato de que a vulnerabilidade social é apenas parcialmente determinada pelo tipo de perigo; resulta principalmente de meios de existência precários, de níveis de autoproteção e de proteção social insuficientes. A falta de qualificação e de funcionamento deficiente, ou a inadequação das instalações institucionais que definem o contexto global no seio do qual um indivíduo ou uma comunidade sofrem e respondem aos impactos negativos de um acontecimento aleatório (CANNON et al., 2003). Por conseguinte,

o conceito de vulnerabilidade social não se limita às fragilidades sociais, mas inclui elementos como as desigualdades sociais (de rendimento, de idade, de gênero, etc.), bem como as características das comunidades e do ambiente construído, como os níveis de urbanização, taxas de crescimento e vitalidade econômica (CUTTER, 2003).

O conceito da vulnerabilidade ambiental aparece nos anos de 1990, essa época caracterizada pela ocorrência de perigos naturais em várias partes do mundo (CHAVES, 2009). Os eventos naturais não atingem todos os indivíduos de modo semelhante — comportam a abordagem de que os grupos sociais mais pobres — são os mais afetados por eventos adversos. O que se justifica pelo fato de que os mais pobres ocupam lugares com alta exposição aos perigos (CHAVES, 2009). A vulnerabilidade ambiental se refere a vulnerabilidade do lugar, associando-se aos aspectos sociais, particularmente, a suscetibilidade das pessoas ou dos grupos sociais inseridos nesse determinado meio. Dessa forma, as dimensões social e ambiental se relacionam no contexto da vulnerabilidade e, nessa associação a vulnerabilidade socioambiental pode ser refletida. Especificamente, essa associação ocorre quando há exposição de indivíduos ou grupo sociais a riscos ambientais, tornando-os vulneráveis aos eventos naturais. Neste contexto, pode ser compreendida a vulnerabilidade como a probabilidade de um indivíduo ou grupo social ser acometido de modo negativo por um evento natural (DESCHAMPS, 2004).

Portanto, segundo Alves (2006, p.48):

“a vulnerabilidade na sua dimensão socioambiental pode captar e traduzir os fenômenos de sobreposição espacial e a interação entre os problemas sociais e ambientais, sendo adequadas para uma dimensão socioambiental (e espacial) da pobreza.”

A vulnerabilidade nas suas dimensões social e ambiental anda lado a lado. A integração entre essas duas dimensões caracteriza a origem e a conceituação de vulnerabilidade socioambiental. A vulnerabilidade socioambiental consiste então na integração dos aspectos sociais e ambientais de um determinado ambiente/lugar/território.

1.2. Haiti: Um estado de vulnerabilidade crônica

Sendo o único país do hemisfério norte-americano com um nível de vida extremamente baixo, o Haiti é altamente vulnerável à desastres, tanto de ordem natural como

antrópica. Fazendo parte dos Países Menos Avançados (PMA), classificado na ocupação 169^a de 188 de acordo com o Indicador de Desenvolvimento Humano (IDH), o Haiti é o país mais pobre da América Latina e, sobretudo, um dos mais desiguais do mundo. Devido à sua situação geográfica, o país está particularmente sujeito às catástrofes naturais: furacões, sismos, inundações e seca. Assim, de acordo com o Índice Mundial de Riscos Climáticos (IRC) 2017 da Germanwatch, o Haiti é classificado em 21^o lugar no Índice Mundial de Países de Risco, sendo um dos três países «mais fortemente afetados por acontecimentos meteorológicos entre 1996 e 2015». Ora, devido ao aquecimento global, a repetição e a intensidade destas crises aumentam.

1.2.1. Fatores de vulnerabilidade do Haiti

Neste tópico, os fatores geográfico, econômico e político são discutidos para mostrar o Haiti como um estado instável e vulnerável.

1.2.1.1. Fator geográfico

O Haiti é, pela sua posição geográfica e condição geofísica torna-se exposto aos riscos de desastre natural, que associados ao condicionamento do ambiente e pressões antrópicas, agravam a situação de vulnerabilidade. Geograficamente, o país situa-se no mar do Caribe e encontra-se na trajetória dos ciclones, que ao lhe atingirem contribuem para a precariedade do ponto de vista estrutural, ambiental e social, testemunhando a alta vulnerabilidade desse país aos desastres naturais.

Embora, o país esteja muito exposto ao risco potencial de uma catástrofe natural, o imaginário coletivo haitiano exclui a possibilidade de que um fenômeno natural de grande alcance possa um dia chegar ao local. Dois fatores que explicam isto: por um lado, existe um desconhecimento da realidade das ameaças que é exposto o Haiti, especialmente das ameaças sísmicas, relacionadas com a sua atividade geofísica e, por outro lado, as crenças religiosas que instituem um «Bom Deus» que nos protege de qualquer desastre natural.

Moreau de Saint-Mery, historiador de Santo Domingo⁵ narra as diferentes épocas em que o país foi atingido por sismos de grande alcance na sua obra “Descrição topográfica, física, civil, política da parte francesa da Ilha de Santo Domingo” publicada em 1797. Do

⁵ Referente ao atual Haiti na época colonial francesa.

período espanhol, ao período da colonização francesa, a terra estremeceu de maneira que variou de 1 a 120 anos de intervalos (1534-1789). As datas que mais marcaram a história de Santo Domingo permanecem entre 1751 e 1770 onde a cidade de Port-au-Prince foi destruída, bem como em 1842, onde a cidade de Cap-Haitien no norte do Haiti foi destruída por um terremoto, mas recentemente a história recordará o terremoto de 2010, que degradou a capital haitiana e destruiu 80% da cidade de Leogane.

Cerca de 90% dos sismos no mundo são de origem tectônica e, no Haiti, em particular existe uma grande atividade tectônica, onde as falhas e as placas se movem provocando na profundidade ondas de choques, que se repercutem na superfície. A ocorrência dos sismos na ilha do Haiti, desde a época colonial, explica-se pela atividade telúrica e tectônica, que se produz no subterrâneo. A ilha do Haiti está situada na fronteira das placas tectônicas norte americanas e das caraíbas (Figura 5).

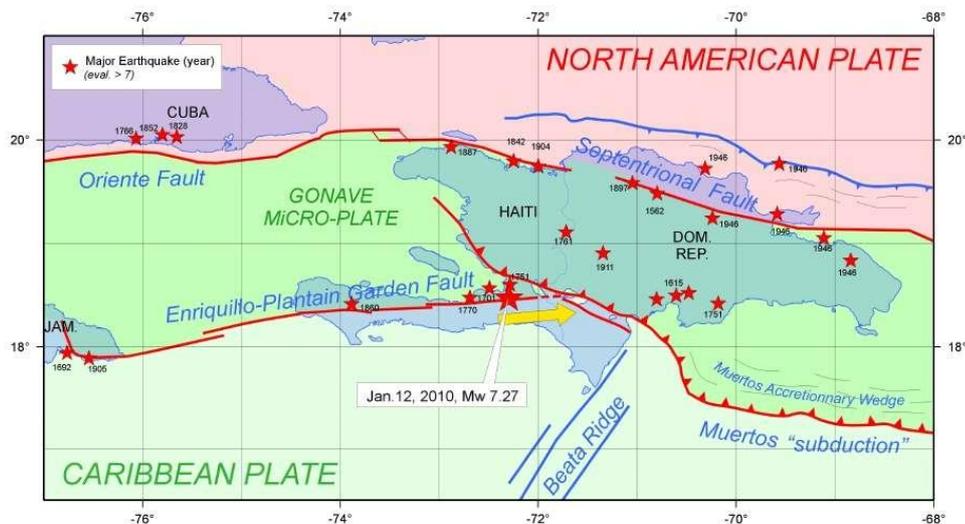


Figura 5- Localização do Haiti entre as placas norte americana e caribenha e representação das falhas Setentrional e Enriquillo

Fonte: Futura science, cartographie des failles sismique en Haiti, acesso em 28/12/2021

Estas placas sobrepõem-se uma à outra sob velocidade de 2 cm por ano, seu movimento é acompanhado por mugidos sísmicos sobre fendas, que se localizam principalmente em duas zonas do Haiti. Há uma falha no mar ao longo da costa norte que se dirige de leste a oeste e se prolonga em terra no vale do Cibao na República Dominicana. Foi esta falha que provocou a destruição da cidade de Cap-Haitien em 7 de maio de 1842. Há uma outra falha sinistral, através da Península do Sul, de Tiburon a Port-au-Prince, estendendo-se

no vale de Enriquillo na República Dominicana. Esta falha foi ativada e provocou os sismos de 1751 e 1770 que destruiu a cidade de Port-au-Prince.

Além da existência dos riscos tectônicos com que se confronta o país, existem outros riscos potenciais de desastres naturais, como os riscos hidrometeorológicos. Com efeito, devido à sua posição na bacia do Caribe, o Haiti encontra-se na trajetória dos tufões ou ciclones aspecto que associa à sua estrutura física organizacional, tornando-o ainda mais vulnerável a estes tipos de desastres. Os índices de risco de desastres naturais no Haiti, é muito elevado e continua aumentando com as consequências do aquecimento global, a degradação ambiental e o desenvolvimento urbano desordenado. Estes acontecimentos fragilizam ainda mais os recursos do país, aumentando assim, a vulnerabilidade da população, agravando o impacto das crises.

De 1963 a 2013, o Haiti enfrentou cerca de 40 grandes desastres, de origem hidrometeorológica, causando a morte de quase 8 milhões de pessoas. Durante as últimas décadas, a vulnerabilidade do Haiti evidenciou-se pelo rápido aumento das taxas de urbanização e degradação ambiental, má gestão das bacias hidrográficas e pobreza. A migração interna evidencia-se no espaço urbano, em particular a região metropolitana de Port-au-Prince, onde vive 25% da população, sujeita à grande vulnerabilidade. A pressão demográfica se faz presente no nível de zonas de campo, geralmente de baixa altitude, onde os furacões, os deslizamentos dos terrenos e a seca geram maiores impactos sobre a agricultura e a criação de gado que representam a principal fonte de rendimentos para os haitianos.

A frequência das inundações aumenta todos os anos no Haiti devido a degradação ambiental. Mais de 30% da população haitiana está sujeita ao risco de inundação, nomeadamente nas zonas costeiras (HAITI, 2015). Os bombardeios e deslizamentos de terras podem dar origem às inundações. Para além destes fenômenos, o Haiti está susceptível aos riscos de seca. Nota-se que acerca de uma década, a água escasseia-se em diversos pontos do país, especificamente, nas zonas de vegetação xerofítica, zona classificada como ordinária onde a situação grava-se desde o final do ano 2015, com a raridade das chuvas e a perda das colheitas. Isto deve-se principalmente às alterações climáticas, que se traduzem, no Haiti, numa redução da precipitação e num aumento das temperaturas médias. Esta diminuição da pluviometria e o aumento do calor afetará a produção agrícola, dificultará o acesso à água potável, aumentará as doenças climáticas sensíveis (Dengue, Paludismo, Febre Tifoides, etc.)

e por fim causará a perda da biodiversidade. Todos esses fatores combinados entre si, aumentam a vulnerabilidade socioambiental daquele país.

Aos riscos hidrometeorológicos associam-se os riscos de doenças de origem hídrica. O Haiti é um país vulnerável às doenças infecciosas, incluindo o cólera, a malária, a difteria e o sarampo. Esta vulnerabilidade agrava-se frente às dificuldades de acesso aos cuidados de saúde de qualidade, escassez de medicamentos essenciais, baixa cobertura da vacina e problemas a nível da água, infraestrutura saneamento inadequado e higiene comprometida, favorecendo a transmissão das doenças diarreicas e má nutrição como fator agravante. Estas doenças tendem a amplificar-se em acontecimentos importantes (eventos climáticos extremos), tais como inundações e ciclones. Estes eventos, afetam os sistemas de abastecimento de água nas áreas domiciliares propiciando inundações, em seguida, serviços de sucção de rede de distribuição de água para evitar a contaminação de excrementos humanos, deflagram a escassez da água de boa qualidade. A situação é pior nos chamados “bairros de lata” onde não há casa de banho privada ou pública. É por isso que os riscos de epidemias são maiores nestes bairros em decorrência da precarização do serviço público de abastecimento além da desigualdade social.

O Haiti também sofreu vários períodos de seca, de stress hídrico e de inundações que reduziram significativamente os rendimentos agrícolas. Em 2019, períodos prolongados de déficit pluviométrico afetaram a estação agrícola primaveril na maior parte do país. A colheita da Primavera, que normalmente cobre mais de 50% da produção nacional de acordo com o setor de Segurança Alimentar foi muito baixa, o que levou a uma diminuição da disponibilidade de produtos alimentares locais. O prolongamento do período seco, enfraqueceu o desempenho das campanhas de Verão e de Outono, resultante de um desempenho semi-matizado da campanha da Primavera.

1.2.1.2.- Fatores de carácter sociodemográfico, econômico e político

A República do Haiti está situada nas linhas de latitude 18° 20' N e entre as longitudes 71° 75' L, constituindo a parte ocidental da ilha Hispaniola que compartilha com a República Dominicana ao Leste, estabelecendo-se sobre uma superfície de 27.750 km². O Haiti é o país mais densamente povoado e mais pobre do hemisfério ocidental com mais de 11 milhões de habitantes. É um país com tipos climáticos variados sendo fortemente marcado pela seca. As ações humanas contribuíram para acirrar algumas destas características

negativas do clima, nomeadamente a aridez, desflorestando vastas zonas onde a erosão é facilitada.

O relevo do país caracteriza-se por seu aspecto acidentado. A maior parte do território é ocupada por montanhas formadas por calcário. Os fenômenos climáticos (irregularidade e chuvas extremas), hidrológicos (regime torrencial dos rios), biogeográficos (nomeadamente desflorestação), determinam formas de ablação devastadoras: desabamentos de terras, erosão, rebaixamento de lençóis freáticos, desabastecimento hídrico e destruição das margens dos rios.

As ações antropogênicas sobre o ambiente provocaram uma degradação acelerada do espaço haitiano. Com efeito, o país dispõe de apenas 2% de cobertura vegetal. Cerca de 40 e 50 milhões de árvores são cortadas todos os anos para satisfazer as necessidades energéticas. As perdas anuais em solo arável são estimadas em 36 milhões de toneladas métricas. A perda da cobertura vegetal no país influencia o ciclo hidrológico das bacias hidrográficas e do ambiente em geral, provocando a degradação irreversível dos solos, a diminuição da produção agrícola e o déficit hídrico. Cerca de 25 das 30 bacias hidrográficas do país estão completamente erodidas e as reservas de água naturais, já não respondem às necessidades das populações durante os períodos secos.

A degradação ambiental no Haiti tornou-se, segundo Emmanuel (1997), um problema mais crucial do que a inflação, as dívidas externas e a queda da moeda nacional. O desflorestamento e a contaminação dos recursos hídricos, a poluição atmosférica e marinha e a erosão dos solos, bem como o seu processo de aceleração, estão geneticamente relacionados com os grandes problemas econômicos do Haiti. Foi apenas no início da década de 1980 que os grandes problemas econômicos — como a necessidade de um ajustamento estrutural e o desaparecimento da rigidez do cabaz, em relação ao dólar americano — que os graves problemas ambientais começaram a se fazerem sentir de uma forma muito especial. Atualmente, esse cenário configura-se como — uma espécie de “fronteira” ou limite extremo, entre um desastre ecológico e uma deficiência econômica — assim, o Haiti deve, não obstante, prevenir-se contra esses dois problemas, intimamente ligados, que constituem não só entraves ao seu desenvolvimento e ao seu crescimento econômico, mas que representam perigos para o bem-estar das gerações atuais e futuras.

Referente a famosa máxima de Jean Bodin, na qual menciona-se: “É de riqueza apenas de homem [...]” o autor evidencia o papel que o ser humano desempenha para o

desenvolvimento das sociedades. Por outras palavras, para Bodin (1577), o número de habitantes faz a riqueza do Estado. Jean Bodin, caracteriza-se como um dos precursores do mercantilismo, regime que não estabelecia em primeiro plano, as prioridades do homem, mas baseava-se na exploração.

“Ora, nunca devemos temer que haja demasiados súbditos, demasiados cidadãos: visto que não há riqueza, nem força que os homens: e, além disso, a multidão dos cidadãos (quanto mais são) impede sempre as sedições e as facções: tanto mais que há muitos que são médios entre os pobres e os ricos, os bons e os maus, os sábios e os loucos: e não há nada mais perigoso que os súbditos sejam divididos em duas partes sem meios: o que acontece as Repúblicas habitualmente onde há poucos cidadãos (JEAN BODIN, 1577).”

Esta afirmação significa, portanto, que quanto maior for a população, maior será a riqueza do governante. Por conseguinte, é cada vez mais frequente o custo do sempre melhor.

Na mesma linha, segue o pensamento da economista dinamarquesa Ester Boserup em sua teoria sobre o desenvolvimento do século XX — a autora aclama que o crescimento da população, sobretudo em plena expansão da Revolução Industrial — constituiu um trunfo para o desenvolvimento rural e econômico. Boserup retoma a teoria de Thomas Malthus, invertendo-a, segundo a qual a agricultura e o abastecimento agroalimentar dependem da dimensão e do crescimento da população. Assim, a Teoria de Ester Boserup sobre o século XX, contraria a Teoria Malthusiana, na qual atribui-se que a produção de alimentos cresceria de forma aritmética, enquanto o crescimento populacional crescia de forma alarmante. Para Malthus, o mundo deveria sim, ter doenças, guerras, epidemias — ele também propôs uma política de controle de natalidade — para que houvesse um equilíbrio entre a produção de alimentos e o aumento da população. Quanto ao crescimento populacional, decorrente dos países subdesenvolvidos, afirma-se que tal crescimento provocaria a escassez dos recursos naturais, além do agravamento da pobreza e do desemprego. Para evitar esses problemas, os neomalthusianos propuseram políticas efetivas de controle de natalidade que foram denominadas de "planejamento familiar".

Se, por um lado, o aumento demográfico constitui um entrave ao desenvolvimento econômico, por outro lado, pode-se ver nisso um trunfo susceptível de favorecer este crescimento. No caso do Haiti, essas teorias continuam inadequadas, uma vez que o país

passou por situações de vulnerabilidade de ordem econômica e a população continua sujeita a problemas diversos.

A população haitiana era de um pouco mais de 3 milhões na década de 1950, e a maioria se acomodava nos espaços rurais. Atualmente, a população estima-se em mais de 11 milhões de habitantes e, durante estas últimas décadas, mais da metade vive em espaço urbano e zona costeira, aumentando-se a exposição aos riscos. O Haiti é o único país do hemisfério norte-americano com uma taxa de índice de desenvolvimento humano baixa (IDH: 0,539). É o único país da América que faz parte dos países menos avançados, onde 3/4 da população vive na pobreza e 78% luta para viver com menos de 2 dólares por dia. Segundo dados mais recentes, metade da população haitiana vive num estado de indignação com menos de 1 dólar por dia. O Haiti está vivendo uma crise econômica crônica que se propaga durante as últimas décadas. A taxa de desemprego é explosiva, os habitantes regressam ao domínio da informalidade para sobreviver e responder às necessidades de sua família. Por toda a parte, são espalhados pequenos comércios que dão aos espaços públicos o aspecto de um grande mercado aberto. A produção nacional é muito fraca e impede o país de se emancipar no plano da exportação, pelo que mais de 90% dos produtos consumido no Haiti vêm do exterior.

Nas últimas décadas, o país está passando por um aumento da inflação. As insuficiências no nível do Estado Central são enormes, e todos os dias se vê a moeda nacional, na ocorrência, “o gourde” se desvalorizando um pouco mais. A taxa de câmbio continua a desvalorizar-se apesar da utilização pelo Banco Central, um dos principais instrumentos monetários para suavizar as flutuações da moeda e, conseqüentemente, conter a inflação. O gourde sofreu uma depreciação de cerca de 11.6% no exercício 2017-2018 contra uma valorização de 4.3% no ano anterior, apesar das vendas líquidas de US \$90.1 milhões pelo Banco Central e da drenagem de liquidez do sistema bancário através de títulos e obrigações (MEF, 2018). De 2006 a 2020, o dólar americano passou de 30 gourdes por 1 dólar a 120 gourdes por 1 dólar. Isto explica o grau de vulnerabilidade econômica em que o país se encontra, dependendo quase totalmente da ajuda externa, em particular da diáspora haitiana, que se desenvolve em todo o mundo e nos Estados Unidos em particular. A situação econômica do Haiti acentua as conseqüências das catástrofes naturais. Esse país exhibe um cenário político, não é viável para os investidores devido às questões de um cenário ambiente

macroeconômico, que continua frágil. Os tumultos que acontecerem em 6,7,8 de julho de 2018⁶ ilustram bem a situação.

A deterioração da situação econômica, iniciada em 2018, continuou em 2019. A taxa de crescimento anual do Produto Interno Bruto (PIB) foi de 0,4% em 2019 (1,5% em 2018), uma das taxas mais baixas desde o terremoto de 2010 (-5,5%). O que revela que 2019 foi o pior ano econômico do país em 10 anos. A depreciação do Gourde haitiano (HTG) acelerou, passando de 77 HTG para 1 US\$ em janeiro de 2019 para 93 HTG em novembro de 2019, ou seja, uma taxa de depreciação de 17,4% durante esse período. Segundo a Coordenação Nacional da Segurança Alimentar (CNSA), a tendência para o aumento do valor do cabaz alimentar - composto de produtos de base (arroz, farinha de trigo, milho, feijão, açúcar e óleo vegetal) representando 1 870 quilocalorias por dia confirmou-se com um aumento de 26% entre janeiro e outubro de 2019. Esta inflação deve-se principalmente à deterioração da taxa de câmbio, aos efeitos residuais da seca de 2018 e, ao baixo nível da produção agrícola, bem como aos custos financeiros adicionais da expedição dos gêneros alimentícios para os centros urbanos (escassez de combustível, desvios de carga, perdas pós-colheita de produtos perecíveis que não puderam ser evacuados...). O cabaz alimentar também registra um aumento significativo, com um aumento de 40% em 12 meses. Em nota positiva, o déficit orçamental diminuiu em relação ao ano anterior e está previsto para 2,9%. No entanto, este resultado foi alcançado através de cortes drásticos nos investimentos de capital e nos programas sociais. Os subsídios à energia continuam a representar um pesado encargo (estimado em cerca de 3,5% do PIB), o que reduz consideravelmente o orçamento do Governo no que diz respeito ao crescimento e às despesas destinadas à redução da pobreza.

Nas últimas três (3) décadas, o Haiti sofreu uma multiplicidade de choques tanto de origem natural, como a climática, como social, tais problemas envolveram relações sociais políticas externas que afetaram a estabilidade econômica. Um dos últimos choques sociopolíticos que o Haiti enfrentou corresponde aos motins de 6, 7 e 8 de julho de 2018. Apesar desta fragilidade da conjuntura macroeconômica, a economia do Haiti, no exercício fiscal de 2017-2018, teve um desempenho relativamente bom, em comparação com o exercício anterior. Com efeito, as estimativas preliminares do Instituto Haitiano de Estatística e Informática (IHSI) indicam um crescimento do PIB, em termos reais, de 1,5% em 2017-

⁶ Os tumultos nestas datas fizeram perdas consideráveis na economia do país.

2018 contra 1,2% um ano antes. O PIB a preços constantes atingiu 16,3 mil milhões de gourdes em 2017-2018, contra 16 mil milhões em 2016-2017.

O atual contexto socioeconômico afeta as populações mais vulneráveis. Mais de 2,6 milhões de haitianos em meio rural encontram-se nos dias de hoje em situação de insegurança alimentar e as perspectivas para os próximos meses não são favoráveis (OCHA, 2019). O número de pessoas em situação de insegurança alimentar duplicou entre 2018 e 2019. A diminuição da produtividade agrícola provocada por déficits de precipitação, bem como a deterioração significativa da situação econômica, são as suas principais causas. Atualmente, estima-se que cerca de 2,6 milhões de pessoas estão em situação de insegurança alimentar. Mais de 2 milhões estão em "fase de crise" e 571 mil em "fase de emergência". Esta situação deverá agravar-se ainda mais nos próximos meses. Com efeito, vários departamentos (Norte, Noroeste, Nordeste, Oeste e Sudeste) continuam a sofrer um déficit pluviométrico que teve um forte impacto nas colheitas da campanha de Inverno (representando 20% da produção nacional) e as previsões para a campanha da Primavera (que representa 60% da produção nacional) são muito pessimistas. Este déficit hídrico afetou igualmente as atividades ligadas à pecuária, o que torna crítica a situação nas zonas pastorais do país.

A economia do Haiti é uma economia voltada exclusivamente para a importação excessiva. Desde 2018, a situação econômica tende a deteriorar-se continuamente, com um aumento do custo de vida ligado, entre outras coisas, à depreciação da moeda nacional. Esta situação, conjugada com as tensões sociopolíticas e a baixa produtividade agrícola, conduziram a um aumento do preço do cabaz alimentar de 11% em fevereiro para 26% ao ano. Os repetidos movimentos sociais (julho de 2018, novembro de 2018, fevereiro de 2019 e junho de 2019) afetaram as atividades humanitárias e restringiram o acesso das populações à assistência. Assim, durante a última crise em fevereiro de 2019 considerada "peyi lòk⁷", os agentes humanitários constataram dificuldades de abastecimento, nomeadamente de combustível, de gás e de água. Estas carências dificultaram gravemente o funcionamento das estruturas de saúde e limitaram ou impediram as populações de se abastecer de alimentos e de água. As necessidades humanitárias no Haiti são recorrentes e são geradas por desastres como terremotos, furacões ou epidemias. Fatores estruturais agravantes limitam o acesso aos

⁷ Peyi lock é um termo utilizado recentemente no Haiti para designar um país totalmente fechado, bloqueado.

serviços básicos, aumentam a vulnerabilidade crônica, reduzem a resiliência da população haitiana e contribuem para perpetuar uma situação de crise humanitária. Em 2019, mais de um sob cada quatro haitianos (2,6 milhões) necessitava urgentemente de ajuda humanitária. O Plano de Resposta Humanitária de 2019 para o Haiti requer 216 milhões de dólares para atender às necessidades de 1,3 milhões de haitianos entre os mais vulneráveis.

1.3.- Histórico dos desastres naturais no Haiti

Devido à sua condição geofísica e hidrometeorológica, o Haiti é fortemente agravado por fenômenos naturais como sismos, deslizamento de terra, tsunami, submersão marina, inundação, ciclones, seca, etc. Além desses, o Haiti está também exposto, a fenômenos de origem principalmente antropogênica.

O arquipélago das Grandes Antilhas, de que faz parte a ilha do Haiti, marca o contato entre a placa tectônica norte-americana e a placa tectônica das Caraíbas. Estas duas placas convergem entre si a uma velocidade de 2 cm por ano no sentido nordeste-sudoeste. Estes movimentos entre essas placas resultam em deformações ao longo das zonas de ruptura ou mesmo falhas. Ao norte do país encontra-se o sistema de falha Setentrional, com 800 km de comprimento, de que a República Dominicana partilha este sistema de falha do Nordeste para o Norte, e ao longo do litoral haitiano, próximo da cidade do Cap-Haitien e toca na île de la Tortue (Ilha da Tartaruga) e no Port-de-Paix (Porto da Paz). Ao sul do país, encontra-se o sistema de falha de Enriquillo, ou seja, sistema de falha de Enriquillo-Plantain-Garden, com cerca de 600 km de comprimento. Este sistema de fendas rasga toda a península do sul do Haiti. Estes dois sistemas de falhas foram locais históricos de grandes sismos, especialmente terremotos de grande magnitude (6-8) com consequências desastrosas nas zonas povoadas. Com efeito, o de 2010, que atingiu a capital haitiana e os seus arredores, na sua origem, está próximo da falha de Enriquillo (Figura 6).

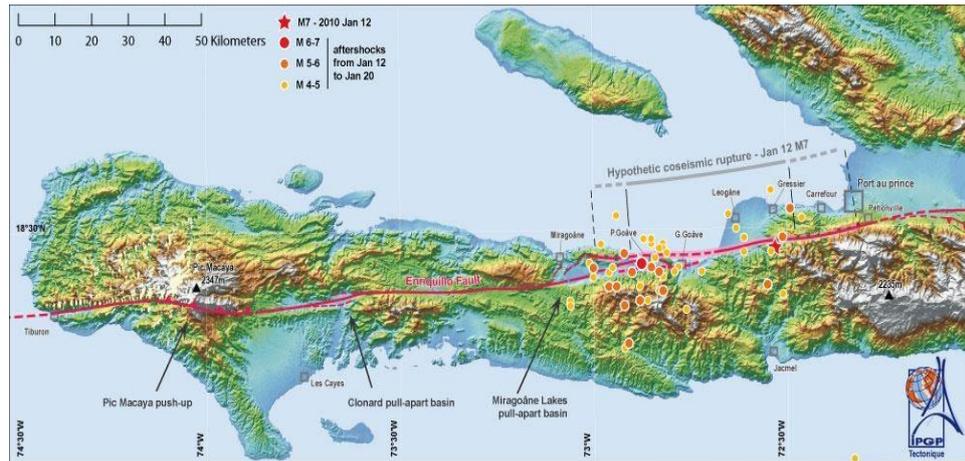


Figura 6- Mapa sismotectônico da falha Enriquillo

Fonte: Institut de physique du globe de Paris acessível em <https://www.ipgp.fr/fr/seisme-haiti>

Os testemunhos de relatos históricos sobre os terremotos no Haiti, reunidos por Moreau de Saint Mery, no seu livro publicado em 1776, descrevem sobre a parte francesa da Ilha de Santo Domingo, a atual República do Haiti. São registros marcados especificamente por grandes catástrofes que devastaram o país, testemunhos relatam a história do Haiti por um período de mais de 300 anos. Quatro terremotos têm consequências desastrosas para o Haiti. Nomeadamente o sismo que ocasionou em 21 de novembro 1751 várias dezenas de vítimas. Em junho de 1770, um terremoto afetou violentamente Port-au-Prince e fez várias centenas de vítimas. Em 7 de Maio de 1842, a cidade do Cap-Haitien e as principais cidades do Norte foram destruídas por um terremoto que vitimou milhares de pessoas. E o da cidade de Port-au-Prince, na década passada, que atingiu novamente cerca de 220.000 pessoas. Registaram-se outros sismos no território, porém, menos mortíferos porque ocorreram em locais pouco povoados, como os sismos de 1860, 1911, 1952 ou ainda o de outubro de 1751 no sudeste da ilha, também em setembro de 1887 no mar entre Haiti e Cuba e, em abril de 1962 no mar no norte do Haiti.

Do ponto de vista meteorológico, o Haiti está altamente exposto aos fenômenos ciclônicos. Nesse país apresentam-se duas estações ao longo do ano. Uma particularmente seca, entre os meses Dezembro e maio, e, uma estação chuvosa marcada por episódios ciclônicos que se estende de junho a novembro. Nos últimos 15 anos, registaram-se 33 distúrbios climáticos na costa do Haiti, incluindo 16 ciclones e 15 tempestades tropicais. Segundo o centro nacional de meteorologia (CNM), mais de 15 ciclones atingiram o país nas últimas oito décadas (Quadro 1)

Tabela 1. Eventos ciclônicos catastróficos no Haiti

DATA DO EPISÓDIO	CICLONE	Nº DE MORTOS	LOCAL
Outubro 1935	Jeremie	2000	Sul et Sul- Este
Outubro 1954	Hazel	500-1000	O pais inteiro
Setembro 1963	Flora	5000	Sul et Oeste
Outubro 1964	Cleo	192	Sul
Setembro 1966	Inez	700	Sul et Oeste
Agosto 1980	Allen	200	Sul/Les Cayes
Setembro 1988	Gilbert	30	Sul
Agosto 1994	Gordon	2000	Sul-Este
Setembro 1998	Georges	150	Oeste et Centro
Setembro 2004	Jeanne	3000	Norte/Artibonite
Agosto/Setembro 2008	Fay, Gustave, Ike, Hanna	< 270	Sul, Artibonite, Norte-Este, Norte-Oeste
Novembro 2010	Thomas	3	Sul
Ago/Outubro 2012	Isaac, Sandy	69	Sul-este, Oeste, Sul, Grand'Anse
Outubro 2016	Matthew	550	Sul,Oeste,Nippes,Grand'Anse,Nord-Ouest

Elaboração: Autora/junho, 2020.

Além dos ciclones, o Haiti ainda está exposto aos riscos de inundação que se acentuam durante os episódios ocorridos no período da estação favorável aos ciclones. A atividade humana consiste senão no principal fator, o mais evidente, que agrava o risco de inundação no Haiti provocando erosão e desmoronamentos nas camadas de solos, além da obstrução dos canais de condução por resíduos e entulhos que permanecem no cenário caótico depois da passagem dos ciclones. As inundações estão na origem de numerosos prejuízos humanos e de danos materiais. A esse cenário acrescem-se os riscos deflagrados pela ausência de infraestrutura sanitária, como a propagação de certas doenças tropicais de origem hídrica e transmissíveis por vetores como mosquitos e roedores elementos que podem estagnar a produção das atividades humanas com irreversíveis consequências socioeconômicas. Nos últimos 50 anos, o Haiti sofreu inúmeras inundações fora da estação ciclônica, sendo a mais letal, causou a perda de 2.675 pessoas no sudeste do país em 2004.

Em mais de dois séculos, esse país sempre enfrentou problemas que são de ordem econômica e socioambiental. Estes problemas constituem um obstáculo ao desenvolvimento da economia. Com efeito, a condição de vulnerabilidade gera a deslocação em massa da população para centros econômicos atrativos, como a migração dos haitianos para os Estados Unidos nos anos de 1960 e para o Canadá. Na última década, assistimos a uma nova migração de jovens haitianos para a América do Sul, especialmente para o Brasil e o Chile.

1.4.- A migração do povo haitiano: resultado da vulnerabilidade socioambiental do Haiti

A migração é um mecanismo de mobilidade social e económica. Desde o início do século XX, a região caribenha tornou-se um lugar propício ao êxodo. Cerca de 6 milhões de pessoas emigraram do Caribe para a América do Norte e, para a Europa em particular. A migração faz parte da identidade regional do Caribe. Com efeito, esta região é considerada como uma das regiões onde os fluxos migratórios per capita se encontram entre os mais destacados do mundo. De acordo com os dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), as transferências de fundos das comunidades do Caribe no estrangeiro representam cerca de 13% do produto interno bruto (PIB) de todos esses países. Isso faz do Caribe o destino do maior volume de transferência de dinheiro do mundo.

Partilhando a ilha Hispaniola com a República Dominicana, aberta no Oceano Atlântico e no Mar das Antilhas, entre a América Anglo-Saxónica e a América Latina, o Haiti localiza-se na bacia do Caribe a 80 km a leste de Cuba e a 190 km a nordeste da Jamaica (Figura 6). A República do Haiti é simultaneamente um país de imigração e de emigração. Embora o segundo seja muito mais representativo desde o final do século XX, deve-se assinalar que, após a independência e no final do século XIX, o país acolheu a migração dos libaneses e dos sírios cuja cultura nos dias de hoje é bem assimilada pela população em geral. Nestes tempos, em que o Haiti era maioritariamente uma terra de imigração, estes grupos dedicavam-se ao comércio.



Figura 7- O Haiti no espaço caribenho. País cuja a capital é Porto Príncipe, situada a Oeste da República Dominicana.

Fonte: Google Map (2021).

Esta situação inverteu-se na primeira metade do século XX. Historicamente, a emigração levou os haitianos a estar presentes em muitos países no mundo. Estes fluxos de população orientam-se mais para o norte, no entanto, hoje em dia, o Haiti conhece movimentos migratórios internacionais tanto sul-sul como sul-norte. Em 1981, houve o deslocamento de 45.000 “boat people” e 500.000 deslocados, dos quais 100.000 refugiaram-se após os choques do golpe de Estado (PAUL, 2008). Entre 2000 e 2002, os Estados Unidos e o Canadá, consistiram nos principais destinos dos imigrantes haitianos (64,3%). Em 2010, os Estados Unidos, a República Dominicana, o Canadá, a França, as Bahamas, as Antilhas Holandesas, a Bélgica, a República Bolivariana da Venezuela, a Suíça e os Países Baixos representavam os principais destinos dos emigrantes haitianos (Banco Mundial, 2011). A América Latina e o Caribe representam o segundo destino de emigrantes haitianos (MARCELINO, 2013).

Sobre os processos migratórios internacionais que possuem como destino o Brasil, Fleurima (2019) ao realizar estudos sobre comunidades haitianas em Manaus menciona que:

[...] a Igreja São Geraldo e a pastoral dos migrantes possuem dados referentes apenas aos haitianos que são atendidos pela instituição no município de Manaus, nos bairros São Geraldo e Centro Comercial de Manaus.

Observou-se que a igreja não tem dados de todos os migrantes haitianos, nem dados exatos sobre aqueles que vivem nesses bairros. Outras instituições, como a Polícia Federal e a Prefeitura Municipal de Manaus, também não possuem essas informações com exatidão. Contudo, segundo o padre e o que consta em outro documento que foi cedido, existia uma comunidade com cerca de 1,8 mil migrantes haitianos no bairro de São Geraldo, em 2014 [...] (FLEURIMA, p.19; 2019).

A República Dominicana, que se estabeleceu na parte oriental da ilha do Haiti, foi o principal anfitrião dos migrantes haitianos. De acordo com o primeiro inquérito nacional de imigrantes na República Dominicana, atualmente vivem no país 458.223 haitianos. Isto deve-se às diferentes vagas de emigração do século XX.

A emigração haitiana é 20 vezes maior do que a imigração. Representa 9,9% da população total e caracteriza-se por uma partida de mão-de-obra qualificada. Assim em 2005, o Haiti foi o terceiro país da região do Caribe em termos de número total de emigrantes, logo

a seguir Cuba e à República Dominicana (MARCELINO, 2013). Em 2010, na sequência do terremoto, abandonaram aquele país cerca 1.009.400 haitianos (Banco Mundial, 2011).

O principal país de acolhimento dos fluxos migratórios da população haitiana permanece os Estados Unidos da América. Com uma população imigrante de origem haitiana de cerca de 606.000 pessoas (recenseamentos de 2012, apresentados em Nwosu, e Batalova, 2014). Os departamentos franceses ultramarinos representam os outros destinos principais dos migrantes haitianos, com cerca de 67.500 imigrantes haitianos repartidos entre a Guadalupe, a Guiana e a Martinica.

Haiti é um dos primeiros países exportadores de trabalhadores qualificados do mundo. Em 2004-2007, foi o segundo país do Caribe a contar com um número significativo de estudantes que efetuam estudos de nível universitário, atrás da Jamaica. A taxa de emigração de pessoas qualificadas em comparação com as pessoas formadas no nível terciário é estimada em 83,6%, o que em 2010, situava-se entre as mais altas do mundo (Banco Mundial, 2011). Além disso, os migrantes haitianos constituem uma força de trabalho muito presente em outros países da região, como as Bahamas ou Cuba, sobretudo na qualidade de braceiros nas indústrias açucareiras.

A procura do emprego e de melhores condições de vida são os motivos que levam o indivíduo a migrar de uma região para outra. A isto, juntam-se a recorrência das catástrofes climáticas, geofísicas e ambientais de um lugar. O Haiti é considerado como um país fornecedor de mão-de-obra. Esse estatuto que lhe foi atribuído está ligado ao seu passado que contém os vestígios da história singular do país, em particular, do seu longo período de isolamento político. Este isolamento político e diplomático, as diferenças no nível do idioma, da estrutura da economia, das tradições culturais e religiosas contribuem para projetar nos migrantes haitianos a imagem de um povo estranho, pouco assimilável. A migração haitiana tem sido geralmente feita de modo informal e pouco documentada. Foi a partir dos anos 70 que os fluxos migratórios haitianos se tornaram progressivamente os mais importantes no espaço caribenho.

O longo isolamento político do Haiti teve consequências demográficas, econômicas e culturais consideráveis em relação à sua inserção posterior na região. A longa ocupação americana (1915-1934) reforçou o papel de fornecedor de mão-de-obra atribuída ao Haiti no âmbito da máquina económico-militar dos Estados Unidos no Caribe. Finalmente, após 29

anos de ditadura, seguida de uma transição complexa abriu-se um fosso entre o Haiti e muitos países da região.

A mobilidade insular da população haitiana para a República Dominicana e vice-versa data do século XIX, após a constituição dos dois territórios nacionais como repúblicas independentes. É na segunda metade do século XX que se articula na ilha um mecanismo migratório de envergadura insular que liga de forma estrutural economia açucareira emergente, como sistema de funcionamento de plantações, à economia de subsistência praticada pelos camponeses haitianos. Pode-se afirmar a ocupação militar na ilha, pelos governos norte-americanos entre 1915 e 1934, propiciou a criação de um verdadeiro sistema migratório com a utilização de mão-de-obra para o corte de cana-de-açúcar em grandes plantações dominicanas, e, pequenas propriedades que eram destinadas aos camponeses haitianos. Desde a introdução do sistema migratório, a chegada periódica de trabalhadores haitianos na República Dominicana efetuava-se segundo uma modalidade estabelecida para a entrada de contingentes — essa chegada era organizada de forma coletiva, sem grandes preocupações com os direitos cívicos das pessoas que fazem parte desses contingentes de trabalhadores imigrantes sazonais — que visitavam as plantações de açúcar dominicanas.

Desde 2010, a OIM estima que o Brasil, o Chile e a Argentina são países que viram aumentar consideravelmente o fluxo de migrantes haitianos nos seus territórios. O povo haitiano desloca-se constantemente por todo o mundo. Esse povo é o resultado da migração, em um passado colonial — seus antepassados africanos traficados pelo oceano Atlântico, foram levados à força para a ilha de Hispaniola no século XVII — com o objetivo de substituir a mão-de-obra do nativo americano, cujo sistema de imunidade falho, foi incapaz de suportar o choque microbiano e viral provocado pela chegada do europeu. O tráfico de seres humanos no Atlântico e principalmente o tráfico de africanos estende-se do século XV até meados do século XIX e pode ser considerado um drama relacionado com a deportação de 15 a 20 milhões de pessoas (DEVEAU, 2006). Os negros eram mais bem adaptados ao choque microbiano e parcialmente imunes às doenças infecciosas transmissíveis, nomeadamente ao sarampo e à varíola, do que os nativos norte-americanos neste novo ambiente epidemiológico de tráfico, cultivos e plantações. A chegada dos negros contribuiu para o enfraquecimento do trabalho servil de nativos americanos, favorecendo assim, o desenvolvimento da escravatura dos africanos na América. Só no início do século XIX é que este povo, nascido de uma

mistura étnica, se libertou do jugo colonial francês, tornando-se uma nação soberania, retomando o nome nativo-americano, Haiti, que significa «terra alta, terra montanhosa».

Mais de 200 anos depois, o Haiti tem enfrentado muitos problemas que impedem o seu desenvolvimento, tais problemas são, por vezes, de ordem política, econômica e ambiental. O país está marcado por uma vida política agitada, atribulada por vários golpes de Estado antes da instauração do regime ditatorial Duvaliérien, iniciado em 1957 e depois desse regime. De 1804, data em que foi proclamada a independência do país, em 1986, sucederam-se 22 constituições para se estabilizarem finalmente na Constituição de 29 de março de 1987, ainda em vigor. Este Estado unitário, cuja composição territorial está dividida em 10 departamentos com um total de 27.750 km², é caracterizado por instabilidade crônica. Esta instabilidade, tanto de ordem política como econômica, leva os habitantes a migrar para outros países do mundo. Particularmente nesta última década, a migração do povo haitiano desenvolveu-se de forma intensa e contínua para os países da América do Sul.

Como mencionado anteriormente, a América do Sul é o novo Eldorado para os haitianos. Com o terremoto mortífero que devastou a capital do Haiti e quase destruiu a cidade de Leogane, a Organização Mundial de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos do Rio 2016, favoreceram a partida dos haitianos para o Brasil, em particular, em busca de oportunidades de emprego na construção civil. O contexto econômico ambiental constitui a principal causa da migração haitiana nas últimas décadas, sendo a situação precariedade econômica, em que vive a maioria da população a razão que deflagra a procura de melhores condições de vida em outros lugares.

Esta migração haitiana para o Brasil através da Amazônia como ponto de passagem, é um exemplo perfeito do novo fluxo migratório sul-sul. As cidades fronteiriças como Tabatinga e Letícia, que se encontram na fronteira Brasil/Colômbia, assim como Assis Brasil na fronteira Brasil/Peru além de Brasília na fronteira boliviana, são as portas de entrada dos fluxos migratórios haitianos inéditos no Brasil. A emergência do Brasil como potência regional explica esta migração haitiana, sobretudo após as consequências desastrosas do terremoto de 12 de janeiro de 2010 e do comando das forças da MINUSTAH no Haiti, e ao caos provocado pela destituição do presidente Jean Bertrand Aristide desde 2004. Estima-se em cerca de 100.000 o número de haitianos que se juntou ao Brasil desde 2010 até hoje. De acordo com o setor consular da Embaixada do Brasil em Porto Príncipe, mais de 80.000 vistos foram concedidos entre 2012 e 2019. Até 2016, 51.124 autorizações de residência foram

emitidas para haitianos (BERSANI, 2016). Com o difícil acesso de vistos, inúmeros haitianos chegam ao Brasil passando pela fronteira da Guiana com a cidade amazonense de Boa Vista transitando pelo Panamá como país onde a concessão de visto não é necessário. Essa viação permanece a mais segura para o povo haitiano, durante esses últimos meses mesmo sendo muito cara e custa em média entre \$ 2000 a \$ 4000 (dólares americanos).

CAPÍTULO II

A CÓLERA NO HAITI: FRUTO DAS MISSÕES MILITARES DA ONU NO HAITI

Este segundo capítulo é importante para o entendimento do processo de emergência e devolução da epidemia de cólera no Haiti, e, será desenvolvido sob os seguintes tópicos: Primeiramente, apresentar-se-á um conteúdo sobre o trabalho da Organização das Nações Unidas (ONU) e sua implicação na vida político-social e econômico do Haiti. Em seguida, demonstrará a MINUSTAH, que é uma missão da ONU estabelecida no Haiti a partir de 2004 no âmbito dos tumultos e caos provocados pela destituição do ex-presidente Aristide. Apontaremos também o papel desempenhado pelo Brasil nesta missão. Posteriormente, abordaremos a epidemia do cólera no Haiti no contexto pós terremoto de janeiro 2010, como um testemunho de mais um exemplo do fracasso da ONU no Haiti (SEITENFUS, 2015). Somam-se a tais conteúdos, as condições de precariedade sanitária em que vive a população haitiana facilitando, a propagação do vírus e os impactos dessa crise sanitária no país.

2.1.- A organização das nações unidas: histórico e estrutura geral

A consolidação da paz e da segurança foi uma prioridade para o mundo desde 1899 com a Conferência Internacional da Paz em Haia, organizada com o objetivo de resolver pacificamente as crises, evitar as guerras e estabelecer regras de conflito. Prosseguindo este mesmo objetivo, e também promover a cooperação internacional, em 1919 pelo Tratado de Versalhes foi criada a Sociedade das Nações (SDN) — considerada precursora da ONU a sociedade das nações falhou na sua missão que foi evitar a Segunda Guerra Mundial — sendo marcada por um fracasso. Surgiu então, um novo agrupamento de assinaturas na Carta das Nações Unidas (inicialmente 51 Estados, incluindo o Brasil são os signatários desse documento) dando assim origem à Organização das Nações Unidas (ONU) que é a organização intergovernamental que nós conhecemos hoje. Criada oficialmente em 24 de outubro de 1945, a Organização das Nações Unidas apresenta três objetivos principais, que são: a) Manter a paz e a segurança no mundo; b) Promover e defender os direitos humanos e, c) Desenvolver a cooperação internacional. Com esta última, a ONU visa resolver os problemas internacionais de ordem econômica, social, intelectual e humanitária. Neste sentido, a erradicação da pobreza e a melhoria das condições de vida dos povos do mundo inteiro são indispensáveis para estabelecer uma paz duradoura no mundo. Através dos seus

programas nos domínios do desenvolvimento sustentável, da capacitação das mulheres, do respeito dos direitos do Homem, da proteção do ambiente e da boa governança baseada na cooperação internacional, 193 Estados-Membros comprometem-se a respeitar a Carta das Nações Unidas que assinaram.

A fim de responder aos seus objetivos descritos na Carta das Nações Unidas, seis órgãos principais formam a estrutura da ONU, através dela, executam e cumprem as suas funções. Estes órgãos são: a Assembleia Geral, o Conselho de Segurança, o Secretariado, o Conselho de Tutela, o Conselho Económico e Social, e o Tribunal Internacional de Justiça.

A **Assembleia Geral** (AG) é o principal órgão deliberativo da ONU, responsável por questões gerais e relevantes, como a fome, a miséria, a paz e a segurança internacionais, atualmente conta com 191 Estados-Membros. Cada país tem direito a somente um voto, independentemente de seu regime político, população, nível de desenvolvimento, etnia, religião ou tamanho do território. A Assembleia Geral reúne-se uma vez por ano, regularmente, contudo, reuniões de emergência podem ser convocadas a qualquer momento, tendo em vista o grande número e a diversidade de assuntos discutidos. A Assembleia é estruturada em comitês, dos quais pode se destacar o Comitê Especial para Operações de Manutenção da Paz, destinado a discutir, analisar e elaborar recomendações referentes aos principais aspectos relacionados às operações de paz.

O **Conselho de Segurança** (CS) tem a responsabilidade primária pela manutenção da paz e da segurança internacional, sendo constituído por 15 (quinze) Estados-Membros, nos quais 5 (cinco) são permanentes, Estados Unidos da América, Reino Unido, China, Federação Russa e França com direito a voto nas deliberações. Os demais membros, são eleitos pela Assembleia Geral por um prazo de dois anos, esse Conselho está investido da autoridade de estabelecer os mandatos para as operações de manutenção da paz das Nações Unidas.

O **Secretariado** é o órgão executivo da ONU, composto pelo Secretário-Geral e pelo pessoal internacional necessário à condução das atividades administrativas da diária da ONU, tendo o Secretário-Geral indicado pela Assembleia Geral, mediante recomendação do Conselho de Segurança, por um período de cinco anos. É responsável pelo funcionamento da ONU e desempenha papel importante em alertar o Conselho de Segurança sobre qualquer problema que possa afetar a Paz Mundial. Segundo o Manual de Campanha Operações de Manutenção da Paz (1998, págs. 2-3):

“O Secretariado é o responsável por planejar, preparar, conduzir e orientar todas as operações de campanha das Nações Unidas, particularmente, as missões de paz. É integrado por órgãos subordinados, chefiados cada um deles por um Secretário-Geral. Dentre eles, destacam-se o Escritório Executivo do Secretário-Geral e o Departamento de Operações de Manutenção de Paz (*Department of Peace-Keeping Operations – DPKO*)”.

No que diz respeito a paz, a ONU possui diferentes tipos de operações, tais como, a diplomacia preventiva, o estabelecimento da paz, a manutenção da paz, a consolidação da paz, a imposição da paz, a proteção de operações humanitárias, as sanções e o desarmamento.

O **Conselho de Tutela**, considerado como antigo órgão da ONU, foi institucionalizado como um dos órgãos para gerir a administração internacional dos territórios não autônomos sob tutela, como forma de garantir que os Estados responsáveis por eles promovessem o seu progresso em direção à autodeterminação. Foi composto por três tipos de membros: os membros permanentes do CS; os membros eleitos (por três anos); e os Estados que administram os territórios sob tutela. A atividade do Conselho de Tutela foi suspensa a partir de 1 de outubro de 1994 com a independência do Palau (um dos arquipélagos da Micronésia), e conseqüentemente sua entrada como Estado-membro. Os finais da década de 1990 marcam o desaparecimento deste órgão ou a redefinição das suas funções para novas áreas de intervenção, como a gestão dos patrimônios comuns da humanidade ou de novos protetorados.

O **Conselho Econômico e Social** tem o objetivo de promover o bem-estar econômico e social das populações. É o principal órgão de coordenação, revisão e diálogo sobre políticas e recomendações relacionadas com questões econômicas, sociais e ambientais, bem como a implementação de metas de desenvolvimento acordadas internacionalmente. O Conselho Econômico e Social tem 54 membros, eleitos pela Assembleia Geral das Nações Unidas por mandatos de três anos. É a plataforma central das Nações Unidas para reflexão, debate e pensamento inovador sobre o desenvolvimento sustentável. Atua por meio de comissões como a Comissão de Direitos Humanos, Comissão dos Estatutos da Mulher, a Comissão de Entorpecentes, entre outras. Também coordena agências especializadas, como: a UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura); a UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância); entre outras.

No que diz respeito ao **Conselho Internacional da Justiça**, é o principal órgão jurídico da ONU. Sua função é resolver, de acordo com o direito internacional, os litígios jurídicos que lhe são submetidos pelos Estados e emitir pareceres consultivos sobre questões jurídicas que lhe são remetidas por órgãos e agências especializadas das Nações Unidas.

2.2.- Histórico das operações da ONU no Haiti

O Haiti que nós conhecemos hoje, como o país mais pobre do Hemisfério Norte Americano, foi a mais rica colônia Francesa do Novo Mundo. Foi denominado “A Pérola da Antilhas” durante os séculos XVII e XVIII em face ao seu potencial econômico com base na agromanufatura. Em fins do século XVIII, a conjuntura nacional e internacional, derivada da Revolução Francesa, lançou Saint-Domingues (Santo Domingo) naquela que foi a mais extraordinária e dramática transformação sofrida pela Colônia Ultramarina Europeia. A origem dessa metamorfose foi uma revolta de escravos estabelecida em agosto 1791 que através de levantes sucessivos converteu-se em luta pela independência travada até o início do século XIX. O Haiti se tornou no dia 01 de janeiro 1804, a segunda colônia nas Américas a conquistar a independência após os Estados Unidos.

Este novo país, liderado por representantes sociais da elite crioula, escravos negros, protagonizaria o processo de emancipação política do país com a instalação da primeira República Negra do mundo, que passou até 1820 por um período conhecido na história haitiana como a “Fase Fundacional”. A ordem colonial se desestruturou nesses quase 20 anos. No campo econômico, a principal característica foi a substituição da produção agroexportadora pela agricultura de subsistência. O período compreendido entre 1820 e 1915, correspondeu à segunda fase da história nacional. Nela, a economia voltou-se novamente para o exterior, com a exportação de produtos primários, principalmente o café. O poder foi exercido por sucessivos comandantes militares. Em 1915, o poder civil substituiu o poder militar e abriu o caminho para a primeira intervenção dos Estados Unidos no país, que durou dezenove anos.

Com efeito, o Haiti não logrou estabilidade política após a sua independência. Até 1915, 22 mudanças de governo ocorreram no país. Estas crises recorrentes serviram de base justificativa para a intervenção e a ocupação de natureza militar do governo americano. Esta ocupação começou em julho de 1915 e durou até 1934.

Nos dezenove anos da ocupação norte-americana (1915-1934), o país foi transformado num protetorado de Washington e tinha experimentado algum tipo de progresso, mas a tranquilidade e a paz social não foram trazidas à sociedade haitiana. Desde o início, medidas como o desarmamento da população camponesa, a dissolução do exército, o estabelecimento da corveia nas obras públicas e a abolição do preceito constitucional que proibia a aquisição de terras pelos estrangeiros, mobilizaram os ânimos autonomistas, anti brancos e mulatos. Assim, de 1916 a 1920, a revolta dos Cacos — camponeses politizados, sob o comando de Charlemagne Péralte — sobressaltou as autoridades americanas e semeou o terror entre a elite de Port-au-Prince. O fim da ocupação aconteceu em 1934, mas a ingerência externa na vida política e econômica do país não se encerrou com a saída das tropas norte-americanas.

O ano 1957 marcou o início de uma nova era na história do Haiti, com a chegada do ditador François Duvalier no poder. Oriundo da classe média, elegeu-se presidente democraticamente, com apoio dos Estados Unidos, temerosos do perigo de avanço comunista no hemisfério. Duvalier contou também com o suporte do exército e das elites locais. Conhecido como Papa Doc, declarou-se, em 1964, sete anos após sua posse, presidente vitalício e governou autocraticamente o país até sua morte, em 1971. Ele foi substituído pelo seu filho, Jean-Claude Duvalier, “o Baby Doc”, também nomeado presidente vitalício.

Papa Doc vinculou-se às oligarquias, à hierarquia eclesiástica, à tecnocracia estatal e aos setores centrais da burguesia para criar e manter o regime vitalício. Para contrariar a preponderância de mulatos na vida política do país, Duvalier organizou seu próprio instrumento de controle, os “tonton macoutes”, uma milícia para-policial com base no voluntariado. Esse grupo garantiu o monopólio da força pela presidência da república. Em 1971, ano da morte de seu pai, Baby Doc assumiu a presidência de forma igualmente autoritária e a comunidade internacional passou a divulgar os sucessivos episódios de desrespeito aos direitos humanos, o que acabou por ocasionar o enfraquecimento do regime. Em 1984, foram convocadas eleições, mas com o império do terror, a taxa de abstenção chegou a 61% dos eleitores. Em 1986, fortes pressões de diversos setores da sociedade haitiana contrários ao autoritarismo desenfreado e a repressão que marcavam o Governo de Baby Doc apoiado pelos Estados Unidos, atingiram seu ápice com um levante popular que levou à queda do presidente, obrigado a deixar o país. Em 7 de fevereiro de 1986, após quase 30 anos de ditadura, o Haiti passou a ser administrado por governos provisórios que não

conseguiram vencer as dificuldades políticas, econômicas e sociais do estado, aprofundadas durante o período da dinastia Duvalier.

Em 1988, as eleições consagraram a vitória do Leslie Manigat, que permaneceu no poder por pouco meses. Em junho, o General Henri Namphy, que assumira interinamente o governo com a saída de Baby Doc liderou um golpe de estado que depôs Manigat e assumiu a presidência. Em setembro, novo golpe de estado, promovido pelo general Prosper Avril, depôs Namphy. Avril, que por sua vez, seria destituído do poder em março de 1990. Nesse ano, instalou-se um governo civil transitório, liderado pela juíza Ertha Pascal Trouillot, que convocou eleições para dezembro de 1990, encerrando uma era de golpes de estado sucessivos. Com o fim da ditadura, o país parecia ingressar numa nova fase de sua história, marcada pela realização de eleições democráticas em 1990. O sufrágio, realizado em dezembro com monitoramento internacional, conferiu com expressivos 67% dos votos, vitória ao padre católico Jean Bertrand Aristide, sacerdote de esquerda, que se proclamava adepto da Teologia da Libertação e não desfrutava da simpatia dos Estados Unidos.

Aristide tomou posse em fevereiro de 1991 e, poucos meses depois, em setembro do mesmo ano, foi deposto por um golpe de estado promovido por militares, com o apoio de setores importantes da elite do país, liderados pelo general Raoul Cedras. O presidente deixou o país em busca de asilo nos Estados Unidos e o governo militar responsável pelo golpe nomeou, logo em seguida, o civil Marc Bazin, como primeiro-ministro. A partir daquele ano, os enfrentamentos cresceram significativamente, tanto no plano político quanto no social, agravados por um quadro econômico desalentador.

Com essas tumultuas, o Conselho de Segurança das Nações Unidas, tinha submetido o Haiti a um bloqueio naval com a intenção de isolar o país e suas crises a fim que essas últimas não afetassem a paz na região caribenha. Essa medida afetou o comércio e os interesses das elites econômicas, provocando o agravamento da crise social haitiana. A consequência mais direta foi impulsionar a emigração, vista como alternativa para a sobrevivência.

Os diferentes períodos de crise no Haiti justificam as intervenções da ONU no território. O ano 1993 marca oficialmente o início dessas intervenções. De 1993 até hoje, o Haiti recebeu pelo menos sete operações de paz (SEITENFUS, 2015), cinco missões de apoio e de manutenção da paz, as quais são: a MINUHA (Missão das Nações Unidas no Haiti), a MANUH (Missão de Apoio das Nações Unidas no Haiti), a MITNUH (Missão de Transição das Nações Unidas no Haiti), a MIPONUH (Missão de Polícia Civil das Nações Unidas no

Haiti) e a MINUSTAH em 2004. A comunidade internacional torna-se contra a sua vontade um dos principais atores do jogo político haitiano, pois as suas missões são confrontadas com a natureza política da crise haitiana.

Tabela 2. Missões das Nações Unidas no Haiti (1993-2014)

MISSÕES	PERÍODO	COMANDO	EFETIVO	CUSTO
MICIVIH	02/1993 a 03/2000	ONU /OEA	280 civis	14 milhão USD
UNMIH	09/1993 a 06/1993	Estados Unidos	1297 militares et 291 policial	15.1 milhão USD
UNSMIH	07/1996 a 07/1997	Canadá	1300 militares et 25 policial	71 milhão USD
UNTMIH	08/1997 a 11/1997	Canadá	50 militares et 250 policial	20.6 milhões USD
MIPONUH	12/1997 a 03/2000	Guiné Bissau	300 policial	20.4 milhão USD
MICAH	03/2000 a 02/2001	Missão civil	207 civis	27 milhão USD
MINUSTAH	06/2004 a 02/2015	Brasil	12000 militares et 2500 policial	8.8 bilhão USD

Fonte: Ricardo Seitenfus, 2015. Sobre a base dos dados oficiais das Nações Unidas.

A primeira intervenção das Nações Unidas no Haiti data de fevereiro de 1993, com a aplicação pela primeira vez no hemisfério, do controverso capítulo VII da Carta das Nações Unidas através da Resolução 940 acionada pelo Conselho de Segurança da ONU. O objetivo foi monitorar as violações aos direitos humanos denunciadas pelo Presidente deposto, o Conselho de Segurança estabeleceu a primeira operação de manutenção da paz no país — a Missão das Nações Unidas no Haiti (MINUHA), missão conjunta das Nações Unidas com a Organização dos Estados Americanos (OEA) — que, devido à recusa de cooperação das autoridades militares haitianas, não pôde ser totalmente implantada na altura de cumprir o seu mandato, porém permaneceria no país até 1994.

Em julho de 1994, o Conselho de Segurança autorizou, através da Resolução 940 (1994), o envio de uma força multinacional de 20.000 membros para facilitar o rápido regresso das autoridades legítimas do Haiti, manter a segurança e a estabilidade no país e promover o Estado de direito. A força multinacional foi seguida por uma série de missões sucessivas das Nações Unidas de 1994 a 2001, nomeadamente a MINUHA, que assumiu a totalidade das suas funções em março de 1995, a Missão de Apoio das Nações Unidas no Haiti (MANUH), a Missão de Transição das Nações Unidas no Haiti (MITNUH) e a Missão de Polícia Civil das Nações Unidas no Haiti (MIPONUH).

Ao longo deste período, registraram-se fatos positivos, nomeadamente o restabelecimento de um certo grau de democracia, com a primeira transferência pacífica de poderes entre dois presidentes democraticamente eleitos, o desenvolvimento de uma sociedade civil multifacetada e a sua crescente participação na criação de uma cultura política baseada em valores democráticos. No entanto, também houve dificuldades. Devido à continuação da crise política e à instabilidade que a acompanhou, as reformas sérias nunca se concretizaram.

As eleições presidenciais e parlamentares de 2000 tiveram como vencedor o Presidente Aristide para um segundo mandato, resultado que tinha sido contestado pelos membros da comunidade internacional, bem como pela oposição. No final de 2003, um novo movimento de oposição unida, que incluía os partidos políticos, atores da sociedade civil e o setor privado, apelava à demissão do Presidente. A CARICOM ofereceu a sua mediação e, em 31 de janeiro de 2004, apresentou um plano de ação preliminar, seguido, em fevereiro, de um plano de aplicação elaborado pelo Grupo dos Seis, a saber, as Bahamas para a CARICOM, o Canadá, a União Europeia, a França, a OEA e os Estados Unidos. Ambos os planos foram aceitos pelo Presidente Aristide. O plano de ação preliminar apelava às reformas profundas, incluindo a formação de um novo governo, permitindo ao Presidente Aristide completar o seu mandato. Este plano foi rejeitado pela oposição e exigiu a demissão do Presidente. Tensões e conflitos ganharam a cena durante este período, especialmente na cidade de Gonaives. Isso se generalizou e levou à demissão do presidente Aristide em 29 de fevereiro de 2004. Boniface Alexandre, presidente da Cour de Cassation, assumiu interinamente as rédeas do país, em conformidade com as disposições constitucionais. Nesse mesmo dia, o Representante Permanente do Haiti junto da Organização das Nações Unidas apresentou o pedido de assistência do Presidente Interino, através do qual foi dada autorização aos contingentes internacionais para entrar no Haiti. Na sequência deste pedido, o Conselho aprovou a Resolução 1529 (2004) que autoriza o envio de uma força multinacional provisória e declarou-se disposto a criar em seguida uma força de estabilização das Nações Unidas para facilitar a prossecução de um processo político pacífico e constitucional e a manutenção de condições de segurança e de estabilidade. Tal como previsto na Resolução 1529 (2004) do Conselho de Segurança, o Secretário-Geral recomendou a criação de uma operação multidimensional de estabilização no Haiti, denominada Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH). Na sequência desta recomendação, o Conselho de

Segurança aprovou a Resolução 1542, de 30 de abril de 2004, que estabelece a MINUSTAH por um período inicial de 6 meses. O Conselho de Segurança definiu o objetivo inicial da MINUSTAH: levar ajuda humanitária e promover a normalidade institucional no país, assim como restabelecer a segurança e proteger os direitos humanos. Além dessas funções, auxiliar no atendimento médico e odontológico, na distribuição de roupas e alimentos e também na manutenção de escolas.

A MINUSTAH durou 13 anos no Haiti. O Conselho de Segurança encerrou a Missão de Paz no Haiti por meio da Resolução 2350, assinada em abril de 2017. O fim da operação foi atingido com a realização das eleições em 2016, que colocou o empresário Jovenel Moise à frente do governo haitiano. Com o fim da MINUSTAH, foi realizada a criação da Missão das Nações Unidas de Apoio à Justiça no Haiti (MINUJUSTH) em outubro de 2017. A MINUJUSTH é uma nova operação de manutenção da Paz e, portanto, não conta com contingente militar. Formada apenas por civis e unidades de polícia, sua missão é consolidar o processo de fortalecimento das instituições públicas haitianas, assim como o cumprimento do Estado de Direito no país.

2.3.- As implicações da ONU no contexto político, social e econômico do Haiti

O Haiti é o único PMA do hemisfério ocidental. Situações de instabilidades sempre lhe marcaram, pegando a vanguarda do cenário e o transformando em um Estado instável, frágil e falido. Tal instabilidade gerou contingências políticas, econômicas, sociais e ambientais, que o caracterizaram desde a sua fundação como nação, perduram até o presente. O Haiti é um Estado frágil de fato, não assegura o acesso a recursos pelo uso de estruturas regulatórias obscuras e instáveis, garante monopólios ou oligopólios controlados pelas elites locais que são os privilégios associados à corrupção. Essas práticas reduzem a capacidade do Estado (ROCHA, 2008). O Banco Mundial classifica o Haiti como «frágil» devido à sua baixa classificação na avaliação das políticas e instituições do país (CPIA acrônimo em inglês) em matéria econômica, social, institucional e de qualidade do setor público (Banco Mundial, 2018). De um modo geral, a fragilidade define-se em relação à fraqueza das instituições e à vulnerabilidade, à instabilidade, violência e conflito. A fragilidade no Haiti foi gerada pela violência e instabilidade política (Banco Mundial, 2015b). Esta instabilidade enfraqueceu as instituições do Estado, o Estado de direito e o clima de investimento,

conduzindo à violência e à desconfiança em relação às autoridades. O Haiti é um estado falido, ao presumir a falência das instituições locais avaliadas com base nos parâmetros ideais utilizados pelas modernas democracias ocidentais. Essas situações de fragilidade fazem com que a comunidade internacional, por meio de programas estruturados e projetos de cooperação, contribua para fortalecer o Estado local. Implicitamente atribui-se a responsabilidade de restabelecer a autoridade pública naquele lugar, em nome da garantia dos direitos fundamentais dos seres humanos, a começar pela segurança. Por esses motivos, a ONU atua no Haiti através de programas quanto ao fim humanitário ou para a manutenção da paz.

Com efeito, na história recente do Haiti, a implicação da ONU na vida política do país foi marcada pela sua intervenção nas primeiras eleições democráticas de dezembro de 1990, e na crise aberta pelo golpe de Estado de Setembro de 1991. Estes dois acontecimentos marcam o início de uma longa cadeia de ação que envolve a ONU na esfera política e social haitiana.

O colapso do regime de Duvalier, em 7 de fevereiro de 1986, marcou uma virada decisiva no sistema político haitiano. Este período marca a passagem do autoritarismo à democracia no Haiti. A queda deste regime tem um duplo sentido segundo Ricardo Seitenfus (2015). Significa, por um lado, o fim da solidão e do isolamento do Haiti na cena internacional. Por outro lado, constitui o ponto de partida dos esforços de construção de um sistema político democrático capaz de tornar aceitáveis as regras que definem a luta pelo poder (SEITENFUS, 2015). O voto positivo da constituição de 1987 entre o Haiti numa transição democrática marcada particularmente pela violência e a impunidade. Com efeito, a famosa operação « dechoukaj=depravação» em todo o país, logo após a saída dos Duvalier, dado o caráter *sui generis* do Conselho Nacional de Governo sucede à ditadura civil. Seguem-se o aborto das primeiras eleições livres e democráticas pelo massacre de 29 de novembro de 1987, a degradação política e econômica que não cessa, a instauração da democracia sob as pressões internacionais e a restauração desta; pela intervenção militar dos Estados-Membros em 15 de outubro de 1994. Após três anos de golpe de Estado e de bloqueio econômico, são esses fatos sociais e políticos que permitem compreender toda a estratégia política que interveio na transição haitiana e na implantação da democracia. Ainda hoje, perduram-se as crises decorrentes dessa transição democrática. A presença da comunidade internacional através dos seus numerosos programas continua a trabalhar em solo haitiano. Foi o caso da MINUHA (Missão das Nações Unidas no Haiti), a MANUH (Missão de Apoio das Nações

Unidas no Haiti), a MITNUH (Missão de Transição das Nações Unidas no Haiti), a MIPONUH (Missão de Polícia Civil das Nações Unidas no Haiti), a MINUSTAH em 2004 e recentemente a MINUJUSTH iniciado em 2017.

A presença da ONU é observada em cada sessão eleitoral no Haiti. São as instâncias da comunidade internacional que participam na contagem dos votos, que financiam as eleições, a proclamação dos resultados, para chegar ao exercício do poder. O Haiti vive uma espécie de paternalismo democrático dos países que se dizem «países amigos». A comunidade internacional tem atuado em solo haitiano desde o final do século XX, por meio de programas estabelecidos para a estabilização política e econômica.

2.4.- A MINUSTAH e a liderança do Brasil

O cenário de pobreza e de instabilidade assolam o Haiti e, de certa maneira, justificam a presença da comunidade internacional. Desde o começo do século XXI, estabeleceu-se uma forte relação com o Brasil, devido a atuação das forças armadas brasileiras na missão das Nações Unidas, desde 2004, para o desenvolvimento social, além da assistência humanitária após o sismo de 2010. Esses dois países têm semelhanças nas suas histórias, uma vez que foram colônias de exploração e tiveram a população nativa dizimada pelos colonizadores. Boa parte das suas economias foi baseada no cultivo de cana-de-açúcar durante o período colonial, em relação à similaridade climática. Em relação à imensa disparidade do território nacional, pode-se dizer que são países que se aproximam, já no âmbito socioeconômico, o Brasil é considerado como mais desenvolvido que o Haiti. Com efeito, em termos de IDH, o Brasil ocupa o 79º lugar com um IDH de 0.761 (PNUD, 2019), enquanto o Haiti está no final da lista, em 161º lugar.

O Brasil contribui nas missões da ONU há mais de 70 anos. Até hoje, o Brasil já participou em 47 missões da organização, incluindo 43 operações de manutenção da paz, e enviou ao terreno cerca de 50 mil homens e mulheres uniformizados (HAMANN, 2018).

As relações entre o Brasil e o Haiti não começaram com a missão para a estabilização do Haiti estabelecida pela ONU. O Brasil já manifestou seu apoio pelo Haiti durante a crise democrática haitiana da década de 1990, em se abster contra a resolução 940 da ONU. Vítima de um golpe militar em 1991, o Haiti caiu numa situação de crise intensa, que chamou a atenção da comunidade internacional. Os norte-americanos defendem a tese de que as crises políticas haitianas não são apenas um problema interno, mas se tornam uma ameaça contra a

paz e a segurança internacional a partir do momento em que provocam afluxos migrantes haitianos. Por certo, o golpe de Estado de 1991 provocou o afluxo de “boat people” às costas da Flórida, e, para remediar esta situação, os Estados Unidos, favoráveis a uma intervenção militar no Haiti, prometeram defender os valores da democracia. Esta ação foi vista por João Clemente Baena Soares como a única maneira encontrada pelos EUA para defender a costa da Flórida contra o afluxo de migrantes haitianos e, por isso, considerar o retorno do presidente deposto conhecido como Jean Bertrand Aristide. Este mesmo golpe de Estado provocou um embargo decretado pela comunidade internacional, um rude golpe para todo o país, que afetou os mais pobres de modo particular. Seguramente, o embargo decretado pela resolução MRE/RES.1/91, 2/92 e 3/92, visa permitir a restituição imediata do exercício da sua autoridade legítima ao Presidente Aristide e recomendou aos Estados-Membros, suspender as suas relações diplomáticas com o governo de fato e suspender as relações econômicas e comerciais de toda a natureza com o Haiti.

Naquele momento, o Brasil repudiou o golpe militar que destituiu o Aristide em 1991 e manifestou apoio ao presidente deposto. Sua decisão de se abster contra a resolução 940 que autorizou a formação de uma força multinacional com autoridade para usar todos os meios necessários para manter a paz no país é compreendida sob vários pontos de vista. Para Ricardo Seitenfus (2015), a posição do Brasil contra essa intervenção é qualificada como sendo anacrônica, associando esse posicionamento a uma visão da soberania como contrária a qualquer ingerência externa. Para Irene Pessoa de Lima Câmara, diplomata brasileira e funcionária da OEA no momento da crise, o Brasil classificou como ilegítimas e juridicamente inadequado o bloqueio naval e, manifestava sua posição de que a crise haitiana deveria ser debatida no âmbito da Assembleia Geral da ONU e que esta deveria se limitar a manifestar apoio à resolução da crise por meio dos arranjos regionais (LIMA CÂMARA, 1998). A posição se justifica ainda, pelo fato que a resolução poderia gerar implicações imprevisíveis e não refletia um consenso em relação ao apoio dos países da região (LIMA CÂMARA, 1998). Para a autora, a posição brasileira deve ser entendida como refletindo um ativismo pragmático, que busca a defesa dos interesses nacionais e de decisões legítimas e equânimes no âmbito dos organismos multilaterais. Quanto ao tema da democracia, a autora chama atenção para o fato de que a questão não é um princípio de Direito Internacional, ao contrário, é dos Direitos Humanos, e que, portanto, ainda há uma indefinição sobre como organismos como a ONU devem se posicionar em relação à sua defesa e quais tipos de ações

devem ser autorizadas com esse fim (LIMA CÂMARA,1998). Segundo Viegas, a decisão do Brasil em se abster em relação à resolução 940 se deu pelo fato que o país considera que a autorização do uso da força naquele contexto era precipitada e, que os demais países da região não estavam de acordo com a decisão de autorizar o uso da força, o que constituía, segundo o autor, “preocupante afastamento das práticas e princípios das Nações Unidas no que se refere às ações de manutenção da paz” (VIEGAS, 2008, p. 23).

Mais de uma década depois do golpe militar que exilou o presidente Aristide em 1991, o país enfrentou uma situação semelhante. Em fevereiro de 2004, houve muito tumulto no Haiti e a comunidade internacional resolveu exilar-se na África do Sul, pois Aristide fora vitorioso nas eleições de 2000. O Haiti estava vivendo um momento de crise e de instabilidade política em fevereiro de 2004, com a existência de gangues e grupos rebeldes armados. A crise provocou a queda do presidente Jean Bertrand Aristide. Assim, mais uma vez a percepção e o medo de que um conflito político estritamente doméstico venha ameaçar a paz e a segurança regional ou mesmo internacional, impregna de forma indelével e permanente a ação da comunidade internacional. A situação de instabilidade poderia provocar um grande êxodo para outros Estados da região. Assim, poucas horas após a partida de Aristide para a África do Sul no exílio, o Conselho de Segurança adotou a Resolução 1529 que prevê uma força multinacional interina (Multinacional Interina Force - MIF), encarregada de manter a ordem no Haiti. A MIF começou a atuar em 15 de março do mesmo ano com um mandato máximo de três meses, tendo como prioridades a ajuda humanitária, a restauração da paz e da estabilidade, o apoio ao processo político e constitucional. Liderada pelos Estados Unidos da América (EUA), a MIF era integrada também por militares de Canadá, França e Chile. Foi composta por cerca de 3.400 (três mil e quatrocentos) militares, dos quais 1.800 (mil e oitocentos) dos Estados Unidos, 800 (oitocentos) franceses, 460 (quatrocentos e sessenta) canadenses e 340 (trezentos e quarenta) chilenos (SOARES, 2016).

Através do capítulo VII da Carta da ONU que apoia operações de paz, outra resolução foi aprovada e adotada em abril de 2004 para substituir a MIF, neste caso a missão para a estabilização do Haiti (MINUSTAH). Esta resolução (Resolução 1542) definiu as condições e o mandato da referida missão e permitiu a retomada do processo democrático, assegurando um ambiente seguro e estável no país. A MINUSTAH substituiu a MIF a partir de 1 de junho e é composta por uma minoria de civis, polícias e um contingente militar.

A MINUSTAH é a oitava missão das Nações Unidas no Haiti em um espaço de apenas 11 anos (1993-2004). E não é uma operação de *peacekeeping* tradicional, mas uma missão complexa, baseada no capítulo VII da Carta das Nações Unidas. A missão pode ser entendida como uma missão de imposição da paz, envolvendo missões ofensivas (em relação às gangues), ações de manutenção da paz tradicional e estabilização, assim como distribuição de assistência humanitária (MORNEAU, 2006). O Brasil foi convidado a fazer parte da MINUSTAH, pela sua importância estratégica na América Latina. Reticente, seus representantes nas Nações Unidas tinham tentado fazer com que a base legal desta missão fosse baseada no capítulo VI que defende o estabelecimento da paz através da resolução pacífica dos referendos e não sobre a imposição da paz prevista no capítulo VII da Carta da ONU. A relutância do Brasil em participar nesta missão desapareceu quando lhe foi proposto assumir o comando da missão. Esta missão tinha algumas vantagens para o Brasil, por exemplo, os militares tinham a possibilidade de treinar as suas tropas em condições reais, cooperar com outros exércitos em ação num país estrangeiro e beneficiar-se de uma ajuda financeira importante das Nações Unidas. Como um bônus desta situação, havia ausência de riscos e de perdas humanas.

A participação do Brasil na MINUSTAH é um dever constitucional, e caracteriza-se como um instrumento da política externa brasileira. O amparo básico que condiciona a participação brasileira em operações de paz é inserido na Constituição Federal de 1988, no artigo 4º, no seu inciso IX, no qual se afirma que as relações internacionais brasileiras são pautadas pela cooperação entre os povos para o progresso da humanidade. Essa cooperação é conhecida como a democracia solidária que é, segundo Ricardo Seitenfus, uma nova atitude das relações exteriores brasileiras ou, ainda, um novo paradigma na resolução do conflito por intermédio das missões de paz.

A democracia solidária pode ser definida como sendo a concepção e a aplicação de uma ação coletiva internacional, sob os auspícios do CS, feita por terceiros Estados intervenientes num conflito interno ou internacional, desprovidos de motivações decorrentes de seu interesse nacional movidos unicamente por um dever de consciência ou por interesses difusos (SEITENFUS, 2006). A Diplomacia Solidária é vista como uma maneira de inserir o Brasil na esfera internacional por meio das missões de paz e está marcada pelo desinteresse material. Essa missão reflete a nova diplomacia pela sua composição, com ingresso de países considerados como “um papel secundário no sistema internacional”, o que pode significar que

tais países não teriam qualquer interesse econômico em integrarem-se à missão. Essa diplomacia é o único caminho para a resolução dos problemas no Haiti segundo Seitenfus. Porque num país onde não há trabalho, emprego, nenhum desenvolvimento, não haverá estabilidade ou segurança (SEITENFUS, *opp. cit.*).

A participação brasileira em missões de paz da ONU é um dos principais fatores que tem possibilitado ao Brasil melhorar e ampliar sua credibilidade e sua autoridade para atuar no cenário mundial, particularmente em sua liderança regional (LESSA, 2007). Por meio das Operações de Manutenção de Paz, o Brasil estreitou laços de amizade e cooperação com diversas nações, em particular com os países africanos, o que possibilitou o aumento da influência brasileira naquele continente, tanto no campo político como no econômico. Na América do Sul, o Brasil consolidou sua liderança junto ao Mercado Comum do Sul (Mercosul), tem participado ativamente dos projetos regionais de integração como a Comunidade Sul-Americana de Nações, bem como tem sido o mentor das negociações com os EUA sobre a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), tudo isto graças ao respeito e credibilidade obtidos por sua projeção internacional. O estreitamento de laços entre as nações sul americanas valoriza o consenso regional sobre questões atinentes à defesa humanitária.

A participação do Brasil na MINUSTAH tinha mais um objetivo político que econômico. Com efeito, ao assumir o comando da missão, o Brasil pretendia um lugar permanente no seio do Conselho de Segurança ao demonstrar sua capacidade em criar sua área de influência alcançando assim a liderança. De julho de 2004 a junho de 2014, nada menos do que 30.000 militares brasileiros fizeram uma estadia de 6 meses no Haiti. Este é o maior contingente da MINUSTAH, dos quais 22 homens morreram lá, 18 na fase do terremoto e o restante por acidentes e suicídios. Esta missão, comandada pelo Brasil, foi sempre acompanhada por desacordos, confrontos, críticas e dramas, incluindo a morte do General Bacellar.

A participação do Brasil na missão envolve tanto uma dimensão global quanto uma dimensão regional. No que diz respeito à dimensão global, o envolvimento na missão reforça uma aspiração da política externa brasileira em manter a ordem internacional regulada por regras e instituições. No que diz respeito à dimensão regional, o envolvimento na missão tem estimulado a integração (RAMALHO, 2010).

2.5.- A cólera no Haiti no contexto pós terremoto: resultado da missão de estabilização no Haiti (MINUSTAH) e da precariedade do sistema sanitário

O terremoto de 12 de janeiro de 2010 foi registrado como o mais catastrófico na história de tragédias naturais do Haiti. Atingindo a região metropolitana de Port-au-Prince, classificou-se como o mais grave do século passado. Sendo ainda reconhecido como o mais pobre do Hemisfério Norte Americano, além de ser vulnerável aos eventos adversos naturais, o Haiti enfrenta problemas de ordem humanitárias e sanitárias. A chegada da epidemia de cólera em outubro 2010 mostrou até que ponto o Haiti é um país vulnerável no item infraestrutura sanitária e segurança das condições de saúde. Neste momento, vamos discutir o papel exercido pela ONU por meio da missão de estabilização no Haiti, durante a ocorrência da mais severa epidemia colérica, visando apontar a precariedade do sistema sanitário precário e de saneamento básico.

2.5.1- A chegada da epidemia de cólera no departamento do centro e a progressão do vírus no Haiti

O mundo está vivendo a sétima pandemia de cólera na sua história. Milhares de pessoas já morreram por causa dessa doença no passado e as vítimas continuam a aumentar no mundo nessa época moderna. A primeira grande epidemia de cólera aconteceu em Bangladesh, em 1816, e se espalhou pela Índia, China e Mar Cáspio. Em 1832, 8 mil pessoas morreram na Alemanha por causa da doença colérica. Na Inglaterra, no século XIX, uma epidemia de cólera se espalhou ao redor da cidade de Londres, matando milhares em poucos dias. Foi durante a epidemia em Londres que o médico britânico John Snow, baseado nas suas investigações, demonstrou que a cólera era causada pelo consumo de águas contaminadas por matéria fecal. A última epidemia começou na Ásia, em 1961, chegou na África em 1971 e na América em 1991. Entre 2004 e 2008, a OMS registrou aumento de 24% dos casos de cólera, em comparação ao período de 2000 a 2004.

Um dos casos mais graves desse último ciclo epidêmico aconteceu em Zimbábue, na África, em 2008, lá registraram-se mais de 99 mil casos confirmados e mais de 4 mil mortes naquele ano. Na Nigéria, a situação foi igual, onde 1500 pessoas morreram e 40 mil foram infectadas desde janeiro daquele ano, na pior epidemia de cólera no país. Em 2010, estava acontecendo a vez do Haiti de enfrentar a mais grave crise sanitária daquele país. Pois, uma epidemia de cólera sem precedentes, protagonizou-se entre os contingentes militares da ONU,

no âmbito da missão para a estabilização do Haiti (MINUSTAH). Os soldados nepaleses foram apontados como os principais responsáveis dessa crise sanitária, pois, o vírus da doença colérica estava ausente há mais de um século no Haiti. No momento da eclosão dessa enfermidade, o Nepal estava vivendo uma epidemia de cólera do mesmo tipo do que se descobriu no Haiti naquele ano, o *Vibrio cholerae* biotipo EL TOR.

A ausência do *Vibrião cólera* no Haiti durante o século passado é explicada por várias hipóteses, mesmo sendo o Haiti, um país com condições sanitárias fracas e propícias a uma epidemia desse tipo. Durante a primeira metade do século XIX, o *Cólera morbus* vindo da Europa, tinha atingido os Estados Unidos, bem como as ilhas vizinhas de Hispaniola, mas nunca tinha afetado o Haiti. Logo, durante esse século a bacia caribenha foi atingida por três pandemias de cólera, mas o Haiti nunca foi contaminado. A ausência de trocas com as zonas onde grassa a cólera é o que protege o Haiti, segundo o professor Piarroux. A cólera não tendo saído para a Ásia até ao século XIX, assim, o comércio triangular que trazia ao Haiti milhares de escravos provenientes das costas africanas não foi acompanhado pela importação de cólera. O Haiti já estava separado do resto do mundo quando ondas epidêmicas se sucederam no mundo a partir do ano 1817. Este isolamento deve-se ao fato de o Haiti ter conquistado sua independência em 1804, ao dismantelar o exército francês, uma das maiores forças armadas da época. Como consequência, as grandes potências submeteram o Haiti a um bloqueio naval, afastando-o assim dos fluxos comerciais. Aquele bloqueio o protege da cólera. No século XX, segundo Piarroux, é a pobreza que protegeu o Haiti da cólera. Pois, a pobreza o afasta das grandes vagas de imigração econômica.

Toda esta pretensa imunidade face à cólera desfez-se em outubro de 2010, dez meses depois do tremor da terra que quase destruiu a região metropolitana de Port-au-Prince, uma nova crise se estabeleceu no País inteiro, dessa vez uma crise puramente sanitária. Pois, o surto de cólera é a mais grave e mais intensa crise sanitária já enfrentada desde o último século. De certo, o surto colérico foi causado por uma disseminação do vibrião no rio Artibonite, o mais importante rio do país. Os soldados nepaleses da ONU no âmbito da missão para a estabilização do Haiti (MINUSTAH) desamarraram sua fossa séptica no rio de Meille, uma afluente do rio de Artibonite. A propósito do tema em 2012, Cristine Cortes Zenella escritora do *Le Monde Diplomatique* Brasil ao descrever o primeiro caso de cólera em 100 anos no Haiti, menciona que:

“As primeiras hipóteses sobre a origem da bactéria contemplavam a migração de elementos patogênicos que teriam chegado ao Haiti em razão de falhas tectônicas causadas pelo terremoto de janeiro de 2010, a mutação de um organismo já presente no território e a introdução do vibrião por um soldado da missão de paz da ONU, cujas fezes, contaminadas, teriam sido lançadas em águas haitianas sem tratamento. Em dezembro de 2010, o primeiro relatório sobre a origem da cólera no Haiti descartou o terremoto ou mutações naturais como possíveis causas do surto. O epidemiologista Renaud Piarroux afirmou que “o foco infeccioso partiu do campo dos nepaleses”; “o ponto de origem está precisamente localizado” e “a explicação mais lógica é a introdução maciça de material fecal no curso do rio Artibonite de uma só vez” (<http://www.fadisma.com.br/acaopelohaiti> acesso em 12.10.2021)

O que é considerado uma violação da lei haitiana em matéria do ambiente. Pois, a lei ambiental haitiana trata explicitamente da eliminação dos resíduos através dos cursos de água. Para efeito, o código rural haitiano de 1984 dispõe que «[...] a evacuação das águas residuais[...] nos cursos de água naturais [...] é formalmente proibida» (art. 140). A este título, « é, proibido evacuar ou despejar excrementos humanos nos cursos de água. A emergência da cólera é considerada por Rony Brauman, como uma responsabilidade compartilhada entre o Estado do Haiti e das Nações Unidas. Sublinhando o papel nefasto desempenhado pela sociedade privada haitiana - Sanco Haiti - que, sob contrato com a MINUSTAH, era responsável pela eliminação dos resíduos e excreção das suas bases militares. Esta sociedade não teria seguido o procedimento e evacuou as fossas sépticas para o rio, causando contaminação rápida e alargada.

O primeiro caso de enfermidade com o vibrião colérico do tipo biotipo EL TOR foi detectado na cidade de Mirebalais. Uma cidade que se encontra no departamento do centro, a 41 km da capital e povoada por aproximadamente 97.755 habitantes (IHSI, 2015). O departamento do centro, lugar da eclosão do vírus, cobre uma área de 3.675 km² e uma população estimada em 746.236 habitantes em 2015 (mais de 80% no meio rural). Subdivide-se administrativamente em 12 comunas com uma zona urbana em cada município. Cada município está subdividido em seções comunais, cada um com centenas de localidades. As maiores cidades são Hinche (capital departamental) e Mirebalais, comuna situada às margens do Rio Artibonite principal vetor de propagação da cólera (Fig.7).



Figura 8- Mapa na escala de 1:500.00 apresentando a comuna de Mirebalais, às margens do Rio Artibonite, onde se registrou os primeiros casos de cólera no Haiti, após 100 anos que essa doença não se manifestava

Fonte: Google maps (2019)

O lugar de geração da doença foi a localidade de Meille, situada no mesmo departamento e povoado com 12.526 habitantes. A partir do campo Annapurna onde abrigavam-se os contingentes nepalês vindo atuar no país em outubro de 2010 no âmbito da MINUSTAH, o vírus do vibrião colérico chegou ao Haiti. A partir daí, ocorreu a mais grave crise sanitária que o Haiti nunca conheceu antes. As condições sanitárias insuficientes da Base Militar de Annapurna não puderam impedir a contaminação do rio Meille, um afluente a montante do rio Artibonite que provocou toda esta infelicidade naquele país onde as condições de vida já eram penosas.

A contaminação do rio Meille provocou a epidemia explosiva de cólera no delta do rio Artibonite e, em seguida, em todo o Haiti. Esta difusão associa-se a vários fatores, entre os quais enunciam-se:

- ✓ o uso difundido da água do rio para lavar a roupa, banhar-se, beber e se divertir;
- ✓ a exposição regular dos trabalhadores agrícolas à água da irrigação do rio Artibonite;
- ✓ o grau de salinidade do delta do Artibonite, que forneceu as condições ideais para uma rápida proliferação da bactéria;
- ✓ a falta de imunidade da população haitiana à cólera;
- ✓ as más condições de tratamento de água e saneamento no Haiti;

- ✓ a migração de pessoas infectadas para comunidades residenciais e centros de tratamento. Esses fatores fizeram a cólera se tornar endêmica nos 10 departamentos do país - Renaud Piarroux (Fig.8).

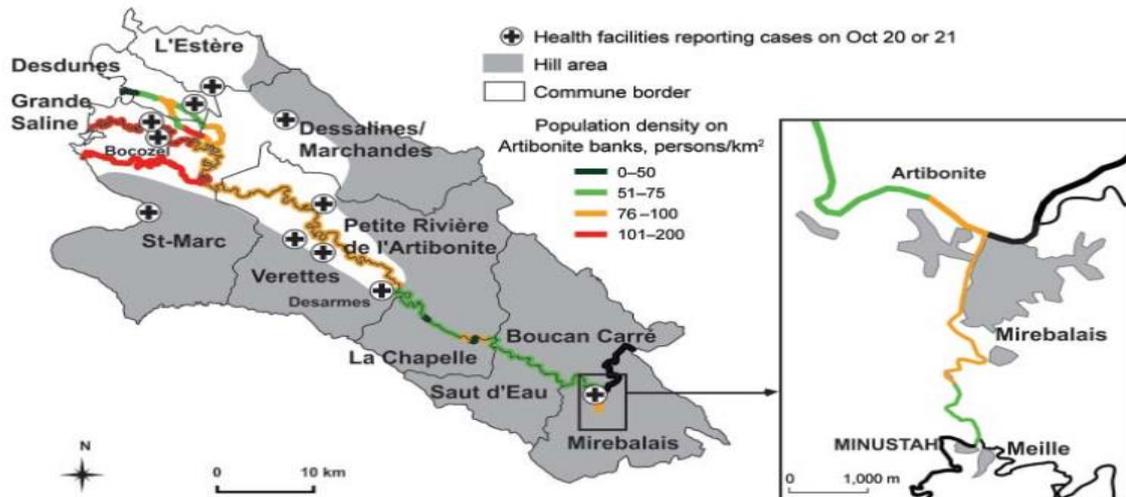


Figura 9- Local de centros de saúde que relatam casos de cólera em municípios ao longo do Rio Artibonite em outubro de 2010.

Fonte: Renaud Piarroux, 2011.

2.5.2.- Os fatores do desenvolvimento do vírus e sua propagação no país

A chegada da cólera no Haiti foi objeto de muita especulação. Várias foram as hipóteses elaboradas para dar uma explicação do que estava acontecendo no país com esse vírus mortal. Dentre essas, existe a que se aplica à migração de elementos patogênicos, que teriam chegado ao Haiti após o abalo das falhas tectônicas, provocadas pelo terremoto de janeiro de 2010.

Outras, explicam que ocorreu o desenvolvimento e a mutação de um organismo já presente no território haitiano, entretanto, análises químicas laboratoriais confirmaram que, o mesmo tipo de patógeno encontrado nas águas do rio Artibonite no Haiti era semelhante à variação encontrada no sul da Ásia.

[...] no relatório, apresentado em maio, os especialistas rejeitaram as “causas naturais” do surto e sustentaram que “a evidência admite plenamente a conclusão de que a origem da cólera no Haiti é resultado da contaminação do rio Meye, afluente do Artibonite, com uma variedade patogênica comum no

sul da Ásia do tipo *Vibrio cholerae*, em decorrência de atividade humana (In: ZANELLA e BERALDO, p.02; 2012)”.

Para além dessa situação que praticamente caracteriza-se por um completo descontrole referente à segurança e saúde dos haitianos, os dados de análise molecular indicaram a identidade genética das cepas encontradas no Haiti, o que fornece uma ponte para a detecção da origem do surto, e a semelhança com as cepas de *Vibrio cholerae* O1 do sul da Ásia. Ademais, o conteúdo do relatório descrito por Zanella (2012) alerta para o risco de transmissão de agentes patogênicos pelo pessoal mobilizado pela ONU, advertindo para a importância do tratamento profilático do pessoal da organização proveniente de regiões onde a cólera é endêmica, recomendando-se o tratamento dos dejetos fecais de todas as instalações da ONU, principalmente dos nepaleses, conhecidos como “Capacetes Azuis”.

A hipótese mais plausível aponta os “Capacete Azuis da ONU” como introdutores do vibrião, cujas fezes contaminadas teriam sido evacuadas em águas haitianas. Essa hipótese fora confirmada pelos estudos do epidemiologista francês Renaud Piarroux após suas pesquisas sobre essa doença no país, afirmando que a explicação mais evidente foi a introdução massiva de fezes no rio de Artibonite. Depois, os especialistas enviados pelo ONU afirmam em relatório enviado ao SGNU em maio de 2011, que a origem da cólera no Haiti fora provocada por uma contaminação do rio Meille, uma afluente do Rio de Artibonite, por uma variedade patogênica comum da Ásia do tipo *Vibrio cholerae*, resultado da atividade humana. Além da hipotética causa da origem da cólera no Haiti, tem os fatores que explicam a sua expansão no país, tal como, o nível socioeconômico e as condições de vida da população, favorecendo assim, a transmissão da doença. Deste modo, a epidemia se espalhou rapidamente pelo rio Artibonite e depois por todo o Haiti, manifestações populares criticam a ação da ONU pela ausência da responsabilidade com a saúde da comunidade haitiana (Fig.9 a e b).



Figura 10- Manifesto contra a ONU no Haiti e a precariedade das ações de prevenção à cólera

Fonte: Quique Lavilla. Madrid. El Mundo em Orbite em 12 de novembro de 2010



Figura 11- Manifesto contra a ONU no Haiti e a precariedade das ações de prevenção à cólera

Fonte: Quique Lavilla. Madrid. El Mundo em Orbite em 12 de novembro de 2010

2.5.2.1.- A situação de precariedade sanitária do Haiti

O Haiti apresenta um cenário variado de precariedades, tais como: precariedade econômica, ambiental, sanitária entre outras.

A precariedade do sistema sanitário, destaca-se de modo particular, para a compreensão do processo evolutivo e propagação do vírus da cólera desde outubro de 2010 (Fig.10 a e b). Essa epidemia que causou cerca de 10 mil óbitos e contaminou mais de 800 mil

pessoas principalmente aquelas que tiveram contato com a água contaminada nos eventos extremos de inundações. Nos dias atuais ainda é um problema de saúde não solucionado a contento.



Figura 12- Caminhão das tropas da ONU despejando águas residuais nos rios do Haiti.

Fonte: capa do livro: A ONU e a epidemia de cólera no Haiti de Ricardo Seitenfus (representante Especial da Organização dos Estados Americanos (OEA) no Haiti (2009-2011).



Figura 13-Vítima do furacão em contato com a água.

Fonte: Google 2021

Todavia, torna-se importante mencionar que campanhas de prevenção e controle para surtos futuros têm sido trabalhadas com a finalidade de atingir o maior número possível de pessoas (Fig.14).



Figura 14- Campanha de vacinação para prevenir a cólera no Haiti.

Fonte: OMS. Relatório, 2020.

Os terríveis e martirizantes resultados do terremoto que devastou a região metropolitana de Port-au-Prince construíram uma híbrida questão ambiental (natureza e sociedade) com a chegada da cólera ao Haiti — a sobrecarga de demandas deflagrou um caos em particular no sistema de saúde do Haiti — que já era frágil e precário. As estruturas médicas insuficientes não conseguem fornecer serviços básicos de apoio com medicamentos, reidratação e sanitização à comunidade haitiana. A crise política social e econômica que afeta o país desde 2018, reclamando a demissão do atual presidente Jovenel Moise, impacta a admissão dos habitantes nos hospitais (Figura 15).



Figure 15- Presidente Jovenel Moïse. Eleito em 2016 e assassinado no poder em 07 de julho de 2021

Fonte: Google 2021

Em decorrência do aumento das admissões para cuidados de saúde, dos quais 10% são feridas de bala, lacerações ou lesões causadas pela violência. Ficando as vítimas dos eventos naturais a depender da mesma equipe médica.

Após o terremoto de 12 de janeiro de 2010, as epidemias sempre foram temidas no Haiti, porque a situação nos campos de refugiados sempre fora deplorável. Centenas de sem-abrigo se amontoavam em campos de refugiados, onde as condições de vida eram precárias. Apesar destas condições sanitárias insuficientes, a região metropolitana de Port-au-Prince, não foi declarada como sujeita à epidemia. Só depois de 10 meses do sismo se registaram os primeiros casos de cólera no Haiti, mais precisamente no departamento do centro, que foi o berço da epidemia e o departamento de Artibonite, o seu epicentro.

Estes dois departamentos tinham sido poupados pelo desastre sísmico de 12 janeiro de 2010 e estavam muito afastados da capital. Já que a epidemia começou em Mirebalais, uma cidade enclave, que não tem nenhum contato com as cotas é um fato que contradiz a teoria ambiental anteriormente mencionada.

A cólera é uma doença de diarreia causada pelo vibrião *cholerae*. Por isso é uma bactéria que em um microscópio mede cerca de 2 a 3 milímetros de comprimento. Existe um tipo diferente de cólera vibrião, que é o biotipo EL TOR, responsável pelas ondas da sétima

pandemia que vivemos hoje. O *Vibrio cholerae* biotipo *El Tor* tem duas características: pode fixar-se às células intestinais humanas e excretar uma toxina, a toxina da cólera. Esta toxina é responsável por uma fuga cataclísmica de sais e água para o aparelho digestivo, que é acompanhado por diarreia, vômitos e desidratação. O *Vibrio cholerae* está muitas vezes presente em ambientes aquáticos, especialmente em águas salobras que resultam da mescla de águas doces e água do mar, por exemplo, em um mangue ou ao nível do estuário de um rio. Pode-se mesmo encontrar, embora mais raramente, nas águas doces dos lagos e rios. Nem todos os ambientes aquáticos, no entanto, são adequados para o *Vibrio cholerae*, cujo desenvolvimento depende de vários fatores físicos, como temperatura, salinidade e acidez. Para além das condições físicas, as populações de *Vibrio cholerae* apresentam diversos fatores biológicos. Quando as águas são carregadas de matéria orgânica, *Vibrio cholerae* que é capaz de fixar-se no plâncton vai poder multiplicar-se. Mas o *Vibrio cholerae* também tem predadores, como as amebas, e, pode ser destruído por alguns vírus que afetam as bactérias. Numa região sem água potável, o micróbio da cólera encontra muitas formas para se propagar. Permanece alguns dias nos resíduos de defecação a céu aberto, flui com as águas da chuva e assim contamina os pontos de água mal protegidos; persiste algum tempo nas mãos, na louça ou na roupa, na ausência de sabão para os lavar, contaminando assim as reservas de água das famílias e os alimentos.

2.5.2.1.- Falhas no sistema de saneamento básico

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, o saneamento é o controle de todos os fatores do meio físico do homem que exercem ou podem ter efeitos nocivos sobre o bem-estar físico, mental e social (OMS, 2004). Ou ainda, de acordo com a Lei de Diretrizes Nacionais para o Saneamento Básico (Lei nº 11.445), trata-se de um conjunto de ações sobre o ambiente que visam a salubridade do ambiente a fim de prevenir e controlar as doenças, promoção da saúde e da qualidade de vida. Isto implica ações primordiais e básicas de esgotamento sanitário, limpeza pública, drenagem urbana, controle dos vetores, tratamento e abastecimento de água. No que diz respeito a este assunto, mais da metade da população mundial não tem acesso a serviços de saneamento básico seguro (OMS, 2019; UNICEF, 2019) e é estimado a 25% a população que não tem acesso a habitação segura e serviço básico, vivendo em condições ambientais e sanitárias precárias (NERI, 2007). O que é favorável ao aparecimento de certas doenças e epidemias. Com efeito, 85% das doenças

conhecidas no mundo são de transporte hídrico, ou estão ligadas à água (OMS, 2006). O saneamento básico é, portanto, fundamental para a saúde do homem. A relação entre saúde e saneamento é vital para a prevenção de danos à humanidade (HELLER, 1998).

A questão do saneamento está fortemente ligada ao modelo econômico, que exclui as vantagens do desenvolvimento para a parte da população mais vulnerável. A interatividade entre ambiente e saúde é reforçada quando a doença infecciosa é considerada emergente ou recorrente, devido à estreita relação entre o ambiente e às condições de higiene de base insatisfatórias. Neste contexto, existe uma relação diretamente proporcional entre os problemas sociais e a degradação do ambiente e, conseqüentemente, um maior risco de ocorrência de doenças infectocontagiosas.

No Haiti, como em muitos outros países da América Latina e do Caribe, existe uma carência em matéria de acesso à água potável e ao saneamento. Esta falta de acesso à água potável e ao saneamento tem repercussões na saúde da população e tem particularmente um efeito nefasto no crescimento das crianças. Com efeito, o problema da água e do saneamento no Haiti é extremamente alarmante e causa mais vítimas do que as catástrofes. As doenças de origem hídrica, como a diarreia aguda que afeta especialmente as crianças, representam 10,4% dos óbitos nas crianças com menos de 5 anos. Esta é a terceira causa de morte em crianças no Haiti (HUMPHREY, 2009). Hepatites, malária, tifoide como doenças endêmicas no país, e mais recentemente, a epidemia de cólera mostra o quão vulnerável o Haiti é. Estas doenças são o resultado da falta de acesso à água potável e às instalações sanitárias, facilitando assim um ambiente propício à sua propagação.

De acordo com os dados, o Haiti ocupa os últimos lugares da classificação dos países em termos de saneamento e de acessibilidade em água potável. As infraestruturas de saneamento, tanto coletivas como individuais, são muito fracas. Os serviços são praticamente inexistentes, uma vez que, não existe uma rede de saneamento coletivo no país, a maior parte das famílias dispõe apenas de latrinas rudimentares ou de um simples buraco na propriedade para despejo das fezes e urina. Apenas 52,3% dos habitantes têm acesso a água potável e 31,7% da população está coberta em termos de saneamento básico (SEITENFUS, 2018). Em meio rural, somente 35% da população teve acesso a uma latrina (Plano Estratégico de Desenvolvimento do Haiti, PSDH, maio de 2012). Segundo o relatório intitulado «O progresso do saneamento e da água potável», publicado pelo Fundo das Nações Unidas para a

Infância (UNICEF) e pela Organização Pan-americana da Saúde (OPS) em 2015, 19 % da população do Haiti pratica ainda a defecação ao ar livre.

A situação ambiental do Haiti é crítica e afeta diretamente o potencial do país para abastecer a população em água. A deflorestação maciça de todo o território tem um grande impacto na saúde das bacias hidrográficas. O Doutor Evans Emmanuel já sublinhou que, em 2000, 25 das bacias hidrográficas do país estavam completamente erodidas e 97% do território desflorestado. Hoje, a situação é ainda pior, uma vez que, o País possui mais de 30 bacias hidrográficas que desempenham um papel importante na agricultura local e também na água potável, no ecossistema e na economia do país, segundo Arnold Áfrico. O desenvolvimento de várias espécies de animais e de plantas é igualmente favorecido pelas bacias. Cerca de 85% dos rios estão fortemente degradados ou em vias de degradação, causando frequentes inundações no país, com efeitos nefastos nas infraestruturas da agricultura. Os principais fatores que estão na origem desta degradação das bacias hidrográficas são: a forte pressão demográfica para as grandes cidades do país seguida de construções anárquicas, a exploração excessiva das terras, as práticas de culturas erosivas nas montanhas em detrimento das culturas que protegem o solo e a insegurança fundiária, a deflorestação maciça.

O Haiti tem um grande potencial em termos de recursos hídricos, com uma grande quantidade de rios, nascentes, lagos e lagoas. Deste potencial hídrico, as águas de superfície totalizam cerca de 9,5 milhões de m³ e fluem pelos dez principais cursos de água do país, tais como o Artibonite, os Trois Rivieres, L'Estère, Grand Riviere du nord, Grande Anse, Cavaillon, Momance, Limbé, Rivière Grise e Grand Rivière de Nippes. Estendem-se por um comprimento de 782 Km e cobrem uma superfície de 13,765Km² e totalizam um caudal médio de 154,2 m³/s. Só o rio Artibonite tem um caudal médio de 100m³ por segundo e o caudal médio dos outros nove cursos de água varia entre 3.10m³/seg. e 12m³/seg. (WASAMS, 2001).

Os recursos de águas subterrâneas são também bastante importantes, estimados em média em 56 bilhões de m³ de água. Os lençóis freáticos contínuos situados nas planícies litorais e aluviais representam 47 bilhões de m³ enquanto os aquíferos descontínuos situados na montanha são de 8 bilhões de m³. Todavia, menos de 10% do potencial hídrico é efetivamente explorado, sobretudo no território. Por outro lado, o território recebe cerca de 40 mil milhões de m³ de água todos os anos, mas apenas 10% se infiltram no solo devido,

nomeadamente, aos problemas ambientais e o resto evapora-se ou perde-se no mar. Em áreas remotas, a água é utilizada principalmente nos rios.

A água só está disponível de forma intermitente e a sua qualidade é muitas vezes duvidosa devido à poluição dos recursos hídricos utilizados, em especial em Port-au-Prince, onde a maior parte dos recursos se encontra contaminada pelos resíduos e águas residuais gerados por uma urbanização descontrolada e pelo desenvolvimento dos bairros precários (Inter Empresas, 2007).

No que diz respeito à gestão da água no Haiti, bem como ao subsector do saneamento, é a Direção Nacional da Água Potável e do Saneamento (DINEPA), criada em 2009, que é responsável pelo setor. Apesar dos esforços consideráveis de coordenação dos intervenientes e da disponibilização de fundos de investimento, as taxas de cobertura continuam a ser relativamente baixas e progridem lentamente. Em matéria de saneamento, a cobertura é de 34% no meio urbano e de 19% no meio rural, de acordo com os dados de 2015 (WHO/UNICEF). O acesso ao saneamento faz-se através de soluções individuais ou partilhadas (latrinas). Nenhuma rede de esgotos funciona. A gestão dos resíduos sólidos e das águas pluviais continua a ser da responsabilidade do Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações (MTPTC, em francês) e dos municípios.

Em 2017, 64% da população dispunha de serviços básicos de uma infraestrutura de água potável melhorada e acessível em menos de 30 minutos; 7% da população dispunha de serviços limitados de uma infraestrutura melhorada, mas acessível em mais de 30 minutos; e 29% dispunham de serviços não melhorados fornecidos por infraestruturas não protegidas, tais como fontes não captadas ou poços domésticos.

Existe uma grande desigualdade no acesso a serviços de água potável entre populações urbanas e rurais no Haiti. Com efeito, 50% das pessoas que vivem em zonas rurais só têm acesso a serviços não melhorados, quando isso apenas diz respeito a 14% das populações urbanas. Devido à insuficiência dos investimentos públicos e à má qualidade dos serviços do Governo, a percentagem de haitianos que recorre ao setor privado para a água potável passou de 10,9% para 25,8% entre 2006 e 2012. Em zona urbana, esta percentagem é ainda mais elevada (57,1% na região metropolitana de Port-au-Prince em 2012 e 45,5% nas outras cidades do país). O melhor acesso a serviços de água potável em meio urbano provém principalmente da oferta oferecida pelos numerosos operadores privados que produzem água

tratada por osmose inversa, vendida a nível de quiosques ou sob a forma de sacos, garrafas ou recipientes selados.

Em meio urbano, a água tratada por osmose inversa constitui a principal fonte de abastecimento de água potável destinada à bebida, incluída junto das populações mais pobres. Nota-se ainda que o desenvolvimento de quiosques privados, bem como a venda de água em sachês ou engarrafadas, está em constante progressão à escala nacional. Assim, cada vez mais, tais opções tornam-se acessíveis não só nas cidades secundárias, mas também nas localidades rurais. As campanhas de análise da qualidade da água realizadas pelo DINEPA, entre 2014 e 2015, nos 10 departamentos do país, visam mais de 300 recursos hídricos utilizados para o abastecimento das populações. Verifica-se, nomeadamente, que 68% das fontes (n= 281) e 29% das perfurações (n=35) estão contaminadas por bactérias de origem fecal. Em contrapartida, apenas 3% das fontes ou furos (n=11) apresentam características físico-químicas ou químicas que podem apresentar riscos sanitários ou comprometer a aceitação do serviço. De um modo geral, as águas subterrâneas utilizadas no abastecimento de água às populações são de boa qualidade, no entanto, o risco de contaminação fecal continua a ser extremamente importante.

Este último explica-se, nomeadamente, pela cobertura em saneamento, por práticas de higiene inadequadas e pela degradação do ambiente. Por último, importa ainda salientar que a utilização da água da chuva como água para uso doméstico ou como água de beber é frequente, tanto em meio urbano como rural. O consumo de água da chuva é geralmente limitado a períodos de chuva, mas pode, em certas regiões, nomeadamente em zonas montanhosas ou em certas zonas sem água subterrânea, perdurar durante vários meses.

Quatro (4) entidades principais que representam o Estado exercem funções em matéria de água potável. Trata-se de: a Direção Nacional da Água Potável e do Saneamento (DINEPA) ligada ao Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações (MTPTC), do Ministério da Saúde Pública e da População (MSPP), do Ministério do Comércio e da Indústria (MCI), do Ministério do Interior e das Coletividades Territoriais (MICT) e das próprias coletividades territoriais, dos Recursos Naturais e do Desenvolvimento Rural (MARNDR), o Ministério do Ambiente (MDE) e o Comité Interministerial de Ordenamento do Território (CIAT) desempenham igualmente um papel em matéria de gestão dos recursos hídricos. Além disso, em abril de 2017, o Conselho de Ministros adotou um projeto de lei sobre a criação da Agência Nacional de Recursos Hídricos (ANARHY), que exerceria um

papel essencial em matéria de regulação do setor da água. Por último, convém assinalar também o importante papel desempenhado pela Direção Geral dos Impostos (DGI) no âmbito da renovação das patentes comerciais das empresas privadas.

Apesar das legislações existentes em torno da esfera da água no Haiti, bem como da responsabilidade partilhada entre os diferentes setores dos ministérios afetos à gestão, à exploração e à distribuição deste recurso, o domínio do abastecimento da população permanece problemático. Os serviços prestados em água potável no Haiti caracterizam-se por uma cobertura muito fraca (menos de 50% em meio urbano e 30% em meio rural), uma alimentação descontínua pouco confiável, a qualidade dos serviços públicos de abastecimento de água é fraca tanto no meio rural como no meio urbano. A subnutrição crônica afeta 1/3 da população com menos de 5 anos. O acesso a água potável e aos serviços de saneamento básico constitui um direito humano fundamental. E os números mostram que esse direito fundamental está ainda longe de estar acessível para todos no Haiti.

2.6.- Impactos da epidemia de cólera sobre Haiti

A epidemia de cólera no Haiti é considerada como a mais violenta das epidemias de cólera que já ocorreram no mundo. Diversos fatores explicam porque esta epidemia afetou tanto o país. A rápida progressão da cólera em um ambiente propício como o Haiti fez da epidemia a mais mortal no mundo nos últimos anos. Pois a cólera causou mais mortes no Haiti do que em todo o continente africano. De acordo com as estatísticas oficiais, 819.032 pessoas apresentaram uma patologia relacionada com o bacilo causador da cólera, tendo esta epidemia feito cerca de 9.785 de óbitos (última recensão do MSPP). Mas, de acordo com os epidemiologistas, a cólera no Haiti teria feito muito mais vítimas do que as registradas nos relatórios oficiais, porque $\frac{3}{4}$ das pessoas infectadas com cólera não apresentam qualquer sinal da doença. Assim, a maioria das pessoas que contraíram a cólera não foi registada. Note-se que, com a virulência com que o bacilo atinge inicialmente as populações rurais, estas regiões não dispõem de assistência médica e de água potável, nomeadamente nas montanhas situados ao longo do vale do Artibonite, centenas de pessoas morreram sem ajuda, sequer foram registradas como adoecidas. Durante os dois primeiros anos da epidemia, entre 2010 e 2012, havia pelo menos 164.423 pessoas que contraíram a cólera e 1.065 de mortos na aglomeração de Port-au-Prince. Um por cada 100 habitantes morreu de cólera em todo o país durante os primeiros seis meses da epidemia (SEITENFUS, op.cit).

A ausência de um sistema sanitário eficaz e acessível a todos, a ausência de água potável e de saneamento básico são as causas do grande impacto que a epidemia de cólera teve no Haiti. A isto acrescem-se as condições socioeconômicas precárias que definem a sua vulnerabilidade, bem como a ineficácia do papel público do Estado na saúde, e as condições ambientais que se têm mantido no país desde várias décadas. Seguiu-se um caminho do centro, que foi o seu lugar de eclosão e de gestação, até ao litoral, seguindo o curso de água e atingindo assim, todas as aldeias e cidades ribeirinhas. Então, é por isso que o departamento de Artibonite foi visto como o epicentro desta epidemia. Logo, a cólera prolongou o calvário haitiano, aproveitando o Departamento de Artibonite, mais precisamente a zona rural, que é a região mais fértil, o celeiro histórico e a coluna da economia agrícola haitiana.

A epidemia de cólera não afetou apenas o Haiti. Por isso foi considerada um crime:

- ✓ Coletivo pelo número de vítimas feito no território nacional, com mais de 10 mil mortes.
- ✓ Estendido, pela sua dimensão geográfica, uma vez que transitou para além das fronteiras haitianas atingindo e fazendo algumas centenas de vítimas na República Dominicana,
- ✓ Contínuo, pois continuou a fazer vítimas durante uma década no país e institucional, pela forma deliberada como foi coberta pela ONU.

A epidemia de tal enfermidade, observada pela primeira vez no território haitiano desde há mais de um século, teve consequências dramáticas para a população e, foi declarada como um problema de segurança nacional. Essa enfermidade afetou principalmente as pessoas mais vulneráveis como as crianças, as pessoas soropositivas e idosos. Teve um enorme impacto negativo sobre o Haiti que já sofria de condições de segurança humana frágil. Esta situação aumentou ainda mais a pobreza, na sequência dos seus esforços de reconstrução após o sismo devastador de 2010 (CARVALHO, 2011).

CAPÍTULO III

UM OLHAR SOBRE O DEPARTAMENTO DE ARTIBONITE: EPICENTRO DA EPIDEMIA

Esse último capítulo objetiva apresentar o Departamento de Artibonite, suas características, rede hidrográfica, população e atividades.

Um departamento bastante importante pelo seu papel desempenhado no desenvolvimento agrícola e econômico do país, principalmente devido suas vastas planícies e rios que o irrigam cotidianamente, favorecendo a produção alimentar (Fig. 16 e 17).

Esse departamento, foi durante os primeiros anos da epidemia de cólera, o epicentro dessa enfermidade que matou mais de 10 mil habitantes.



Figura 16-Cultivos na área de Artbonite

Fonte: It Stok pictures



Figura 17- Vale do Rio Artbonite.

Fonte: It Stok pictures

3.1.- Caracterização do departamento de Artibonite

O Departamento de Artibonite é o segundo maior do Haiti. Se estende sobre uma área de 4847 km², ou seja, representa 16,5% do Território Nacional. Está situado entre as latitudes 19° 19' 60" N e os longitudes 72° 30' 0" W. Limitando-se ao norte pelos departamentos do Norte e do Noroeste, ao sul pelo departamento de Oeste, ao leste pelo departamento do Centro e a oeste pelo Golfo da Gonâve. Artibonite subdivide-se em 5 distritos, contendo 15 comunas e 62 seções comunais. Sua capital é o Gonaives, o mais importante município do departamento. Segundo as estimativas de 2015 Artibonite abrigava mais de 1. 727.524 de pessoas (IHSI, 2015).

A topografia é caracterizada pela presença de planícies e do vale de Artibonite. Três grupos de montanhas atravessaram o departamento: a cadeia da Terre Neuve (Fig.14) a noroeste, o maciço das Montanhas Negras no centro, que inclui a cadeia de Marmelade, a cadeia de Ennery, a cadeia de Cahos e a cadeia das Montanhas Negras. A Sul, o início do canal dos Matheux. O departamento de Artibonite é caracterizado por diferentes tipos de clima. Mas o tipo de savana tropical e semiárido quente são predominantes.



Figura 18- Terre Neuve uma das mais bonitas comunas do Haiti

Fonte: Terre Neuve la plus belle commune d’Haiti. site digital.Fandon.com

Do ponto de vista geológico, o departamento de Artibonite ocupa uma posição entre um conjunto setentrional de arco insular representado pelo Maciço do Norte e um conjunto meridional de tipo bacia oceânica especialmente desenvolvido na Ilha do Sul do Haiti. Assim a presença de rochas sedimentares, rochas efervescentes e complexos vulcânicos sedimentares e rochas intrusivas são as características geológicas do departamento (Fig.19).

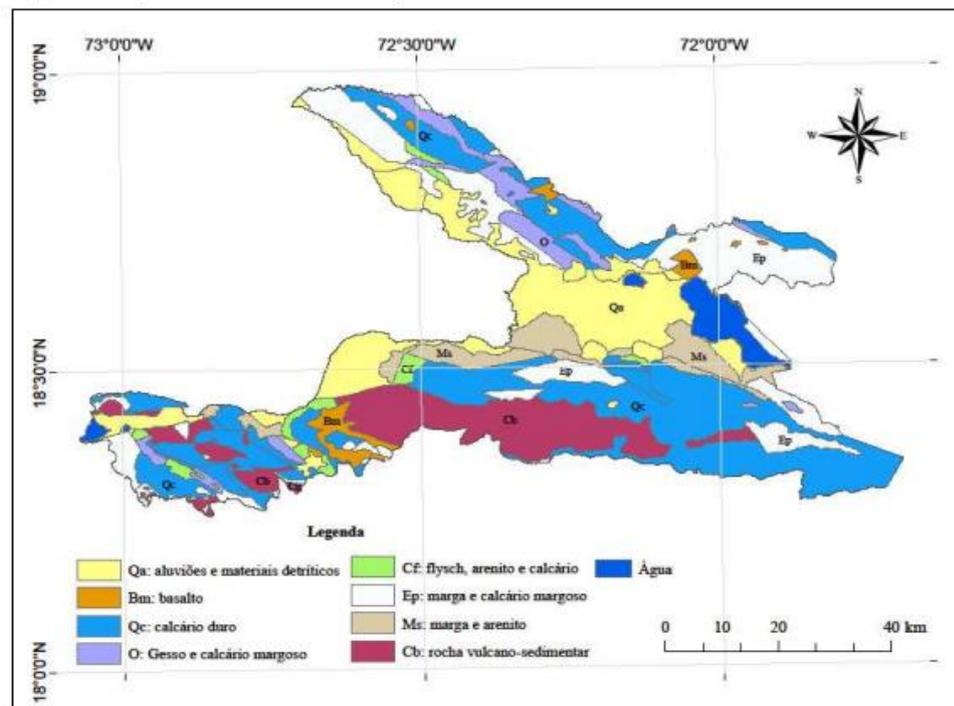


Figura 19- Unidades litológicas do Haiti. - Extraídos do mapa geológico – Haiti. Formato arquivo: shapefile – BME na escala 1:250000.

Fonte: <http://haitidata.org>.

A rede hidrográfica de Artibonite é importante, pois compreende em grande parte as bacias hidrográficas dos principais rios tal como a Quinte (700 km²), o Estere (870 km²), e o rio Artibonite. É completado por cursos de água das bacias dos Trois Rivieres, Anse Rouge e Matheux. O rio de Montrouis atravessa também o departamento e completa os principais rios que irrigam as planícies. Dentre os mais importantes há as planícies das Gonaives, do Artibonite, uma parte da planície de l'Arbre e uma parte do vale de Artibonite (Fig.16). O Departamento de Artibonite possui recursos em águas termais, as águas de Boynes ou nascentes quentes na planície de l'Arbre no sudeste de Anse Rouge.

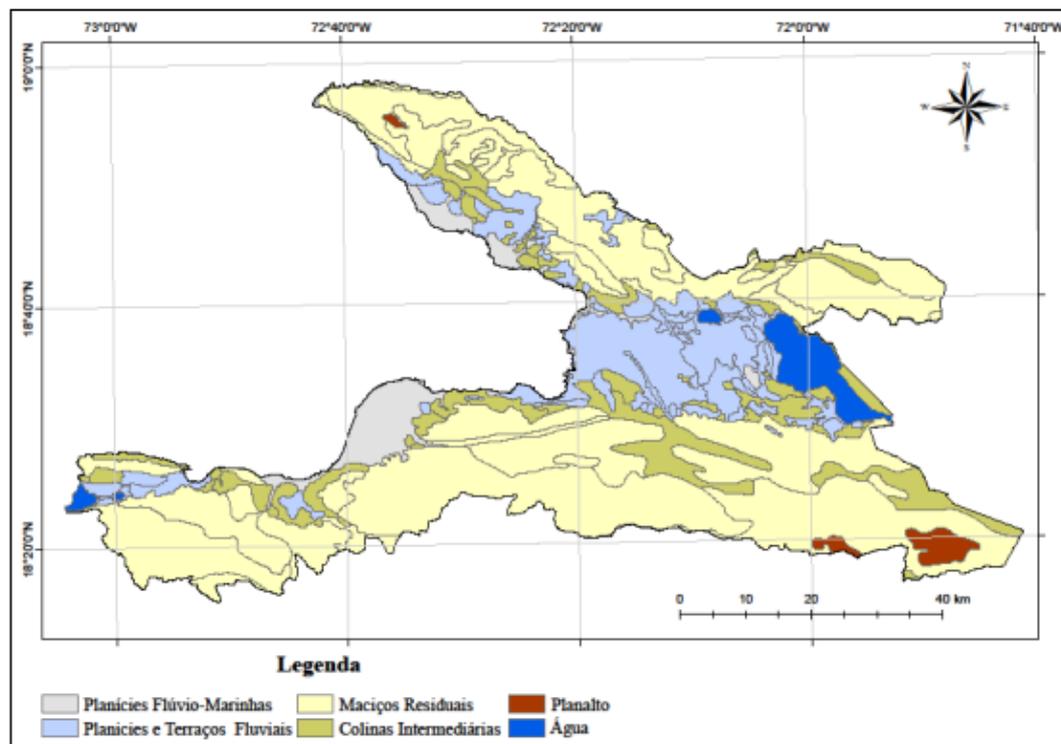


Figura 20- Unidades geomorfológicas na área estudada. - Extraídos do mapa geomorfológico – Haiti. Formato arquivo: shapefile – BME na escala 1:250000.

Fonte: <http://haitidata.org>.

O departamento de Artibonite tem uma paisagem contrastante. A paisagem é seca na região da savana desolée a Enery, passando por Gonaives. A parte sul partindo de Montrouis a l'Estere é conhecida por sua paisagem luxuriante, onde o rio de l'Estere e o rio Artibonite serpenteiam vastos arrozais.

O Artibonite é uma importante área de produção de cereais, como: milho, arroz e sorgo. Contudo, mais de 50% da população têm insegurança alimentar devido a restrições de terra, vários desastres naturais e produção limitada (OCHA, 2012). Segundo esse mesmo organismo, a taxa de desnutrição crônica neste departamento afeta 23,1% das crianças. O departamento de Artibonite conhece uma exacerbação das vulnerabilidades inerentes a uma sucessão de ciclones e inundações. Além disso, o departamento é vulnerável aos riscos de deslizamentos de terra, desmoronamentos e aqueles relacionados à inacessibilidade e/ou isolamento de alguns municípios. OCHA (2012) estima que 65% das comunas, estão em risco de inundação e deslizamento de terra.

O departamento de Artibonite possui a rede rodoviária mais densa dos departamentos geográficos do Haiti. Com uma rede rodoviária que se estende sobre 842 km², representando

18,5% da rede nacional. Os principais portos marítimos do Departamento de Artibonite encontram-se nos Gonaïves, capital do Departamento e em Saint-Marc.

3.2. Caracterização da bacia hidrográfica do rio de Artibonite.

Existem 30 bacias e zonas hidrográficas no Haiti que fluem das montanhas até a costa. Segundo Brooks et al (1992), a bacia hidrográfica é uma unidade lógica de ordenamento que permite ter em conta a transmissão do montante para jusante, as interações entre as características da água e utilizações do território. A bacia pode ser dividida em várias sub bacias. Tal é o caso da bacia hidrográfica do rio de Artibonite, o mais importante do território haitiano. A bacia hidrográfica do rio Artibonite é uma bacia transfronteiriça, compartilhada entre o Haiti e a República Dominicana. Como cerca de 75% da sua superfície está em território haitiano, essa bacia se localiza na parte central do país, a oeste da fronteira com a República Dominicana e cobre uma área de 9000 km² (Figura 17). A bacia hidrográfica do rio Artibonite é subdividida em alta bacia hidrográfica do rio Artibonite cobrando uma medida de 6936 km² de superfície, repartindo assim: 2700 km² em a Republica Dominicana e 4236 km² está no Haiti, e tem a baixa bacia hidrográfica do rio Artibonite estendendo sobre uma área de 2 449 km² (Haiti-OEA, 1987)⁸.

⁸ Neste item utilizamos os dados referente aos estudos realizados pela OEA sobre a bacia hidrográfica do rio Artibonite. Mesmo que este estudo date 1987, devido se ter poucos estudos realizados neste campo, os dados da OEA são seguros.

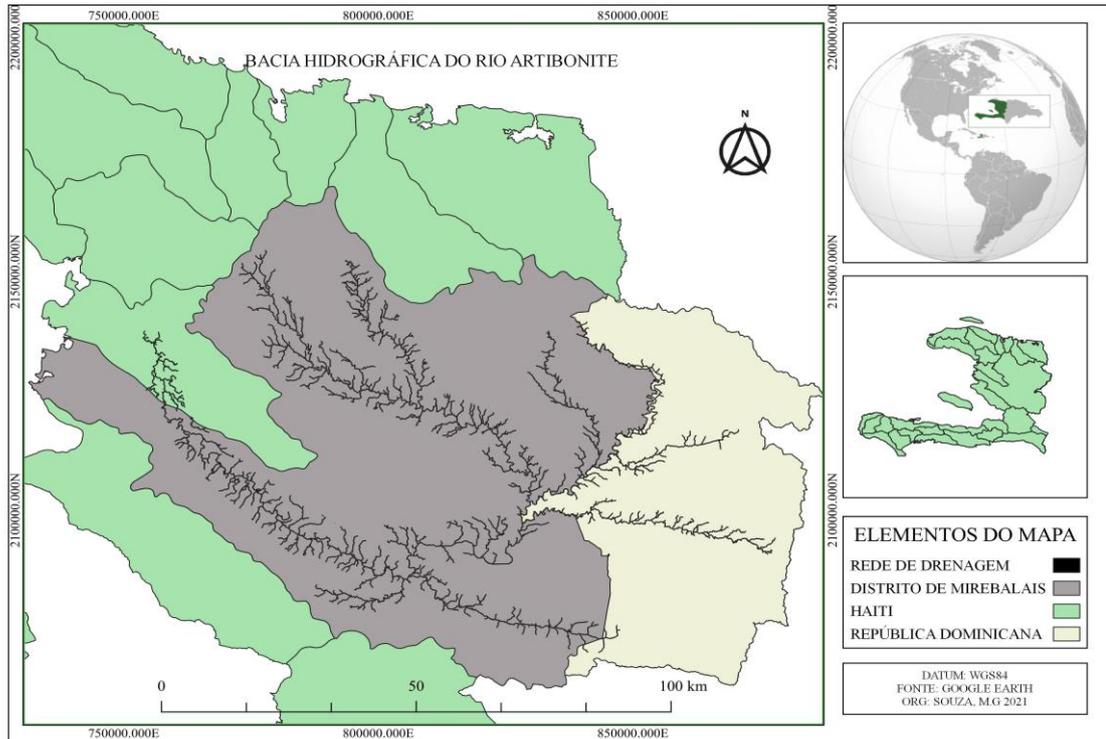


Figura 21- Mapeamento da bacia hidrográfica do Rio Artibonite

Fonte: SOUZA, M. 2021.

A alta bacia hidrográfica do rio Artibonite corresponde à parte que se encontra a montante do lago de Peligre. Está subdividida em 17 sub-bacias hidrográficas e abrange um território que compreende uma parte dos departamentos do Nordeste, do Norte e do Artibonite, e todo o departamento do Centro (Figura 21). Essa bacia hidrográfica compreende quase totalmente a área de 13 municípios (Belladère, Lascahobas, Thomonde, Thomassique, Hinche, Cerca-la-source, Mont-Organisé, Carice, Mombin-crochu, Pignon, Saint Raphaël, Dondon, Saint-Michel de l'Attalaye, Maissade) e parcialmente 8 municípios (Savanette, Boucan Carre, Petite-Rivière de Artibonite, Dessalines, Ennery, Marmalade, Ranquitte, Valiere).

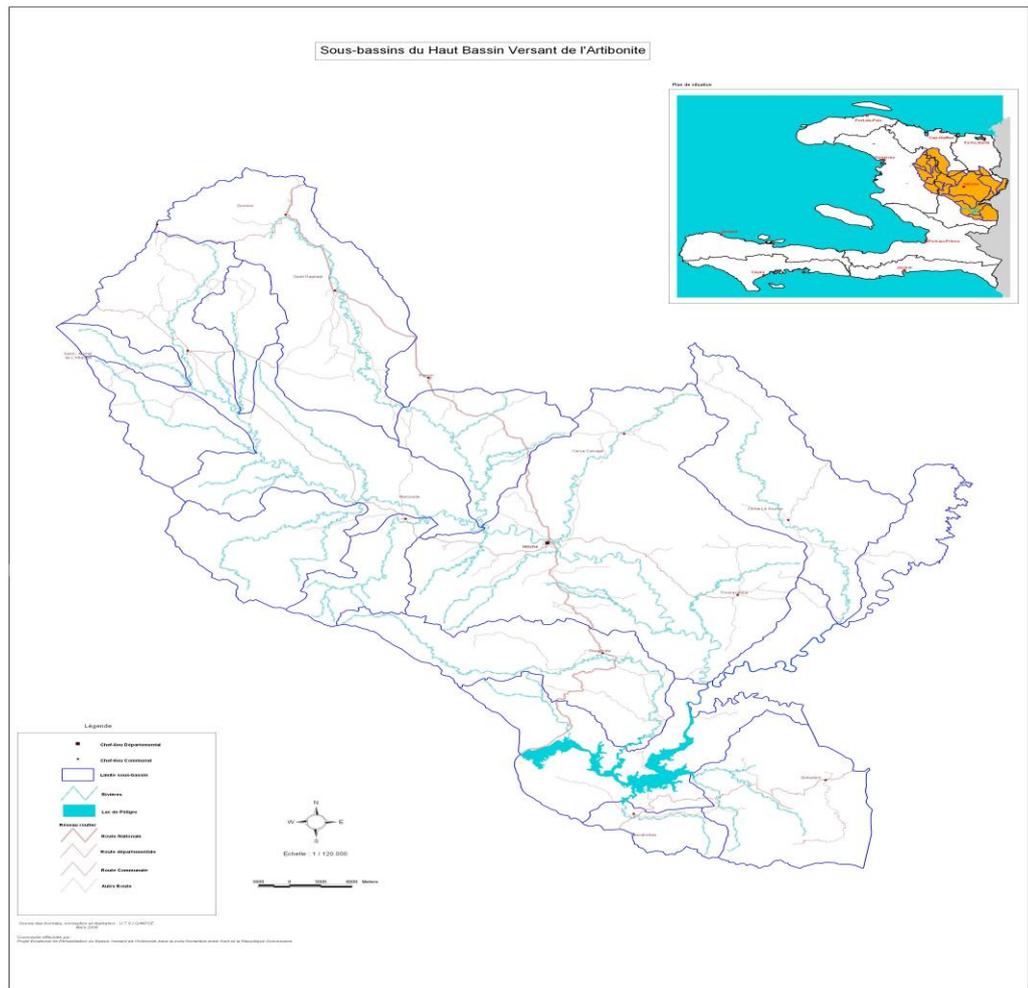


Figura 22- Sub bacia da alta bacia hidrográfica do rio Artibonite

Fonte: OXFAM-QUEBEC, 2007

Três formações são dominantes na alta bacia do Artibonite: as aluviões e materiais detríticos representam 17% da superfície; as margas e areias situadas no prolongamento do corredor central representam a formação mais vasta com cerca de 25 % da superfície e os calcários duros encontrados na base das cadeias montanhosas cobrem mais de 17% da área da bacia. Note-se uma presença muito reduzida de materiais basálticos (4%) localizados no prolongamento da cadeia dos Cahos. As rochas têm 86% de origem sedimentar, enquanto apenas 14 % são de origem magmática.

As formações geomorfológicas constituídas pelas mornas cobrem 38 % da parte haitiana da bacia do rio Artibonite a montante da barragem de Peligre. As planícies e vales estendem-se por 45% da área da alta bacia. O resto da área é praticamente constituído por formações rochosas. As formações cársicas, que desempenham um papel importante na

infiltração da precipitação e na formação de ressurgimento a jusante, abrangem 22% da parte alta da bacia. Além disso, o conjunto das formações que contêm uma proporção significativa de calcário dão origem a 46% dos solos da bacia com uma forte tendência alcalina (Haiti-OEA, 1987).

A alta bacia do rio Artibonite engloba a quase totalidade do departamento do Centro e afeta outros departamentos (Artibonite, Norte e Nordeste). Sua configuração geral é a de uma bacia elevada cujo fundo se situa a uma altitude média de cerca de 300 m. A zona mais baixa é a barragem do Peligre situada a uma altitude de 150 m e menos de 3 % da superfície da bacia encontra-se abaixo de 200 m de altitude. 55 % da área da bacia situa-se entre 200 e 500 m de altitude. Cerca de 42 % das terras têm uma inclinação inferior a 5 %. 9,4 % apresentam uma inclinação superior a 30 % e um pouco mais de um quarto da superfície (27 %) da alta bacia tem uma inclinação compreendida entre 12 % e 30 %.

A deflorestação e as más práticas agrícolas de que dependem milhares de famílias no departamento sujeitam a bacia hidrográfica à erosão. O que diminui os rendimentos agrícolas e provoca deslizamentos de terras mortíferos devido às chuvas diluvianas que reacendem e inundam por não terem sido absorvidas ou pelo menos travadas pela natureza circundante. Este ciclo provoca a sedimentação na bacia hidrográfica.

De acordo com o Balthazar (2006), a direção das massas de ar, bem como a altura das cadeias montanhosas, desempenha um papel importante na pluviometria no interior da bacia. A precipitação média anual é de cerca de 1.500 mm de chuva. Muito pouco ou nenhum ciclone atinge a parte superior da bacia hidrográfica do Artibonite. Esta região do país não se situa no eixo dos ciclones provenientes do mar das Caraíbas, ou do extremo noroeste e não se encontra sob a influência direta de ventos violentos, como a parte sul do país.

A desembocadura da bacia hidrográfica do Artibonite está localizada entre as latitudes 18°38'35 et 19°21'35,92 nortes e 72°48'24,33 et 71°43'2.91 longitudes oeste e se estende sobre uma superfície de 2449 km². Essa bacia sobrepõe-se a cinco sub-bacias hidrográficas (MARNDR, 1998 apud OXFAM-QUEBEC, 2007). A baixa bacia do rio Artibonite se estende sobre três departamentos (Artibonite/Centro/Oeste), com 50% e 40% do seu território situa-se, respectivamente, no departamento do Artibonite e do Centro (Figura 19).

Do ponto de vista geológico, predomina a presença de rocha sedimentar (96%). Os calcários duros e rígidos, as aluviões e os materiais detríticos e depois as margas e areias são as formações litológicas mais frequentes que encontramos nesta bacia.

Do ponto de vista geomorfológico, os constituintes do baixo curso do rio Artibonite são diversificados. Predomínio das formações cársicas. Estas formações representam cerca de 35% da área da sub-bacia e encontram-se nas formações geomorfológicas dos planaltos e maciços rochosos residuais e das montanhas baixas e colinas intermédias, que ocupam uma superfície de 27%. Um pouco menos de 25% da área da bacia é revestido com materiais detríticos. O resto da área é quase inteiramente ocupado pelas acumulações litorais e heranças costeiras.



Figura 23- Seção do baixo setor da bacia do Rio Artibonite

Fonte: OXFAM-QUEBEC,2007

Do ponto de vista topográfico, a jusante da bacia hidrográfica do Artibonite apresenta-se como uma zona de baixa altitude, variando entre 0 e 1.960 m. Cerca de 67% do território se encontra a menos de 500 m d'altitude; 18% entre 500 e 1.000 m de altitude; 15% se encontra a mais de 1.000 m de altitude. No que diz respeito às encostas, na parte inferior da bacia hidrográfica do Artibonite, 25 % das terras têm uma inclinação inferior a 5 %; 12 % das terras têm uma inclinação compreendida entre 5 % e 12 %. Um pouco menos de 40 % das terras

apresentam uma inclinação compreendida entre 12 % e 30 %; e cerca de 23 % das terras têm uma inclinação superior a 30 %. Na parte baixa do rio, mais de 60% dos solos apresentam um risco de erosão elevado, grave ou muito grave.

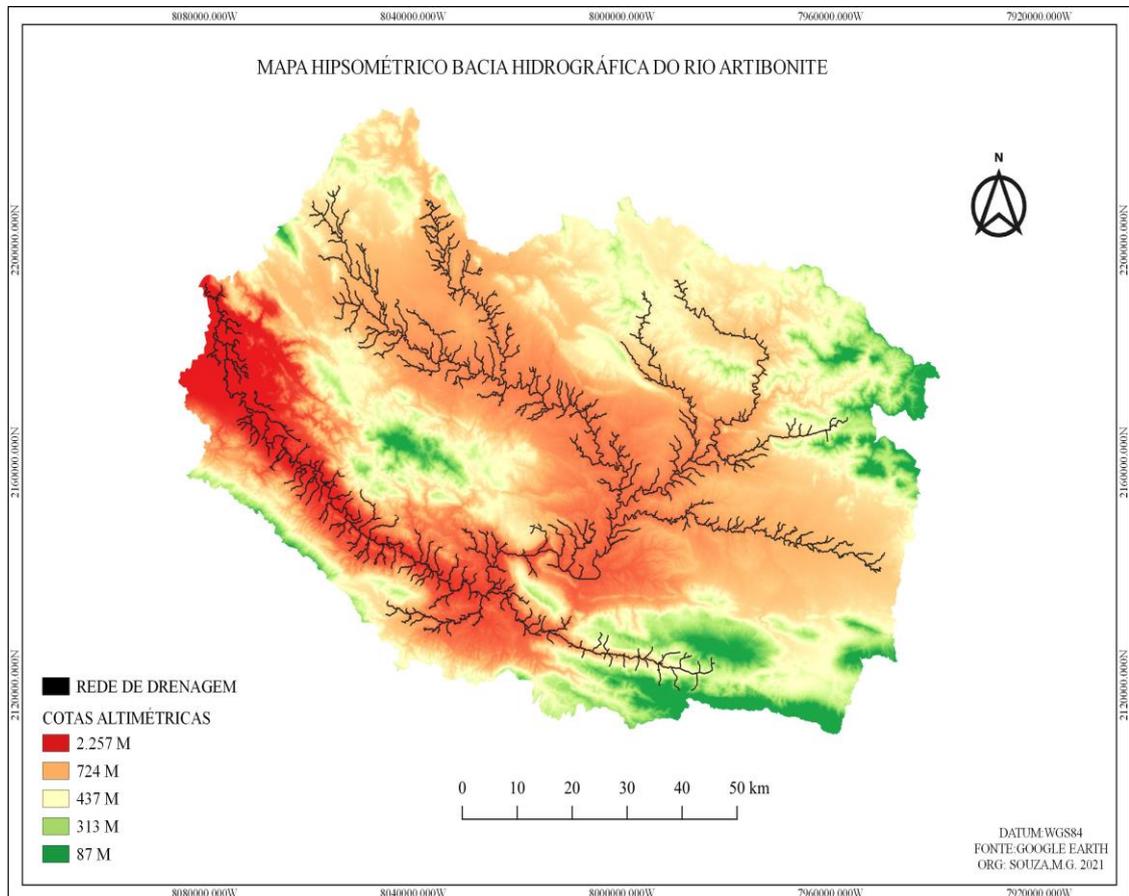


Figura 24- Mapa hipsométrico da bacia hidrográfica do Artibonite

Fonte: SOUZA, M. 2021

A rede hidrográfica à jusante é bastante densa. O rio Artibonite à saída do lago Peligre é o eixo principal da rede, constituído por um conjunto de rios e ravinas, muitos dos quais deságuam diretamente no rio Artibonite.

Os dados pluviométricos, na área da bacia hidrográfica do Artibonite, são condicionados pelo relevo, pela orientação das vertentes e pela altitude. De um modo geral, a precipitação anual na bacia diminui de leste para oeste. Nas áreas elevadas, a precipitação é considerada ultrapassada em 2.600 mm. Nos vales a precipitação anual passa de 2.400 mm, a

cerca de 2.200 mm em Mirebalais e a cerca de 700 mm em Grande-Saline na foz do Artibonite.

3.3. Artibonite: Afluente importante da rede hidrográfica do Haiti

O rio de Artibonite é o maior e o mais importante curso d'água do Haiti, nasce na República Dominicana no Pic Nalga de Maco na cordilheira central a mais de 1000 metros de altitude. Com 321 km de comprimento, é um rio que representa o maior sistema fluvial da ilha do Haiti. Com efeito, são 68 km ou seja 1/3 percorrendo pelo rio na República Dominicana, compartilhando o território haitiano no sentido Leste-Oeste sobre 253 km de comprimento. Os dois principais afluentes da bacia do Artibonite permanecem o rio Macasia do lado dominicano e o rio Guayamouc do lado haitiano.

Esse rio drena a totalidade da bacia hidrográfica do Artibonite, percorrendo 353 km no Haiti e deságua no golfo da Gonave, a oeste do país. Como a maioria dos rios, o Artibonite é pouco profundo, mas tem um escoamento médio dez vezes maior do que qualquer outro. A água está sempre disponível em sistema perene. O que é considerado excelente para as zonas limítrofes deste rio principalmente o vale de Artibonite, a maior zona de produção de arroz do país. É uma potencial fonte da irrigação de terras, representando 40% da área irrigada no país (REDON, 2010). Assegura a sobrevivência de 1 milhão de habitantes e, também é responsável pela produção de 25% da eletricidade no país em relação a barragem hidroelétrica do Peligre. Barragem que foi inicialmente construída entre 1953 e 1956 para proteger as populações contra as cheias, também utilizado como fonte de dessedentação tanto para os humanos quanto para o gado. O rio fica no centro das principais atividades econômicas e domésticas é determinante para a subsistência das famílias. Está a cavalo em diversos departamentos, como o Norte, Centro, Artibonite, Oeste e Noroeste.

3.3.1.- Sua representação para o departamento

Com uma zona de drenagem de 9.500 km², o Artibonite representa o Nilo para o Haiti. Ele rega, inunda, fertiliza, é fonte de água potável, alimentos, energia e, conflitos. Transporta sedimentos, ervas daninhas, doenças, homens e mercadorias. Suas lendas históricas exprimem, folclore, de seus poetas, romancistas e artistas. E assim como no caso do Egito, o Haiti situa-se à jusante desse rio, que traz condições de sustento e sobrevivência para tantas

vidas dessa entidade territorial. Para o departamento de Artibonite, é mesmo o pilar da atividade agrária e cultivo do arroz.

3.3.1.1.- Motor agrícola e econômico

O Haiti é considerado um país com vocação agrícola, pois, este setor ocupa a parte mais importante da sua economia, consistindo senão a principal, a mais destacada fonte de emprego e de rendimento. Durante a fase da colonização francesa, o atual Haiti denomina-se Santo Domingo e, 3/4 da produção mundial de açúcar era assegurado por este país. Considerado a joia da França atribuíram-lhe o nome de Pérola das Antilhas, pelo seu importante papel na emancipação e riqueza da França. Atualmente, estima-se que 25 a 30% do produto interno bruto (PIB) provém do setor agrícola e que este setor ocupa dois terços da população economicamente ativa.

O departamento do Artibonite constitui o celeiro do país na produção de arroz e representa o motor econômico do Haiti com 66 % da produção total desse grão (LEVY, 2001). Nas planícies, a cultura do arroz é predominante, tal como a banana, o chalota e o sorgo. A cultura do milho, da cana-de-açúcar e da mandioca efetiva-se principalmente no nível das montanhas e dos planaltos secos. Já nas montanhas úmidas, são predominantes as culturas do milho, das ervilhas e dos legumes. Artibonite representa 15,5% das explorações agrícolas do país, sendo 29,4% destas explorações, exercidas por mulheres (MARNDR, 2012).

O rio homônimo desempenha, portanto, um papel primordial nesta vocação atribuída ao departamento. Ao percorrer o departamento do Artibonite e o do centro, este rio assegura a irrigação de 32 mil ha de planícies, tornando-as férteis e propícias à agricultura, principalmente o cultivo de arroz. Predominantemente no vale do Artibonite, o arroz é o principal elemento da dieta haitiana. A irrigação permite duas colheitas por ano: uma colheita principal, de outubro a dezembro (colheita da estação das chuvas), e uma de maio a julho (colheita da estação seca).

3.4. Os processos de contaminação do rio e vetor de difusão da doença na região

O sismo de 12 de janeiro de 2010, caracterizou-se como um infortúnio responsável pela perda de mais de 200 mil vidas. Os setores econômicos, político e social foram particularmente afetados e, mais de 1,3 milhões de pessoas ficaram sem teto. Centenas de

milhares foram alojados em campos improvisados na área metropolitana de Port-au-Prince, em tendas — onde as condições de vida eram penosas e as condições sanitárias desumanas, as dificuldades em obter-se a água potável, o saneamento inadequado e a superlotação — compuseram um cenário perfeito para a instalação de uma epidemia, há muito tempo temida, nos acampamentos de sinistrados em Port-au-Prince. Somente dez meses depois da tragédia, um paciente foi internado no hospital de Mirebalais, no departamento de centro, com diarreia e vômito (Figura 25).

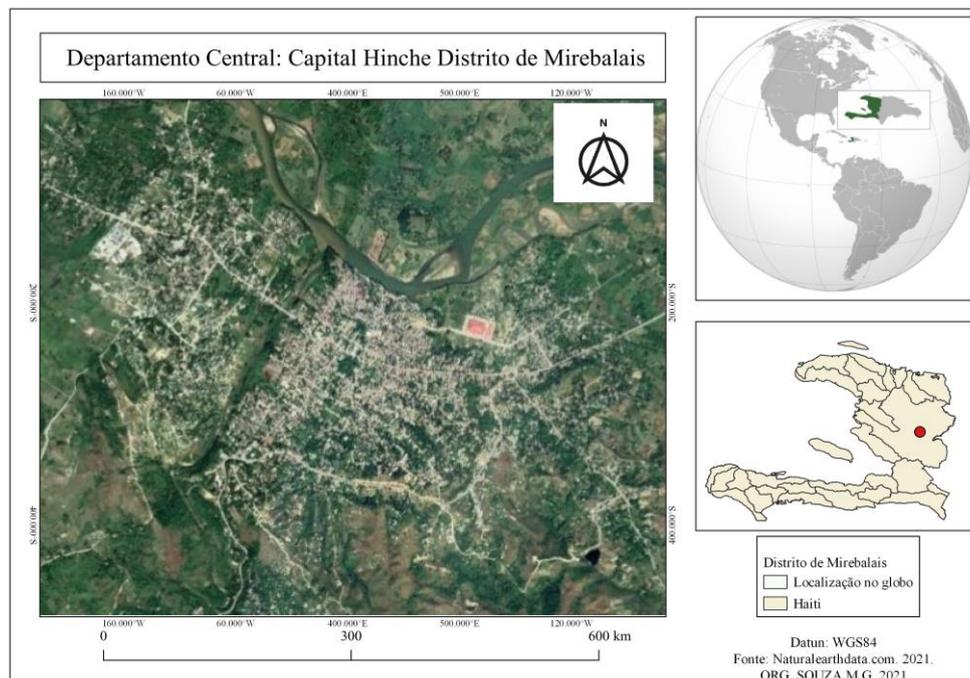


Figura 25- Mirebalais local de partida da epidemia de cólera no Haiti

Fonte: Souza (2021).

Estes sintomas alegam tratar-se de cólera, confirmados com a admissão de outros pacientes com os mesmos sintomas. Isto marca o início de uma epidemia no país e o prolongamento do calvário de um povo que ainda não se recuperou da catástrofe anterior.

A epidemia de cólera deflagrada em outubro de 2010 foi classificada como um fenômeno de extrema intensidade. Para se ter ideia do fato, dados oficiais da Organização Pan-americana de Saúde (OPAS), indicam que tal epidemia foi responsável por 57% dos casos registrados no mundo. As notificações de casos e óbitos construíram um sobrepeso, o calvário haitiano no qual a miséria, o desemprego e a insegurança intensificaram-se sob a ação violenta de bandos armados e milícias.

Ausente há mais de um século no território haitiano⁹, segundo o epidemiologista francês Renaud Piarroux — contrariamente as especulações da teoria do paradigma ambiental — a cólera no Haiti é uma doença de origem humana, importada da Ásia, mais especificamente do Nepal. Neste sentido, há muito tempo, suspeitava-se que os soldados nepaleses tinham introduzido o vírus no país. Todavia, foi preciso esperar mais de seis anos para que o Conselho ONU estivesse consciente de que ações, não planejadas devidamente, contribuíram para calamidade do povo haitiano e por fim, apresentasse as suas desculpas e promettesse uma retribuição financeira e indenizatória às famílias das vítimas.

A cólera é, portanto, a consequência das instabilidades político-sociais provocadas pelo regime do antigo presidente Jean Bertrand Aristide. Estas instabilidades justificaram a criação da MINUSTAH através da Resolução 1542, que define o seu mandato e atribui à ONU o poder de ajudar o Governo haitiano a criar um ambiente seguro e estável, garantir o processo político e, promover direitos humanos. Esta missão, que teve início em junho de 2004, mobilizou contingentes de vários países, sendo o Nepal presente desde início do ano 2005. Entre 09 e 16 de outubro de 2010, o Haiti recebeu do Nepal um contingente de 1075 militares e 203 policiais (SEITENFUS, 2018). Este contingente, proveniente de um país que está a sofrer uma epidemia de cólera, marca o início da pior crise humanitária e de saúde que o Haiti viveu nestes tempos modernos.

A primeira vítima da cólera, notificada em outubro de 2010, foi um morador de Meille, localidade do Distrito de Mirebalais, situado a 2 km ao sul. Esse caso, classificou-se como interno apresentando os sintomas de diarreia aguda e vômito. Ao referir-se a esse paciente, o professor Piarroux, é convincente de que presença do contingente nepalês, alojado na base de Annapurna, provocou a epidemia de cólera no Haiti. Neste contexto, foram tomados em consideração diversos fatores.

Em primeiro lugar, a MINUSTAH não tomou as medidas sanitárias profiláticas que se impunham antes de chegar ao Haiti. O que se define como o “conjunto de métodos que permitem proteger um indivíduo ou uma população contra a difusão de certos males epidêmicos”. Essas medidas incluem, nomeadamente, a imunização, o controle dos vetores de transmissão, o rastreio, o isolamento e o tratamento de casos contagiosos (UNIVERSALIS,

⁹ Algumas fontes revelam que o cólera nunca existiu no Haiti antes de 2010. (CRAVIOTO, A. et al) « Final Report of the Independent Panel of Experts on the Cholera. Outbreak in Haïti» (octobre 2010) en ligne: N.org<<http://www.un.org/News/dh/infocus/haiti/UN-cholera-report-final.pdf>>.

2019). Ora, os contingentes que chegavam ao Haiti estavam isentos de testes de saúde preventivos. O que tinha de ser feito obrigatoriamente no caso dos nepaleses, pois no jornal intitulado *The Himalayan times*¹⁰, informara que o Nepal estava a viver uma epidemia de cólera deflagrada em setembro de 2010, ou seja, um mês antes do primeiro caso notificado em Mirebalais.

Em segundo lugar, o sistema de evacuação das latrinas do campo Annapurna em Meile — onde alojavam-se os soldados nepaleses esteve a falhar — comprometendo o descarte dos resíduos de fezes e urinas. O nome do campo d'Annapurna se refere aos picos das montanhas do Himalaia no centro-norte do Nepal. O poço de estocagem das fezes esteve a céu aberto, desprotegido e perto de um Parque Infantil. Nos dias de chuvas a fossa transbordava e o seu conteúdo era transportado para o rio de Meille que abastecia a população, a montante do rio Artibonite (Figura 22).

Nota-se que no Haiti apenas 52,3% da população recebe água potável. Neste item vale mencionar que as pessoas, nomeadamente aquelas das regiões rurais, possuem uma certa proximidade com a água, utilizando-a diariamente para dessedentação, irrigação dos campos, limpeza do ambiente doméstico, preparo de alimentos, higiene pessoal e lazer. Além disso, esta categoria da população não tem meios para comprar filtros ou soluções cloradas para tratar a água antes do consumo. Uma vez que a descarga das águas contendo o *Vibrião cholerae* no rio de Meille, foi transportada para o rio, este foi o início da propagação desta epidemia no país.

¹⁰ <https://crofsblogs.typepad.com/h5n1/2010/09/nepal-cholera-outbreak-in-kathmandu.html>

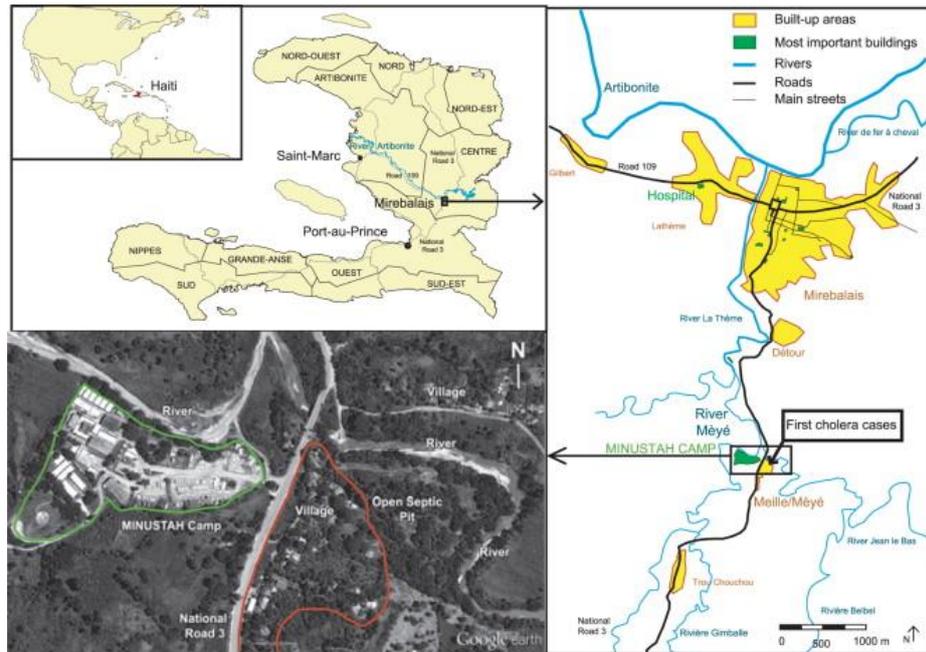


Figura 26- Localização do campo d’Annapurna – MINUSTAH em Meille

Fonte: Google 2021.

A inadequação das instalações sanitárias do campo Annapurna providenciou que águas infectadas, por agentes patogênicos de origem fecal, contaminassem o solo e os cursos de água circundantes. O equipamento destinado a assegurar a qualidade da água foi mantido e armazenado de forma inadequada, ainda que os testes para identificar os agentes patogênicos fecais, não tenha sido aplicado conforme o protocolo de tratamento das águas residuais com cloro. Assim, existe hoje um consenso científico quanto ao fato de, por negligência, os “Capacetes Azuis” contaminaram o rio Artibonite com a bactéria responsável pela cólera através da descarga de resíduos humanos, provocando uma crise sanitária, em grande escala por todo o país.

Em razão deste contexto, a cólera espalhou-se pela aldeia de Meille uma semana após a chegada do contingente nepalês no local. A tubulação que saía da base descarregava diretamente no rio Meille os resíduos fecais, onde a estirpe bacteriana isolada no Nepal foi a mesma que causou a epidemia de cólera no Haiti. A cólera tornou-se explosiva na região do baixo curso fluvial do rio Artibonite, principalmente nos municípios de Grande Saline, Saint Marc, Petite Rivière de l’Artibonite, Desdunes, Dessaline e Verrettes (Figura 27). Nestes municípios as notificações iniciaram-se após a chegada de doentes que fugiram da epidemia que devastou o delta do Artibonite, onde numerosas pessoas dos municípios limítrofes

trabalhavam nos arrozais, pântanos salgados ou construção de estradas. O pânico atingiu esse contingente que saiu de casa partindo para contaminar outros municípios. Estava deflagrada a crise da cólera no Haiti.

As análises efetuadas pelos laboratórios nacionais e internacionais da estirpe ativa no Haiti indicaram que se tratava da forma toxigênica do sorogrupo O1, classificada como sorotipo Ogawa e biotipo El Tor. A transmissão do cólera no Haiti ocorre por meio de três fatores principais ou vias:

- ✓ Hídrica: através da água de consumo;
- ✓ Inter-humano: contacto físico com pessoas contaminadas;
- ✓ Alimentos: através da contaminação de alimentos (frutas, legumes, alimentos crus).

Esses aspectos constituem os principais fatores de riscos da propagação do cólera no Haiti.

O caso do campo de Annapurna não é considerado como um caso isolado. De acordo com um relatório sobre o estado sanitário dos campos da MINUSTAH, publicado pelo The Guardian, 70% dos acampamentos despejam as suas águas residuais na natureza e 10% misturavam-nas com fezes. Os programas de gestão ambiental dos campos da MINUSTAH, especialmente do campo de Annapurna, foi praticamente inexistente, causando prejuízos para a nação haitiana.

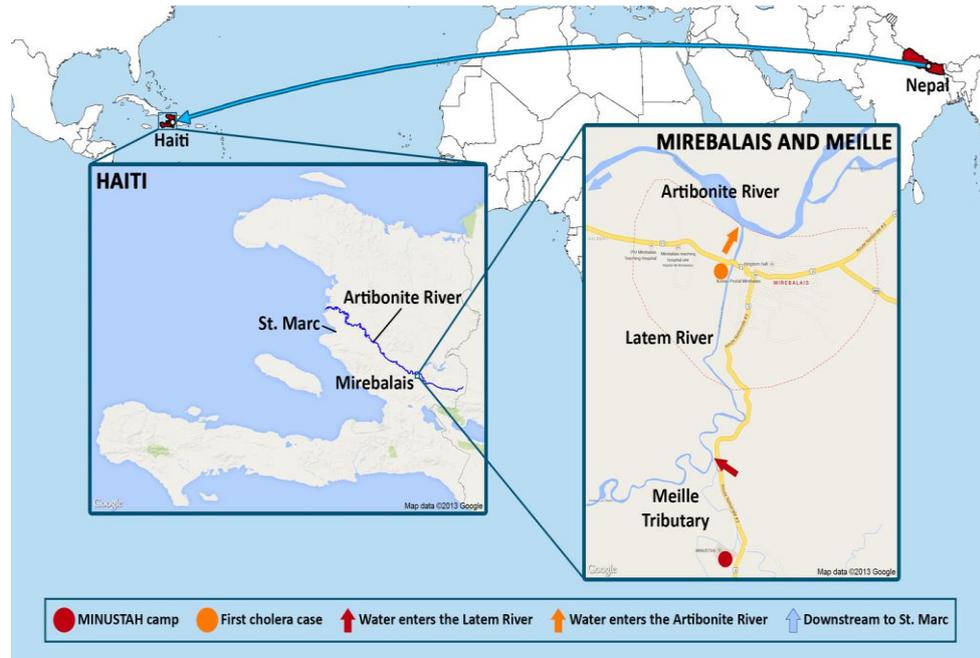


Figura 27- Introdução e propagação da cólera no Haiti

Fonte: Google 2021.

3.5. Os impactos do surto de cólera na escala do departamento

A epidemia de cólera teve um impacto negativo no Haiti e no departamento do Artibonite em particular. Esta epidemia também afetou a República Dominicana, país limítrofe do Haiti, cuja a partilha de fluxos comerciais e de transporte diário são intensos e regulares. Com efeito, a República Dominicana registrou o seu primeiro caso de cólera em novembro de 2010. Nos dois primeiros anos que se seguiram, registaram-se 28.738 casos suspeitos em território dominicano e nada menos do que algumas centenas de mortes, seja exatamente 427 mortes (SEITENFUS, 2015; MSPP, 2013).

Esta diferença na propagação da epidemia nos dois países da ilha de Hispaniola pode ser explicada pelas condições sanitárias pré-existentes na ilha. Para a OPAS, a transmissão da cólera está intimamente ligada à gestão ambiental inadequada (apud FRERICHS, 2015) e também é uma doença ligada ao nível de desenvolvimento dos países onde se expande (GUIMIER, 2011). De acordo com os dados do PAHO, estima-se em 47% a população haitiana que tem acesso aos serviços de saúde e este fraco acesso é compensado pelo uso da medicina tradicional (PAHO, 2017), o resultado é que em cerca de 80% dos casos, a população voltava-se para os cuidados tradicionais (PAHO, 2007). A maioria desse grupo

vive em zonas rurais, onde 13% da população reside em distâncias maiores que 15 km do centro de saúde mais próximo. No início da epidemia no Haiti, estimava-se que 50% dos residentes urbanos e 30% dos residentes das zonas rurais não tinham acesso a água potável, e 83% da população não tinha acesso às instalações melhoradas de eliminação dos excrementos (WHO/UNICEF,2012, apud MSPP, 2012).

No departamento de Artibonite, os agricultores do vale fértil praticam o que os cientistas chamam de defecação aberta. Eles normalmente defecam nos campos e arrozais, o que permite que os resíduos fecais se misturem na água (FRERICHS, 2015).

O nível de serviços em cobertura de água potável também é característico no Haiti por elevadas taxas de fugas nas redes de abastecimento de água potável até 90% em alguns deles, e abastecimento incerto e qualidade duvidosa da água distribuída (MSPP, 2012). A falta de bons hábitos de higiene para a maioria da população, especialmente para aqueles que não têm acesso aos serviços básicos de saúde, está dentre os fatores que favoreceram a rápida propagação da doença no Haiti.

A degradação do ambiente é muito acentuada no Haiti e tem um impacto significativo na disponibilidade e no acesso à água potável, que constitui um fator importante para a saúde e a propagação da cólera. Em todo o país, as más práticas de gestão dos resíduos e a falta de redes de esgotos e de saneamento moderno constituem fatores ambientais que afetam a saúde da população.

Excetuando-se a questão da contaminação da água pelos “Capacetes Azuis” a cólera foi instalada no Haiti em face ao precário sistema de saúde, à falta de tratamento de água, ausência de saneamento básico e uma rede eficaz de saúde pública. Estes mesmos fatores contribuíram para a perenidade do *Vibrião cholerae* no território. A rápida progressão da cólera em um ambiente propício como o do Haiti, transformou essa epidemia em das com mais alta taxa letalidade do mundo, nos últimos anos (SEITENFUS, 2018). Em apenas dois anos (2010-2012) a epidemia causou mais mortes no Haiti do que em todo o continente africano. Os indicadores demonstram 615.459 pessoas com cólera no Haiti, das quais 7.585 morreram, com uma taxa de letalidade de 1,2% (MSPP, 2013). O que representa a epidemia mais vasta do mundo, registrada num único país. De acordo com os epidemiologistas, 3/4 das pessoas infectadas com cólera não apresentam nenhum sinal da doença. Assim, as 819.032 pessoas infectadas registradas pelo Ministério da Saúde Pública e da População (2018) foram as que apresentaram a patologia. Além disso, a violência com que a bactéria atingiu

inicialmente as populações rurais — especialmente as que habitam as mornas, situadas ao longo do vale do Artibonite e, desprovidas de assistência médica e de água potável — ocasionou centenas de vítimas que foram à óbito sem terem sido registradas ou socorridas. O impacto da epidemia de cólera no Haiti demonstra a correlação entre a doença e a falta de acesso à informação e serviços sociais básicos, subnutrição, áreas com alta densidade humana, divisão territoriais, obstáculos geográficos, vulnerabilidade especial de certas zonas face às catástrofes naturais, bem como à inacessibilidade a certos recursos (DAY-CAYER, 2019). A cólera é considerada como um «flagelo dos pobres» (OMS, 2018) e, esses dados epidemiológicos salientam a importância de componentes territoriais e económicas na prevenção da cólera e outras doenças no Haiti.

A epidemia da bactéria colérica seguiu uma rota do centro para o litoral, seguindo o curso de água e atingindo todas as aldeias e cidades ribeirinhas. A ausência de um sistema sanitário adequado, determinou de 2010 a 2018, mais de 9.785 óbitos em território haitiano (MSPP, 2018). Durante os dois primeiros anos pelo menos 164.423 pessoas contraíram a doença na aglomeração de Port-au-Prince, uma zona frágil e que continua a sofrer as consequências desastrosas do sismo que a devastou no início de 2010.

O departamento do Artibonite foi particularmente afetado em outubro de 2010, sendo considerado o epicentro da cólera nos primeiros anos do acontecimento. Tal cenário foi causado pela contaminação do Delta do rio Artibonite, propiciando assim, um carácter explosivo a esta epidemia que gradualmente distribuiu-se por todo o território haitiano, seguindo para a República Dominicana.

O departamento de Artibonite situa-se entre as montanhas e o mar das Caraíbas. Atravessado pelo principal curso de água do país, massivamente contaminado pelo *Vibrião cholerae*, tipo Ogawa, originário da Ásia, instalou-se nos municípios rurais do departamento, particularmente devido à falta de acesso à água potável e à falta de saneamento básico. Com efeito, o departamento do Artibonite distingue-se pela sua fraca taxa de acesso à água corrente e às instalações sanitárias melhoradas. Em 2012, apenas 21% da população de Artibonite tinha acesso a água corrente e 18% tinha acesso a saneamento doméstico melhorado (Banco Mundial, 2018). Esta falta de acesso a estes serviços básicos tem desempenhado um papel importante na contaminação e propagação do *Vibrião cholerae* tanto no departamento como em todo o país.

O cólera teve impactos na economia atingindo os agricultores, a títulos de vítimas indiretas, pois a agricultura depende em grande medida da água. O receio de que os produtos locais fossem contaminados pela bactéria levou à estigmatização destes produtos pelos consumidores. Este fenômeno provocou perdas enormes para o país no plano econômico nas zonas essencialmente agrícolas, bem como diminuição drástica dos rendimentos para os agricultores, que assim foram empobrecendo (CNSA, 2012).

3.6.- As políticas de gestão da epidemia no país e atenuação dos efeitos causada pela a doença

O Haiti já estava de joelhos depois do terremoto que atingiu fortemente a região metropolitana de Port-au-Prince, onde centenas de milhares de pessoas perderam a vida. As infraestruturas importantes danificaram-se, como hospitais, centros de saúde, e serviços básicos como água, eletricidade e saneamento. A situação de sinistro deixada pelo sismo piorou ainda mais em 21 de outubro de 2010, quando, na sequência de testes epidemiológicos, o Governo haitiano declarou oficialmente a existência da epidemia de cólera nos departamentos de Centro e de Artibonite (GUIMIER, 2011). Mas tarde, no dia 19 de novembro 2010, o Ministério da Saúde (MSPP) declarou que a epidemia atingiu todos o departamento geográfico do país. De acordo com os dados oficiais do MSPP, em 2018 registaram-se 4.000 novos casos de cólera, dos quais contabilizou-se 50 mortes. Em janeiro de 2019, o número total de vítimas desta epidemia desde a sua introdução elevou-se a cerca de 820.000 pessoas, das quais mais de 9.800 morreram (MSPP, 2020).

A cólera tinha sido introduzida no Haiti através da ONU, durante a sua missão de manutenção da paz iniciada em 2004, na sequência da demissão do antigo presidente Aristide. Deste modo, os “Capacetes Azuis Nepaleses” responsáveis pelos males que afligem os povos haitianos, vítimas da doença, nunca foram advertidos pela ONU, que sempre lhes negou a culpa nos primeiros anos da epidemia. Só em 2016, após várias manifestações da comunidade haitiana (Figura 28) e a sublevação do assunto por jornalistas e cientistas internacionais — nomeadamente os diferentes pedidos de indenização às vítimas efetuado pelo Gabinete Internacional dos Advogados (BAI em francês) em parceria com o Institute for Justice and Democracy in Haiti (IJDH) junto da ONU — foi afirmado que a Organização das Nações Unidas foi responsável por graves prejuízos físicos e numerosas mortes devidas à cólera no Haiti. A negligência, é culpa grave, imprudente e indiferente, deliberada contra a

saúde e à vida dos haitianos (JOSEPH, 2011). O relatório de Philip Alston, relator especial sobre a extrema pobreza e os direitos humanos qualificou a posição da ONU de «moralmente inadmissível, juridicamente indefensável e politicamente contraproducente» (ALSTON, 2016), fato que levou a ONU a reconhecer a «responsabilidade moral» relativa à epidemia e apresentar, no dia 1 de dezembro um pedido de desculpas oficial ao povo haitiano. Transcrito assim:

«As Nações Unidas lamentam profundamente a perda de vidas humanas e o sofrimento causado pela epidemia de cólera. Em nome das Nações Unidas, quero dizer-vos muito claramente: pedimos desculpa ao povo haitiano. Simplesmente não fizemos o suficiente em relação à epidemia de cólera e à sua propagação no Haiti. Lamentamos profundamente o nosso papel.»

Extrato do discurso do Ban Ki-moon, secretário geral da organização das nações unidas, 01/12/2016.

Na sequência desta declaração, foram tomadas várias medidas pela ONU para responder ao sofrimento das vítimas, incluindo a criação de um fundo de contribuição voluntária em outubro 2016 para responder à crise da cólera. Na sua estratégia de luta contra a cólera no Haiti, a ONU comprometeu-se a colocar as vítimas no centro do processo e a avaliar a viabilidade de uma abordagem individual de assistência às vítimas. Esta estratégia propõe um plano de ação em duas vertentes. A primeira vertente intitulada: Eliminação da cólera no Haiti, visa intensificar os esforços imediatos para travar a transmissão da cólera e melhorar o acesso aos cuidados e aos tratamentos (vertente 1A), bem como abordar as problemáticas a mais longo prazo do acesso à água, ao saneamento e aos cuidados de saúde (vertente 1B). Essencialmente, trata-se de um compromisso com vista a intensificar consideravelmente as iniciativas nacionais e internacionais já em curso e a dotá-las melhor de recursos para fazer face à cólera no Haiti e reduzir a sua incidência.



Figura 28a- Protestos populares nas ruas exigindo a ONU retribuição para as vítimas da cólera

Fonte: Google (2021).



Figura 28b-Protestos populares nas ruas exigindo a ONU retribuição para as vítimas da cólera

Fonte: Google (2021).

A segunda vertente intitulada Desenvolvimento de um dispositivo de ajuda material e financeira visa: mostrar ao povo haitiano que a ONU reconhece o sofrimento causado pela epidemia de cólera e está determinada a oferecer uma ajuda material e financeira aos diretamente afetados, a fim de remediar eficazmente [...] as consequências da doença para os doentes, suas famílias e comunidades. Esta vertente está dividida em dois eixos potenciais, um comunitário e outro individual. A abordagem centrada na comunidade propõe, através de diferentes projetos e iniciativas, o reforço das capacidades locais, a fim de lutar eficazmente

contra os riscos de transmissão da cólera. A abordagem centrada nas pessoas prevê a possibilidade de prestar assistência financeira às famílias das pessoas que morreram de cólera através de pagamentos ou transferências em numerário «sob a forma de um montante fixo por morte, que seria idêntico para cada foco, independentemente da sua dimensão».

As ações da ONU para combater a epidemia não apagam os dramas humanos causados pela cólera e que se perpetuaram no tempo. Estes dramas fazem referência a crianças que se tornaram órfãs e cujas oportunidades futuras foram consideravelmente reduzidas, mulheres, tornaram-se mães monoparentais após a morte do seu cônjuge e pessoas que continuam a sofrer perturbações físicas ou psicológicas, entre outros problemas sociais.

A introdução da cólera através das águas do Artibonite provocou um cenário inigualável na sétima pandemia, com um pico de 4500 casos por dia (PIARROUX, 2016). Abalado pela amplitude desta epidemia, várias medidas foram trabalhadas no nível nacional com vista de gerir esta crise sanitária. O início da epidemia foi reconhecido como a fase de emergência extrema, onde várias ações rápidas foram efetuadas para atenuar os efeitos. Na sequência dessa fase da crise foi criado o Centro de Operações de Emergência Nacional (COUN, sigla em francês), cujo chefe do Estado haitiano na época, o presidente René Garcia Préval assumiu a liderança da coordenação de respostas. Com sede permanente na capital, Port-au-Prince, este centro de operações coordena os trabalhos de campo e supervisão de vigilância sanitária através dos centros de operações de emergência departamentais (COUD), conduzidos pelos delegados e diretores departamentais do Ministério da Saúde Pública e da População (MSPP). Estas COUD são substituídas no nível comunitário pelos Centros Municipais de Operações de Emergência (COUC), os representantes do conselho de administração da câmara municipal (CASEC em francês) e os representantes da assembleia da secção comunal (ASEC, em francês). Toda esta coordenação é apoiada pela sociedade civil e pelo Grupo de Apoio da Comunidade Internacional (GACI).

O Sistema Nacional de Gestão de Riscos e Desastres (SNGRD), junto com a ação principal das estruturas do MSPP, do MICT e da DINEPA, trabalharam para dar uma resposta a esta crise. Como medida assumiu 121518 pacientes através de 138 centros de tratamento de cólera (CTC), 354 unidades de tratamento de cólera e postos de reidratação de soro oral (dados recolhidos em 17 de dezembro 2010).

As autoridades conduziram uma vasta campanha de prevenção através da sensibilização, da educação e da informação das populações nos 10 departamentos do país. O

SNGRD distribuiu também centenas de milhares de kits de higiene e mobilizou recursos importantes em termos humanos (médicos, enfermeiros, agentes de saúde), logísticos e financeiros, a fim de assegurar uma resposta rápida e eficaz da cólera.

Com a ajuda de parceiros, entre os quais o Banco Mundial, o Ministério da Saúde Pública e da População empreendeu várias estratégias para conter a cólera no país. Foi lançado em 2011 o projeto de resposta de emergência à cólera. Com um orçamento de 15 milhões de dólares, este projeto visava melhorar a saúde e as práticas em matéria de higiene, a fim de travar a propagação da doença e reforçar as instituições encarregadas da resposta às epidemias. Várias organizações não governamentais, como o ACTED, ACF, entre outras, iniciaram operações humanitárias junto das populações, distribuindo sais de reidratação, pastilhas de purificação de água, sabão e kits de higiene às famílias potencialmente em risco no departamento de Artibonite em particular.

Como medida a longo prazo de luta para erradicar a cólera no Haiti, o Ministério da Saúde Pública e da População (MSPP) com a assistência da direção nacional da água potável e do saneamento (DINEPA), elaborou o Plano Nacional de Eliminação da Cólera (PNEC). A execução do PNEC é financeiramente apoiada desde 2013 pela UNICEF, a Organização Pan-americana da Saúde (OPAS), do Centers for disease control dos Estados Unidos (CDC). Seguido de outros parceiros como o ACTED, ACF, OXFAM, e SOLIDARITÉS INTERNATIONAL. De 1 outubro 2010 a 30 de junho 2018, mais de 700 milhões de USD tinham sido mobilizados para apoiar este plano (SOLIDARITE INTERNATIONAL, 2019).

O PNEC foi lançado em fevereiro de 2013 e abrange um período de 10 anos (2013-2022) nos domínios da água e do saneamento, do serviço de saúde e da gestão dos cuidados de saúde, da epidemiologia e da promoção da saúde, da higiene e da nutrição.

Segundo este plano, a luta contra a cólera no Haiti assenta-se na sensibilização da população para as boas práticas de higiene e tem a melhoria duradoura do acesso aos cuidados de saúde, à água potável e às instalações sanitárias. Este plano prossegue os objetivos seguintes:

- ✓ Aumentar o acesso à água potável a pelo menos 85% da população;
- ✓ Aumentar o acesso à melhoria das instalações sanitárias e de higiene para pelo menos 90% da população;
- ✓ Aumentar para 90% a recolha dos resíduos domésticos gerados na área metropolitana de Porto-Príncipe e 80% os gerados nas cidades secundárias;

- ✓ Reforçar o sistema de saúde pública para facilitar o acesso aos serviços de saúde a 80% da população;
- ✓ Reforçar a vigilância epidemiológica para a detecção precoce de todos os casos de cólera e outras doenças. Isso será feito através de um sistema de monitoramento integrado, com melhor informação, feedback, administração de informação e regulamento de comunicação;
- ✓ Garantir a investigação das vagas e a resposta ligada às atividades de vigilância;
- ✓ Garantir a forte componente de vigilância do laboratório para seguir os sorotipos e os possíveis genótipos, bem como as eventuais alterações de resistência do *Vibrião cholerae* no Haiti;
- ✓ Intensificar a educação da população em matéria de higiene doméstica e o conhecimento da higiene alimentar, de modo que, em 2022, 75% da população mundial do Haiti tenha conhecimento das medidas de prevenção para a cólera e outras doenças diarreicas;
- ✓ Criar um instrumento de avaliação do impacto das atividades sobre a cólera, as doenças hídricas e, de um modo mais geral, sobre indicadores socioeconômicos, como o absentismo escolar e profissional.

Neste plano estratégico de luta contra a cólera a longo prazo, visa o desenvolvimento sustentável no Haiti. Uma ação relevante, constitui um dos elementos chaves do plano nacional, a instalação das Equipes Móveis de Intervenção Rápida (EMIRA), distribuídas pelos dez departamentos do país, destinam-se a conter e eliminar a doença. Uma equipe móvel ao ser enviada para casa de cada novo paciente notificado, orienta a família e vizinhos a conter qualquer possível novo foco no prazo de 48 horas. Estas equipes direcionam-se a impedir o contágio nas comunidades. O seu modo de funcionamento baseia-se em iniciativas de sensibilização para as boas práticas de higiene e para os métodos de controle da cólera, distribuindo nomeadamente sabão e sais de reidratação, colaborando simultaneamente com as autoridades para melhorar a qualidade da água. Também tratam as latrinas de pacientes com cólera com cloro, para impedir a contaminação.

Esta política de gestão da crise sanitária no Haiti, permitiu a estabilização da epidemia. As curvas de contaminação caíram ao longo dos anos. Com exceção do ressurgimento da epidemia durante o período ciclônico de 2016 no Departamento do Sul, onde 5.800 casos

suspeitos de cólera foram comunicados ao Ministério da Saúde. Após o furacão Mathew, o governo iniciou uma campanha de vacinação nos departamentos do sul e de Grand Anse, os mais afetados pelo ciclone. De acordo com o MSPP, a cobertura da vacina atingiu 94% no departamento de Grand'Anse e 90% no departamento do Sul.

Com muita satisfação a Organização Pan-Americana de Saúde (PAHO) em um comunicado de imprensa declarou que nenhum caso de cólera tinha sido registrado no território haitiano há mais de um ano (PAHO, 2020). O último caso fora relatado em janeiro 2019 no departamento de Artibonite, na comuna de Estere.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Haiti foi abalado por vários episódios de crises desde seu estabelecimento como Estado. Essas crises são relevantes tanto na esfera político-econômica como social e ambiental. A instabilidade política, o domínio estrangeiro, dados sociais trágicos e economia e incipiente, são fatores que comprovam e podem explicar o atual contexto de pobreza, de vulnerabilidade e fragilidade do Estado.

É um Estado frágil, onde a vulnerabilidade crônica o caracteriza permanentemente, e, no que diz respeito a este contexto, o presente estudo teve como objetivo geral analisar a situação de vulnerabilidade socioambiental do Haiti frente a epidemia de cólera.

Essa epidemia sempre foi associada ao tremor da terra que aconteceu 10 meses antes da notificação do primeiro caso de cólera no país, em outubro de 2010, ou seja, o tremor ocorreu em janeiro de 2010 e o primeiro paciente foi registrado somente 10 meses depois da ocorrência de tal sinistro. Nesse acontecimento, além de causar a morte de mais de 220.000 pessoas, danificou-se a rede de adução de água e a de saneamento da região metropolitana de Port-au-Prince. Assim a exposição da população aos riscos de doenças de veiculação e alimentos contaminados e, em especial, aos problemas de hígienes e de saneamento intensificou-se.

Neste sentido, a doença colérica que atacou o Haiti em outubro de 2010 está ligada aos problemas sanitários já existentes. A exposição da população ao precário sistema de saneamento básico, a falta de acesso a água potável, a má condição de hígienne, a insuficiência e a dispersão das infraestruturas sanitárias e hospitalares, além do baixo nível de educação da maioria da população justificam essa problemática.

Essas condições providenciaram a contaminação e a propagação da epidemia, de acordo com os entrevistados do grupo focal, estendendo assim seus conhecimentos e entendimentos sobre a doença e sua origem. A cólera no Haiti é o resultado da introdução do vírus pelos soldados nepaleses no âmbito da missão das Nações Unidas para a estabilidade do Haiti. Amplificada pela degradação ambiental, da poluição dos rios, da baixa cobertura de distribuição de água potável, e da incapacidade administrativa e financeira para prevenir riscos.

São os diferentes períodos de instabilidades que justificam a atuação e a presença da comunidade internacional no território haitiano. Considerando a ocupação americana nos anos

1915-1934 e as diversas missões da ONU desde o início da década 90 até hoje. Além de trazer instabilidade tanto na esfera política como na esfera socioeconômica no seio da República, provoca outras crises. Como a epidemia de cólera por exemplo.

O Haiti é um estado falido que hoje caiu no caos e na violência generalizada. Os problemas que o país enfrenta são estruturais e datam de mais de dois séculos. O primeiro sendo marcado pela pesada dívida de independência que a França forçou o Haiti a pagar afim de reconhecer a sua independência. O segundo século marcado pela ocupação americana, governo populista, golpes de estado, etc. Hoje, além da miséria em que vive a metade da população, o controle de zonas e regiões importantes da capital por gangues armadas, gera pânico e medo na população. Neste contexto, a migração de jovens haitianos em diversos horizontes é uma consequência direta da falência do país. O Haiti já não está ao serviço da sua população refém de bandos armados.

As investigações sobre a origem da epidemia colérica no Haiti concluíram que a existência dessa catástrofe de saúde associava-se aos resíduos fecais do contingente nepalês no âmbito da missão para a estabilidade do Haiti (MINUSTAH), estabelecida pela ONU desde o ano 2004. Entre os meses referentes a outubro de 2010 e janeiro de 2019, a epidemia causou o óbito de cerca de 10.000 pessoas e contaminou mais de 820.000 no território haitiano, informação registrada pelo Ministério de Saúde Pública e da População. Isto equivale a uma taxa de infecção de 6,5% da população total do país.

Esta missão durou 13 anos no Haiti e longe de resolver as crises decorrentes das instabilidades políticas trouxe consigo uma nova crise, a sanitária, que prejudicou a vida de muitas pessoas. Neste contexto, podemos considerar a ação da ONU através da MINUSTAH como mais um exemplo de fracasso da comunidade internacional nos casos de crise do país. Pois, desde o início das suas intervenções nos anos 1990 até nos dias de hoje, os mesmos problemas ainda persistem. Portanto, é importante para o Haiti recuperar sua autonomia.

No que diz respeito a essa crise sanitária, a ONU sempre negou a sua implicação na introdução da epidemia no Haiti. Em vez disso, insistiu no fato de que o Haiti é um país subdesenvolvido e apontou as más condições do ambiente, criando assim um espaço propício a desenvolvimento da doença. Mas os fatos testemunham a culpa da ONU na introdução da cólera no país, considerando que as medidas profiláticas não foram tomadas na entrada dos contingentes militares. Esta negligência permitiu então a importação da cólera para o Haiti, bem como a sua propagação em escala nacional. Isto é considerado como uma violação a

múltiplos direitos humanos fundamentais da população, incluindo o direito à vida, à dignidade e à saúde.

O departamento de Artibonite foi o centro dos debates sobre a pandemia nos primeiros momentos da crise. Pois, foi através do seu principal curso d'água que a epidemia se propagou. Considerado como o epicentro da epidemia, esse departamento apresenta condições propícias para certa doença. Registram-se baixa taxa de cobertura em água potável e de saneamento. As autoridades devem trabalhar para melhorar as condições sanitárias e ambientais da cidade. Como já está previsto no Plano Nacional de Eliminação da Cólera no país. Deve-se focar na criação e na manutenção das redes de adução de água potável, no sistema de esgoto para a circulação das águas servidas sem risco de contaminar os lençóis freáticos e também colocar latrinas públicas para evitar a defecação ao ar livre. Acentuar as coletas e tratamento dos resíduos para cuidar da limpeza urbana e, assim reduzir a poluição ambiental. Um programa de educação ambiental nas escolas para ensinar boas atitudes no ambiente é importante na luta contra epidemia. São muitas medidas que devem ser adotadas para melhorar as condições sanitárias e de vida da população haitiana. Sobretudo com a nova pandemia da Covid-19 que o mundo está enfrentando, muitos esforços devem se manter para continuar a luta contra certas epidemias do passado e também para a luta contra o atual Coronavírus.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, D. **Modelos de vulnerabilidade social a desastres**. Revista Crítica de Ciências Sociais, v.93, p.9-29, 2011.
- ALSTON, P. **Report of the Special Rapporteur on extreme poverty and human rights**, Doc off AG NU, 71e sess, Doc NU A/71/40823, 2016.
- ALVES, H.P.F. **Vulnerabilidade socioambiental na metrópole paulistana: uma análise sociodemográfica das situações de sobre posição espacial de problemas e riscos sociais e ambientais**. Revista Brasileira de Estudos Populacionais, v.23, n.1, p.43- 59, 2006.
- ANGLADE, G. **Atlas critique d'Haïti**. Groupe d'études et de recherches critiques d'espace, Département de géographie, UQAM. Centre de recherches caraïbes de l'Université de Montréal, 79 p, 1982.
- ASSISTANCE PUBLIQUE HOPITAUX DE MARSEILLE. **Le Choléra en Haïti. Historique de l'épidémie et de lutte. Perspectives. Recommandations**, 2016. <http://www.deadlyriver.com/pdf/Rapport%20Cholera%20en%20Haïti%20Juillet%202016%20Final.pdf>.
- BANQUE MONDIALE. **Regarder Au-Delà de la Provision par le Gouvernement des Services en Eau et Assainissement:Les Choix et Pratiques des Plus Vulnérables en Haïti**, 2018.
- Beck, U. **La société du risque. Sur la voie d'une autre modernité**, Paris, Aubier, première édition : 1986, 521 p. 2001.
- BECERRA, S. **Vulnérabilité, risques et environnement : l'itinéraire chaotique d'un paradigme sociologique contemporain**, *Vertigo - la revue électronique en sciences de l'environnement* [En ligne], Volume 12 Numéro 1 | mai 2012, mis en ligne le 29 mai 2012, consulté le 05 juillet 2020. URL: <http://journals.openedition.org/vertigo/11988>; DOI: <https://doi.org/10.4000/vertigo.11988>
- BELLEMARE, F. A. **Migrations et fuite des cerveaux dans les économies insulaires caribéennes: élément de réflexion**. Etudes caribéenne [en ligne], 16|Aout 2010, mis en ligne le 15aout2010.URL :<http://journals.openedition.org/etudescaribeennes/4702> ;DOI : <http://doi.org/10.4000/etudescaribeennes.4702>
- BERSANI, A.E. **Chache lavi Deyò: uma reflexão sobre a categoria refúgio a partir da diáspora haitiana no Brasil**. cadernos de campo, São Paulo, n. 25, p. 383-399, 2016.
- BERTRAND, M; AUDEBERT,C. **La diaspora haïtienne. Territoires migratoires et réseaux transnationaux**, *e-Migrinter* [En ligne], 11 | 2013, mis en ligne le, consulté le 30 avril 2019.URL:<http://journals.openedition.org/e-migrinter/273>
- BLAIKIE, P; CANNON, T; DAVIS, I; WISNER, B. **Vulnerabilidad. El entorno social, político y económico de los desastres**, Primera Edición, La RED, 1996. [En ligne] URL : http://www.desenredando.org/public/libros/1996/vesped/vesped-todo_sep-09-2002.pdf.

BODIN, J. **Les Six livres de la République de J. Bodin Angevin. À Monseigneur du Faur, Seigneur de Pibrac**, Conseiller du Roy en son Conseil privé, À Paris, Chez Jacques du Puys, Libraire Juré, à la Samaritaine, 1576.

BOSERUP, E. **Evolution agraire et pression démographique**, Cambridge, Cambridge Geographic Studies, 1965.

BRASIL. Lei nº 11.445, de 5 de janeiro de 2007. Lei de diretrizes nacionais para o Saneamento Básico. Diário Oficial da União. 11 Jan 2007.

BRAUMAN, R. **La peste et le Cholera**. Alternatives internationales, no060, 01/09/2013.

BROOKS, K.N; GREGERSEN, H.M; FOLLIOTT, P.F; TEJWANI, K.G. **Watershed management: A key to sustainability**. In (N.P. Sharma ed.). Managing the world's forests. Looking for balance between conservation and development. Kendall/Hunt Publishing company. Iowa, 605 p.1992

CAMARA, I. P. L. **Em nome da democracia: a OEA e a crise haitiana 1991-1994**, FUNAG, Brasília, 239 p, 1998.

CANNON, T; TWIGG, J; et all. **Social vulnerability, sustainable livelihoods and disasters**. Report to DFID conflict and humanitarian assistance department (CHAD), 2003.

CASTRO, A.L.C.; CALHEIROS, L.B. **Manual de medicina de desastres**. Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional de Defesa Civil. Brasília: MI, 2007.

CENTRE D'ACTUALITES DE L'ONU. Haïti: Ban Ki-Moon présente les excuses de l'ONU et propose un nouveau plan de lutte contre le choléra (1er décembre 2016) en ligne: UN.org <<http://www.un.org/french/newscentre/>>.

CENTRE D'ACTUALITES DE L'ONU. L'ONU établit un Fonds multipartenaires pour la réponse au choléra en Haïti » (17 octobre 2016) en ligne: UN.org <<http://www.un.org/french/newscentre/>>.

CHAVES, S.V.V. **A vulnerabilidade socioambiental em Teresina**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) 176f – Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal do Piauí, Piauí 2009

CIAT. **Atlas des menaces naturelles en Haïti**. Bibliothèque nationale d'Haïti, Février 2016.

CIAT. **Objectifs et stratégies territoriale pour la reconstruction**. Bibliothèque nationale d'Haïti, Mars 2010.

CNSA. **Perspectives sur la sécurité alimentaire**. janvier à juin 2012 en ligne : reliefweb.int<https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/Rapport%20complet_69.pdf>,p.7.164, 2012.

CODE RURAL. 1984, en ligne : agriculture. gov.ht <http://www.agriculture.gov.ht/view/OI/IMG/pdf/Code_Rural_1984.pdf>, art. 140.

- COLWELL, R. **Global climate and infectious diseases: The colera paradigm.** Science, New series, Vol.274, No.5295, 1996.
- COSTA, M.C.N; TEIXEIRA, M.G.L.C. **A concepção de espaço na investigação epidemiológica.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 15(2):271-279, abr-jun,1999.
- CRAVIOTO, A. et al. **Final Report of the Independent Panel of Experts on the Cholera Outbreak in Haïti.** (octobre 2010) en ligne: UN.org < <http://www.un.org/News/dh/infocus/haiti/UN-cholera-report-final.pdf>>.
- CUTTER, S; BORUFF, B; et all. **Social vulnerability to environment hazard.** Social Science Quarterly, February 2003.
- DAUDET, Y. **L'ONU et l'OEA en Haïti et le droit international.** In: Annuaire français de droit international, volume 38, pp. 89-111, 1992.
- DAUPHINE, A. **Risques et catastrophes.** Observer-spatialiser-comprendre-gérer. Paris, Armand colin, 288p, 2003.
- DAY-CAYER, S. **Entre inaction, immunité et impunité- le cadre juridique des missions de paix Onusiennes en matieres de responsabilité internationale : Le cas Haitien.** Université du Quebec a Montreal, Mémoire de maitrise, Octobre 2019.
- DEVEAU, J. M. **La traite transatlantique IN La traite negriere, l'esclavage et leur abolition : mémoire et histoire.** Colloque national, 2006.
- DIAMOND, J. **Collapase: how societies chose to fail or succeed.** New York, Viking, 592 p, 2005.
- EMMANUEL, E ; LINDSKOG, P. **Regard sur la situation des ressources en eau de la République d'Haïti,** 2000.
- FABIANI, J.L ; Theys, J. **La société vulnérable. Évaluer et maîtriser les risques,** Paris, Presses de l'Ecole Normale Supérieure, 674 p, 1987.
- FABIANI, J.L. **Repères : Risques et environnement : recherches interdisciplinaires sur la vulnérabilité des sociétés,** *Natures Sciences Sociétés* 18, pp. 473-496, 2010.
- FLEURIMA,R. **A migração internacional e a diáspora haitiana: desenvolvimento socioeconômico no Haiti no período de 2005 – 2015.** Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Amapá. 127 f. Macapá:2019.
- FREITAS, W.R.S; JABBOUR, C.J.C. **Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões.** ESTUDO & DEBATE, Lajeado, v. 18, n. 2, p. 07-22, 2011.
- FRERICHS, R.R. **Deadly River: Cholera and Cover-Up in Post-Earthquake Haiti.** (The Culture and Politics of Health Care Work). Cornell University Press. Kindle Edition, 2015.
- FRERICHS, R. R; KEIM, P. S; BARRAIS, R; PIARROUX. R. **Nepalese origin of cholera epidemic in Haiti.** 2012.

GONÇALVES, I.A. **A academia em luta: O debate na literatura sobre a participação do Brasil**- Universidade Federal de São Carlos. SP: 2011

GRANGER, S. **L'Amazonie brésilienne, nouvelle interface migratoire entre les caraïbes et l'Amérique du sud ?** Mercator, Fortaleza, v.13, n.1, p.7-17, jan./abr.2014

GUIMARÃES, B.F; SANTOS, J. S. **Relação do cólera com a construção identitária da cidade de Pocinhos**. Revista Tarairiú, Campina Grande - PB, Ano VIII– Vol.1 - Número 16 – p. 18-27, 2020.

GUIMIER, L. **L'épidémie de cholera en Haïti : Lecture géopolitique d'un enjeu de santé publique**. La Découverte | «Hérodote» 2011/4 n° 143 | pages 184 à 206

HAÏTI. PDNA du tremblement de terre-évaluation des dommages, des pertes et des besoins généraux et sectoriels, 2010.

HAÏTI-OEA. **Projet d'aménagement et de conservation des sols et des eaux dans le bassin du Haut Artibonite (PHASE I)**. volume I, rapport général, République d'Haïti, Programme de développement de la zone frontalière et secrétariat de l'Organisation des États Américains, 256 p. 1987

HAÏTI-OÉA. République d'Haïti, ministère de l'Agriculture, des ressources naturelles et du développement rural, Organisme de développement du Bassin du Fleuve Artibonite (ODBFA). **Programme de développement de la zone frontalière, Projet d'aménagement et de conservation des sols et des eaux dans le bassin du haut Artibonite (phase 1), volume 1, Rapport général**, Secrétariat Général de l'Organisation des États Américains, août 1987.

HAMANN, E. P; TEIXEIRA, C. C. A. R. **A participação do Brasil na MINUSTAH (2004-2017): percepções, lições e práticas relevantes para futuras missões**. Instituto Igarapé, centro conjunto de operação de paz do Brasil, 2017.

HAMANN, E. P. **A participação da América Latina e do Caribe nas operações de paz da ONU**. Instituto Igarapé, Revista Dialogo, de 2018.

HELLER, L. **Relação entre saúde e saneamento na perspectiva do desenvolvimento**. Ciência e Saúde coletiva, 3(2):73-84, 1998.

INSTITUT HAITIEN DE STATISTIQUE ET D'INFORMARIQUE (IHSI), 2015 - Population totale, de plus de 18 ans et plus. Ménages et densités estimés en 2015. Consultable sur : http://www.ihsi.ht/pdf/projection/Estimat_PopTotal_18ans_Menag2015.pdf

JOHNSON, S. **O Mapa Fantasma: como a luta de dois homens contra o cólera mudou o destino de nossas metrópoles/** Steven Johnson; tradução, Sergio Lopes. -Rio de Janeiro: Jorge ZaharEd.,2008

JOSEPH, M. et al. *Petition for Relief* (3 novembre 2011), en ligne: ijdh.org <<http://ijdh.org/wordpress/wp-content/uploads/2011/11/englishpetitionREDACTED.pdf>>.

KOBIYAMA, M. *et al.* **Prevenção de desastres naturais: conceitos básicos**. Curitiba: Organic Trading, 2006.

LANTAGNE, D. Entrevista ao Jornal SUL 21 em 23 de outubro de 2012. Acesso em 30 de setembro de 2020. <https://www.sul21.com.br/noticias/2012/10/estudo-cientifico-responsabiliza-a-onu-por-epidemia-de-colera-no->

LESSA, M.A.G. **A participação dos contingentes do exercito Brasileiro na missão de estabilização das Nações Unidas no Haiti (MINUSTAH)**. Dissertação de mestrado apresentada a escola brasileira de administração pública, Rio de Janeiro, 2007.

LEVY, M. **Conflits terriens et réforme agraire dans la plaine de l'Artibonite (Haïti)**, *Cahiers des Amériques latines*, 36 | 2001, 183-206.

MALTHUS, T. **Essai sur le principe de population**. Paris : Éditions Gonthier, 1963, 236 pages. Collection : Bibliothèque Médiations.

MARCELINO, P. F. **Si proches et si lointaines :Les diasporas haitiennes aux caraibes**. Rapport de recherche, 2013.

MENDONÇA, F. A. **Geografia socioambiental**. Terra livre, São Paulo, n16, p,139-158, 2001.

METZGER, P ; D'ERCOLE, R. **Enjeux territoriaux et vulnérabilité : une approche opérationnelle**. Colloque interdisciplinaire “ Vulnérabilités sociétales, risques et environnement : comprendre et évaluer”, Université de Toulouse Le Mirail; Université Paul Sabatier; CNRS; OMP; GEODE; CERTOP;LMT; Ministère de l'écologie du développement et de l'aménagement durables; Région Midi-Pyrénées, May 2008, Toulouse, France.

METZGER, P ; D'ERCOLE, R. **Les risques en milieu urbain : éléments de réflexion**, *EchoGéo*[En ligne], 18 | 2011, mis en ligne le 06 décembre 2011, consulté le 30 avril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/echogeo/12640> ; DOI : 10.4000/echogeo.12640

MINISTERE DE L'AGRICULTURE DES RESSOURCES NATURELLES ET DU DEVELOPPEMENT (MARNDR). **Synthese nationale des resultats du recensement general de l'Agriculture (RGA)**. Damien, Port-au-Prince, Haiti, 2012.

MINISTERE DE LA SANTE PUBLIQUE ET DE LA POPULATION. **National Plan for the Elimination of Cholera in Haiti, 2013–2022**. Port-au-Prince: MSPP, 2013.

MOREAU DE SAINT-MERY, M. L. E., 2004 [1797] – **Description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie française de l'Isle de Saint-Domingue**. Paris, Société française d'histoire d'outremer, 3 vols.

NERI, M. C. **Trata Brasil: Saneamento e Saúde**, [2007]. Rio de Janeiro: FGV; IBRE; 2008.

NWOSU, C; BATALOVA, J. **Haitian immigration in the United States in 2012**. Migration information source, May 2014.

OFFICE FOR THE COORDINATION OF HUMANITARIAN AFFAIRS (OCHA). **Rapport de situation**, 2019

OFFICE FOR THE COORDINATION OF HUMANITARIAN AFFAIRS (OCHA). Aperçu des besoins humanitaire, Haïti, 2020.

OFFICE FOR THE COORDINATION OF HUMANITARIAN AFFAIRS (OCHA). Profil humanitaire départemental Haïti – Artibonite (mars 2012) 65 Disponible em:https://minustah.unmissions.org/sites/default/files/old_dnn/pdfs/ocha/OCHA_ProfilDep_Artibonite.pdf>.

ORGANISATION INTERNATIONALE DE LA MIGRATION. Défis, enjeux et politiques : migrations, environnement et changement climatique en Haïti, 2015

ORGANISATION MONDIALE DE LA SANTE. Strategies de cooperation, 2017.

ORGANISATION MONDIALE DE LA SANTE. Le choléra: Normes de surveillance des maladies évitables par la vaccination (septembre 2018), en ligne: [who.int<https://www.who.int/immunization/monitoring_surveillance/burden/vpd/WHO_Surveillanca_Vaccine_Preventable_02_Cholera_French_R1.pdf>](https://www.who.int/immunization/monitoring_surveillance/burden/vpd/WHO_Surveillanca_Vaccine_Preventable_02_Cholera_French_R1.pdf), p. 3.

OXFAM-QUEBEC. **Gestion intégrée du bassin versant binational de l'Artibonite** : Etude diagnostique synthétique de la partie basse du fleuve Artibonite. December 2007.

PALMA, M. **A importância da participação do Exército Brasileiro na Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti como forma de projeção do poder e manutenção de sua operacionalidade.** / Marcelo Palma. 2018. 60 f. il; 30 cm. Trabalho de Conclusão do Curso - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Rio de Janeiro. 2018.

PAN HEALTH ORGANIZATION. Health in the America. Scientific and Technical Publication No. 622, volume I, 2007.

PAUL, B. **Migration et pauvreté en Haiti:impactes économique et sociaux des envois de fonds sur l'inégalité et la pauvreté.** Groupe d'Economie et Développement (GDR) du Laboratoire d'Analyse et de Recherche Economiques – Economie et Finance Internationale (Lare-Efi) de l'Université Bordeaux 4, le jeudi 16 octobre 2008.

PESSOA,Z.S.A **metrópole periférica: identidade e vulnerabilidade socioambiental na Região Metropolitana de Natal-RN/Brasil.** 2012. 276f. Tese (Doutorado em Ambiente e Sociedade) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PIARROUX, R; BARRAIS, R. **Understanding the cholera epidemic in Haiti.** Emerging Infectious Diseases • www.cdc.gov/eid • Vol. 17, No. 7, July 2011

PIARROUX, R; REBAUDET, S. **Le cholera en Haiti:historique de l'épidémie et de la lutte, perspectives et recommandation.**Assistance publique-hospitale de Marseille ((APHM),Juillet 2016.

PROGRAMME DES NATIONS UNIS POUR LE DEVELOPPEMENT. Rapport sur le développement humain. 2019 Disponible dans ce lien

http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr_2019_overview_-_french.pdf, Acesso

em

07/07/2020

PROGRAMME DES NATIONS UNIS POUR LE DEVELOPPEMENT. **Haïti, ensemble face aux risques**. Réalisation en matière de gestion de risque et de désastres depuis 2010. Gouvernement d'Haïti, 2010-2015.

POULIGNY-MORGANT, B. **L'intervention de l'ONU dans l'histoire politique récente d'Haïti, Pouvoirs dans la Caraïbe** [En ligne], 10 | 1998, mis en ligne le 09 mars 2011, consulté le 14 novembre 2019. URL : <http://journals.openedition.org/plc/576> ; DOI : 10.4000/plc.576

PREPETIT, C. **Séisme en Haïti**. Editions de l'Université d'Etat d'Haïti, Port-au-Prince, 2011.

PREPETIT, C. **La menace sismique en Haïti, hier, aujourd'hui et demain : Pour que la menace ne soit plus oubliée**. Editions de l'Université d'Etat d'Haïti, Port-au-Prince, 2011.

QUENAULT, B. **Retour critique sur la mobilisation du concept de résilience en lien avec l'adaptation des systèmes urbains au changement climatique**, EchoGéo [En ligne], 24 | 2013, mis en ligne le 10 juillet 2013, consulté le 30 avril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/echogeo/13403> ; DOI : 10.4000/echogeo.13403

QUENAULT, B. **Vulnérabilité et résilience au changement climatique en milieu urbain : vers de nouvelles stratégies de développement urbain durable ?** Programme interdisciplinaire de recherche Ville et Environnement - AAP 2009- Rapport de recherche – 31 mai 2011.

QUENAULT, B. **La vulnérabilité, un concept central de l'analyse des risques urbains en lien avec le changement climatique**. In: Les Annales de la recherche urbaine, N°110, 2015. Ville et vulnérabilités. pp. 138-151; doi : 10.3406/aru.2015.3175 http://www.persee.fr/doc/aru_0180-930x_2015_num_110_1_3175

RAZZOLINI, M. T. P; GÜNTHER, W. M. R. **Impactos na saúde das deficiências de acesso a água**. Saúde Soc. 2008; 17(1): 21-32.

ROCHA, A. J. R. **Missões de paz em Estados frágeis: elementos para se refletir sobre a presença do Brasil no Haiti**. Brasília, 2008.

ROGGERO, M. A; ZIGLIO, L; MIRANDA, M. **Vulnerabilidade socioambiental, análise de situação de saúde e indicadores: implicações na qualidade de vida no município de São Paulo**, *Confins* [En ligne], 36 | 2018, mis en ligne le 01 juillet 2018, consulté le 02 mai 2019. URL: <http://journals.openedition.org/confins/13774>; DOI: 10.4000/confins.13774

SAMPAIO, C. **Saúde, ambiente e doenças reemergente: A dengue no Amazonas**. Dissertação de mestrado UFAM, 2018.

SEITENFUS, R. **Elementos para uma Diplomacia Solidária: a crise haitiana e os desafios da ordem internacional contemporânea**. Carta Internacional. USP, Março de 2006.

SEITENFUS, R. **L'échec de l'aide internationale a Haïti: Dilemmes et égarements.** Editions de l'université d'Etat d'Haïti, 2015.

SEITENFUS, R. **De Suez ao Haiti: a participação brasileira nas operações de paz.** O Brasil e a ONU. Brasília: FUNAG, p. 39-58, 2008.

SEITENFUS, R. **Les Nations Unies et le choléra en Haïti: coupables mais non responsables ?** (French Edition). Kindle Edition, 2018.

SOARES, G. O. **O Brasil nas missões de paz da ONU: Minustah.** Revista Jus Navigandi, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 21, n. 4865, 26 out. 2016. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/53133>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SOLIDARITE INTERNATIONAL. **Haiti: la lutte contre le cholera.** Fiche technique, 2019.

SOUZA, K. R. G.; LOURENÇO, L. **A evolução do conceito de risco à luz das ciências naturais e sociais.** Revista Territorium, 22. Portugal: 2015

SOBRAL, A. FREITAS, C. M, et al. **Desastres naturais-sistema de informação e vigilância: uma revisão da literatura.** Epidemiol. Serv. Saúde, *Brasília, 19(4):389-402, out-dez 2010.*

SORRE, M. **Adaptação ao meio climático e biossocial-geografia psicologia.** IN:MEGALE, J. F (Org). Max Sorri SP: Atica,1984.

TAMRU, B ; REDON, M. Introduction, Les Cahiers d'Outre-Mer [En ligne], 279 Janvier-Juin, mis en ligne le 01 janvier 2019, consulté le 20 mai 2020. URL: <http://journals.openedition.org/com/9797>

TEIXEIRA, R. L. P; PESSOA, Z. S. **Vulnerabilidade e riscos: um estudo da gestão de riscos e desastres naturais em Natal/RN sob a ótica da Defesa Civil Municipal de Natal.** Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2017.

TEIXEIRA, N. F. F; SILVA, E. V; FARIAS, J. F. **Geoecologia das paisagens e planejamento ambiental: discussão teórica e metodológica para a análise ambiental.** Planeta Amazônia: Revista Internacional de Direito Ambiental e Políticas Públicas. Macapá, n. 9, p. 147-158, 2017.

TRICART, J. **Ecodinamica.** Rio de Janeiro, IBGE, Diretoria técnica, SUPREN, 97p. 1977. United States Corps of Engineers Water Assessment Mission. The Water Situation in Haiti, A Presentation on CAMEP and SNEP. Port-au-Prince, April 1998.

VEYRET, Y. **Os riscos, o homem como agressor e vítima do ambiente.** Editora Contexto. São Paulo: 2007.

VERON, J. **La moitié de la population mondiale vit en ville.** Population et Sociétés, n^o 435, Ined , juin 2007.

VIEGAS, M. **A ATUAÇÃO RECENTE DO CONSELHO DE SEGURANÇA E O BRASIL.** O Brasil e a ONU/Fundação Alexandre de Gusmão. – Brasília: FUNAG, 252p. 2008.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – Water, Sanitation and Hygiene Links to Health. November, 2004.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Preventing disease through healthy environments: towards an estimate of the environmental burden of disease. Genève: WHO; 2006.

WORLD BANK. Haiti earthquake PDNA (Post-Disaster Needs Assessment): assessment of damage, losses, general and sectoral needs. Washington, DC: World Bank, 2010.

WORLD BANK. **Migration and Remittances fact book**. Migration and Remittances Unit. Washington DC, 2011.

XAVIER, A. I; RODRIGUEZ, A. L. **A organização das nações unidas**. HUMANA GLOBAL—Associação para a Promoção dos Direitos Humanos, da Cultura e do Desenvolvimento, abril 2007.

ZENELLA, C. K. **ONU introduz cólera no Haiti**. Le Monde Diplomatique Brasil. 2012. Professora universitária, vice coordenadora do Projeto Brasil-Haiti e doutoranda em Estudos Estratégicos Internacionais pela UFRGS. Disponível em: <http://www.fadisma.com.br/acaopelohaiti>. Acesso em 12/11/2021.